

SHIGERU KOJIMA

UM ESTUDO SOBRE OS JAPONESES
E SEUS DESCENDENTES
EM CURITIBA

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História Social do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre.

CURITIBA

1991

Aos meus pais

AGRADECIMENTOS

À orientadora da dissertação, Professora Altiva Pilatti Balhana por seu incentivo e pela dedicação.

Às professoras da banca examinadora - Professora Arlinda Rocha Nogueira e Professora Elvira Mari Kubo - agradeço pelas observações e críticas.

Agradeço também aquelas pessoas cuja colaboração foi indispensável para a realização deste trabalho.

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u>	1
<u>TEMÁTICA E METODOLOGIA</u>	4
<u>DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DA POPULAÇÃO</u>	
<u>JAPONESA EM CURITIBA</u>	12
<u>HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO JAPONESA EM CURITIBA</u>	16
<u>UNIVERSO DOS GRUPOS PESQUISADOS</u>	
GRUPO ISSEI	35
GRUPO NISSEI	46
GRUPO SANSEI	54
<u>ANÁLISE COMPARATIVA POR GERAÇÃO</u>	
PROFISSÃO	58
GRAU DE INSTRUÇÃO E PROBLEMAS DE EDUCAÇÃO	67
CASAMENTOS INTERÉTNICOS	74
PRIMOGENITURA E FAMÍLIA	143
RELACIONAMENTO SOCIAL	148
RELIGIÃO	152
LÍNGUA E ESCOLA JAPONESAS	165
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	174
<u>ANEXOS</u>	182
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	190

LISTA DE QUADROS

01	Lugar de origem(naturalidade)	36
02	Profissões	42
03	Profissão do pai	44
04	Curso superior(issei)	45
05	Naturalidade dos nisseis	47
06	Idade na chegada em Curitiba(nissei)	48
07	Naturalidade por estados(nissei)	51
08	Grau de instrução (percentagem do curso superior)	51
09	Preferência dos cursos	53
10	Naturalidade dos sanseis	55
11	Atividade por setores	59
12	Profissão em 1933	63
13	Profissão em 1955	63
14	Profissão por setores em 1967	66
15	Estudantes nisseis nas escolas superiores	68
16	Estudantes nisseis de fora que estudam em Curitiba	68
17	Casamento inter-étnico	76
18	Aceitação da família a respeito do casamento interétnico	76
19	Opiniaio própria sobre o casamento interétnico	78

20	Opinião própria sobre o casamento interétnico no sub-grupo nissei	81
21	Casamento arranjado	92
22	Respeito à opinião dos pais e do irmão mais velho	144
23	Responsabilidade pelos pais	144
24	Com quem os pais moram	146
25	Relacionamento social	150
26	Religião	154
27	Religião dos pais	155
28	Religião e relacionamento social	162
29	Religião e opinião sobre casamento interétnico	162
30	Oportunidade de estudar japonês	166
31	Local onde estudou japonês	166
32	Tempo de estudo de japonês	168
33	Motivo de estudar japonês	168
34	Grau de compreensão da língua japonesa	170
35	Estudo de língua japonesa para os filhos	170
36	Motivo de estudo de língua japonesa para os filhos	172

LISTA DE GRÁFICOS

01	Chegada ao Brasil(issei)	38
02	Tempo de residência em Curitiba(issei)	39
03	Tempo de residência em Curitiba(nissei)	41
04	Tempo de residência em Curitiba(sansei)	56
05	Profissão por setores	60
06	Sistema da comunidade japonesa no Brasil	159

INTRODUÇÃO

Quando pensei em fazer este trabalho, meu interesse maior era estudar a aculturação dos imigrantes em geral. Queria saber como cedeu a mudança de certos aspectos culturais e sociais dos imigrantes e de seus descendentes. Eu achava que, em relação aos imigrantes japoneses, a velocidade de aculturação em Curitiba seria mais rápida do que em São Paulo ou no norte do Paraná. Minha hipótese era a de que em São Paulo e no norte do Paraná, em função da concentração da população da mesma etnia, esses japoneses viveriam quase só em contato com a comunidade japonesa, muitas vezes, não precisando falar o português nem comunicar-se com "gaijins(1)". A comunidade japonesa nestas regiões é quase auto-suficiente, ou seja, é capaz de suprir, por ela mesma, todas as necessidades cotidianas. Nestas condições eles podem manter o mesmo estilo de vida que levavam nas primeiras colônias(2) onde começaram sua vida no Brasil. Assim quando não há contato com os brasileiros, ou quando ele é pouco freqüente, a aculturação tende a ser mais demorada.

Em Curitiba, no entanto, onde passei um ano como bolsista de intercâmbio cultural e onde depois comecei, em 1986 na UFPR, o curso de mestrado, foi-me.

possível sentir, no dia-a-dia, que acontecia algo diferente nesta cidade. Observava frequentemente casais interétnicos, isto é, marido japonês e esposa brasileira, ou vice-versa. Percebia assim que em Curitiba os japoneses não estavam vivendo só em contato com a comunidade japonesa, apesar do número de descendentes ser bastante elevado. Isso talvez se explique, em primeiro lugar, pelo fato do número da população japonesa não ser tão grande a ponto de ser auto-suficiente, e, em segundo lugar, as circunstâncias de formação da comunidade certamente foram diferentes das de outras regiões.

Ao mesmo tempo, chamava-me muita atenção a existência de vários outros grupos étnicos de imigrantes em Curitiba. Meu interesse maior era saber como seria o futuro desta "salada mista". O que estaria acontecendo em cada grupo étnico? Quais os elementos da cultura de origem sobreviveriam ou desapareceriam nesta convivência de culturas diferentes? Por esses motivos, escolhi Curitiba como campo de pesquisa, partindo então para o que me é mais familiar: o estudo dos imigrantes japoneses.

NOTAS DE REFERÊNCIA

(1) "Gaijin" em japonês significa estrangeiro. Os japoneses no Brasil chamam os brasileiros de ascendência não-japonesa com este termo, embora pareça extremamente

estranho, já que são eles os estrangeiros no Brasil. Este uso deve provir de um hábito japonês que distingue acentuadamente o grupo japonês de outro.

(2) "Colônia" aqui significa povoação campestre de colonos: a grande maioria dos japoneses que vieram antes da II Guerra Mundial, ou foi trabalhar nas fazendas de café como colono, ou foi formar povoamentos voluntários. Hoje, o termo "colônia" é usado mais freqüentemente para representar a coletividade dos japoneses e de seus descendentes que residem no Brasil.

TEMÁTICA E METODOLOGIA

Esta pesquisa tem como objetivo conhecer a situação atual dos japoneses e seus descendentes em Curitiba, tendo em vista sua aculturação. Iniciamos a pesquisa pelo levantamento bibliográfico e realização de contatos com duas entidades nipônicas na capital : a Sociedade Cultural e Beneficente Nipo-Brasileira de Curitiba e a União dos Gakusseis de Curitiba. A primeira entidade é chamada BUNKYÔ pelos japoneses e representa, oficialmente, a comunidade japonesa a partir de 1959. É um tipo de associação que foi criada para o benefício da coletividade nipônica, promovendo atividades culturais e beneficentes(1). A segunda, a União dos Gakusseis de Curitiba, é bastante conhecida com o nome de U.G.C.(2) a qual foi fundada em 1949 com o objetivo de ser o órgão de confraternização e de apoio mútuo entre os nisseis que começavam a chegar em Curitiba para fazer o curso superior. Hoje, nesta agremiação dos estudantes encontram-se muitos alunos de cursinho e universitários de descendência japonesa que estudam em Curitiba.

Nestas entidades procuramos conhecer as pessoas e encontrar material bibliográfico sobre os japoneses. Fizemos vários contatos que nos propiciaram o

conhecimento também de pessoas mais antigas que residem em Curitiba. Nestas entidades, duas ocorrências chamaram nossa atenção, logo no início. A primeira, é o fato de que o BUNKYÔ já teve o primeiro presidente nissei(3) em 1984 e o primeiro presidente sansei em 1986 na sua diretoria, circunstância inédita em outros BUNKYÔS no Brasil. Atualmente a associação é presidida pela terceira vez por um nissei. A segunda, é que a U.G.C. tem hoje mais sócios brasileiros de descendência não-japonesa do que de nipo-brasileiros. Só esses dois fatos indicam a integração mais rápida dos japoneses em Curitiba. Aliás a U.G.C. é uma entidade digna de atenção especial visto que mudou de uma agremiação tipicamente nipônica para a atual entidade cujos associados são na sua maioria brasileiros. Assim sua evolução apresenta interesse para novas pesquisas que pretendemos realizar posteriormente.

Quanto ao material documental referente ao assunto, encontramos somente duas publicações nessas entidades e, portanto, a grande falta de informações persiste até o presente momento.

Uma destas publicações serviu como fonte para levantar dois aspectos; o número da população nipo-brasileira na cidade e sua distribuição geográfica. Trata-se de um GUIA DE ENDEREÇOS DA COMUNIDADE NIPO-BRASILEIRA DE CURITIBA e que é o resultado do censo feito pelo BUNKYÔ em 1985. Esse censo foi realizado por ocasião da comemoração dos 25

anos da fundação do BUNKYÔ, mobilizando quinhentas pessoas. Nesse guia encontram-se nomes, endereços e números de telefones dos nipo-brasileiros que residiam então na região metropolitana de Curitiba. Conforme esse censo havia 3.749 famílias japonesas num total de 10.962 pessoas. No entanto, um dos participantes do censo, Akiyoshi Sakamori, calcula que o número real de japoneses seria na época bem maior, conforme se observa pelo que ele mesmo diz.

A grande maioria dos pesquisadores eram aposentados de sessenta a setenta anos de idade. E cada um de nós tinha um bairro ou uma região para fazer pesquisa, ou seja, verificar o número dos japoneses que residiam naquela região. Alguns, porém, só contaram aqueles que já conheciam e não foram procurar outros possíveis residentes. Também não foi possível, muitas vezes, realizar a entrevista, mesmo sabendo que ali moravam japoneses, pois simplesmente eles não queriam colaborar ou estranhavam a nossa presença e fechavam a porta. Por estas razões, acho que conseguimos registrar só setenta a oitenta por cento da população japonesa.

Considerando este depoimento, seria adequado estimar o número de japoneses em cerca de 4.500 famílias num total de 15.000 pessoas. De qualquer modo, a partir do resultado do censo, fizemos o levantamento da distribuição geográfica por bairro dos nipo-brasileiros.

Esta foi a primeira fase da pesquisa e na etapa seguinte preparamos um questionário para recolher alguns dados que nos interessavam e eram necessários. Para elaborar o questionário, além de dados básicos como sexo, idade, naturalidade, profissão e tempo de residência, foram considerados três aspectos: casamento e família, religião e língua. (ver o questionário anexo)

Estes três aspectos foram escolhidos pelo autor inspirando-se no trabalho de Emílio Willems sobre aculturação. O termo "aculturação" é definido como "os fenômenos que surgem quando grupos de indivíduos de culturas diferentes entram em contato direto e contínuo, ocasionando mudanças nos padrões culturais de um ou de ambos os grupos." (4) Emílio Willems restringe o conceito de aculturação "às mudanças nas configurações culturais de dois ou mais grupos que estabelecem contatos diretos e contínuos." Segundo ele, "Aculturação e assimilação são conceitos coordenativos e correlativos. Ambos são aspectos do mesmo processo: a assimilação é o seu aspecto subjetivo porque envolve a personalidade; a aculturação lhe representa o aspecto objetivo porque afeta os valores culturais. Ambas são comparáveis a anverso e reverso da mesma medalha." (5) A assimilação, por sua vez, é definida por ele como "mudança da personalidade, realizada pela substituição de combinações de atitudes e valores por novas combinações de atitudes e valores que vêm a integrar o

indivíduo em uma sociedade culturalmente diferente."(6)

Depois de testes e correções necessárias, o questionário foi distribuído para cerca de quinhentas pessoas, com a intenção de atingir os japoneses de vários grupos e locais. O método utilizado é de amostragem aleatória. Para a distribuição e o recolhimento do questionário, contamos com a ajuda das duas entidades acima citadas. O BUNKYÔ possui um esquema de distribuição de seu boletim através do "daiguiin"(representante de cada bairro), que o entrega pessoalmente. Numa reunião com esses representantes, depois de explicar-lhes nosso objetivo pedimos-lhes sua colaboração. Fomos atendidos com presteza, após o que acrescentamos mais explicações e alguns cuidados que deveriam ser tomados no trabalho. No caso da U.G.C., pedimos à diretoria para que seus sócios nipônicos e seus amigos nikkeis(7) respondessem ao questionário.

Além destas entidades, outras associações e grupos nipônicos também foram procurados para atingir o número necessário visando validar a pesquisa. Incluem-se nessas associações o Nikkei Clube de Curitiba e a Sociedade Cultural Esportiva Beneficente Glória. Nesses locais reúnem-se grupos de japoneses para cursos de língua japonesa, caligrafia, ikebana e para outras atividades e mais diversa dessas associações. Reuniões mensais foram visitados para se

conseguir as respostas ao questionário. Esta pesquisa contou com a ajuda, também, de alguns amigos especiais, que até nos auxiliaram nas visitas às famílias japonesas que conheciam ou sabiam morarem perto deles. Ajuda dessa natureza nunca faltou e essa rede de amizade foi imprescindível para a realização deste trabalho.

Dois tipos de questionário, um em português e outro em japonês, foram preparados. Em princípio, a versão em português foi distribuída para os nisseis e os sanseis(8) e para os isseis deixamos a seu critério escolher o questionário em japonês ou em português.

O recolhimento dos questionários foi feito a partir do final de 1987 até o início de 1988. Foram 337 questionários respondidos, sendo 112 do grupo issei, 116 do grupo nissei, 103 do grupo sansei e 6 do yonsei. Posteriormente o grupo yonsei foi excluído, sendo analisadas somente três gerações. Dos 337 questionários respondidos, 92 foram recolhidos pelo Bunkyo e 52 pela U.G.C. O restante foi obtido através da rede de amizade e contatos individuais. Este resultado leva-nos a crer que o universo desta pesquisa talvez tenha atingido mais as pessoas com educação de nível superior do que a situação real da comunidade japonesa, uma vez que os ugeceenses são universitários, e a amizade do pesquisador e os contatos individuais foram também mais frequentes com as pessoas desse nível de formação. O resultado da pesquisa foi submetido à análise comparativa,

tomando-se a geração (issei, nissei, sansei) como variável.

Também foram realizadas desde maio de 1987 até o final do mesmo ano, 21 entrevistas com as personalidades mais antigas em Curitiba e outras pessoas ligadas às associações japonesas e seis nikkeis casados com brasileiros. (ver a relação dos entrevistados em anexo) Com as pessoas mais antigas o enfoque da entrevista foi dado na sua própria história de vida e a história dos japoneses em Curitiba. Com os casais interétnicos foram abordados os assuntos sobre o contato com os parentes, a divisão do trabalho e a diferença entre a família japonesa e a família brasileira.

Essa fase de distribuição e recolhimento dos questionários nos ofereceu também uma boa oportunidade para conhecer e observar de perto os japoneses e seus descendentes de várias formações e classes sociais. Foi uma chance de perceber a importância de convivência contínua com a realidade o que mais tarde nos permitirá se quisermos realizar uma análise mais profunda da aculturação. Mas o importante era fazer algo por pouco que fosse, já que tudo estava aí para ser feito e de fato pouco foi feito até hoje.

Por motivos pessoais, o autor deste trabalho teve que voltar ao Japão ficando oito meses afastado da sua pesquisa. Depois de voltar para o Brasil,

passou a trabalhar no Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil em São Paulo no qual também encontrou muita documentação impressa das associações, o que lhe permitiu enriquecer este trabalho.

NOTAS DE REFERENCIA

(1) "Bunkyô" é abreviação de Bunka-kyôkai que significa em japonês associação cultural. Esta associação existe em muitas cidades onde se encontra certa concentração dos japoneses.

(2) "Gakussei" em japonês é estudante.

(3) "Nissei" é filho de imigrante e significa em japonês segunda geração. "Sansei" significa terceira geração em japonês e é neto de imigrante. "Issei", por sua vez, é imigrante e tem sentido de primeira geração.

(4) FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1987. p.419.

(5) WILLEMS, Emílio. Aculturação dos imigrantes alemães no Brasil. São Paulo, Ed. Nacional, 1980. p.21.

(6) WILLEMS, p.16.

(7) "Nikkei" quer dizer descendente japonês. Nipo-brasileiro em japonês é nikkei-burajirujin. Nipo-americano por sua vez se diz em japonês nikkei-amērikajin.

(8) A definição de nissei ou sansei é da própria pessoa respondente. Quando um dos pais é issei e o outro é nissei, o filho deles é considerado como sansei, sempre contando sua geração através de geração mais nova de um de seus pais. Assim foi respondido quando houve pergunta por respondente, mas esta pergunta foi feita somente três vezes.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DA POPULAÇÃO

JAPONESA EM CURITIBA

Com a intenção de saber a distribuição geográfica da população japonesa em Curitiba, foi feito o levantamento de bairros das famílias registradas no censo do Bunkyô em 1985.

Das 3.749 famílias registradas, 3.395 famílias residem na cidade de Curitiba e destas foram constatados os bairros de 2.518 famílias. Ou seja, conseguimos verificar 74,2% dos que residem na cidade. O resultado deste levantamento e os mapas 01-02 mostram que a população nipo-brasileira está bastante espalhada pela cidade e presente em quase todos os bairros embora existam algumas concentrações. Aproximadamente trinta por cento dos nipo-brasileiros residem no centro e nos bairros centrais. Outras concentrações fora da região central podem ser observadas nos bairros do Boqueirão, Jardim das Américas, Cajuru e Uberaba, ou seja, mais espalhados na região sul da cidade. Este último é o bairro onde se encontrava antiga colônia japonesa e os outros são bairros que têm crescido ultimamente com o desenvolvimento da própria cidade.

**DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DA POPULAÇÃO
JAPONESA EM CURITIBA**

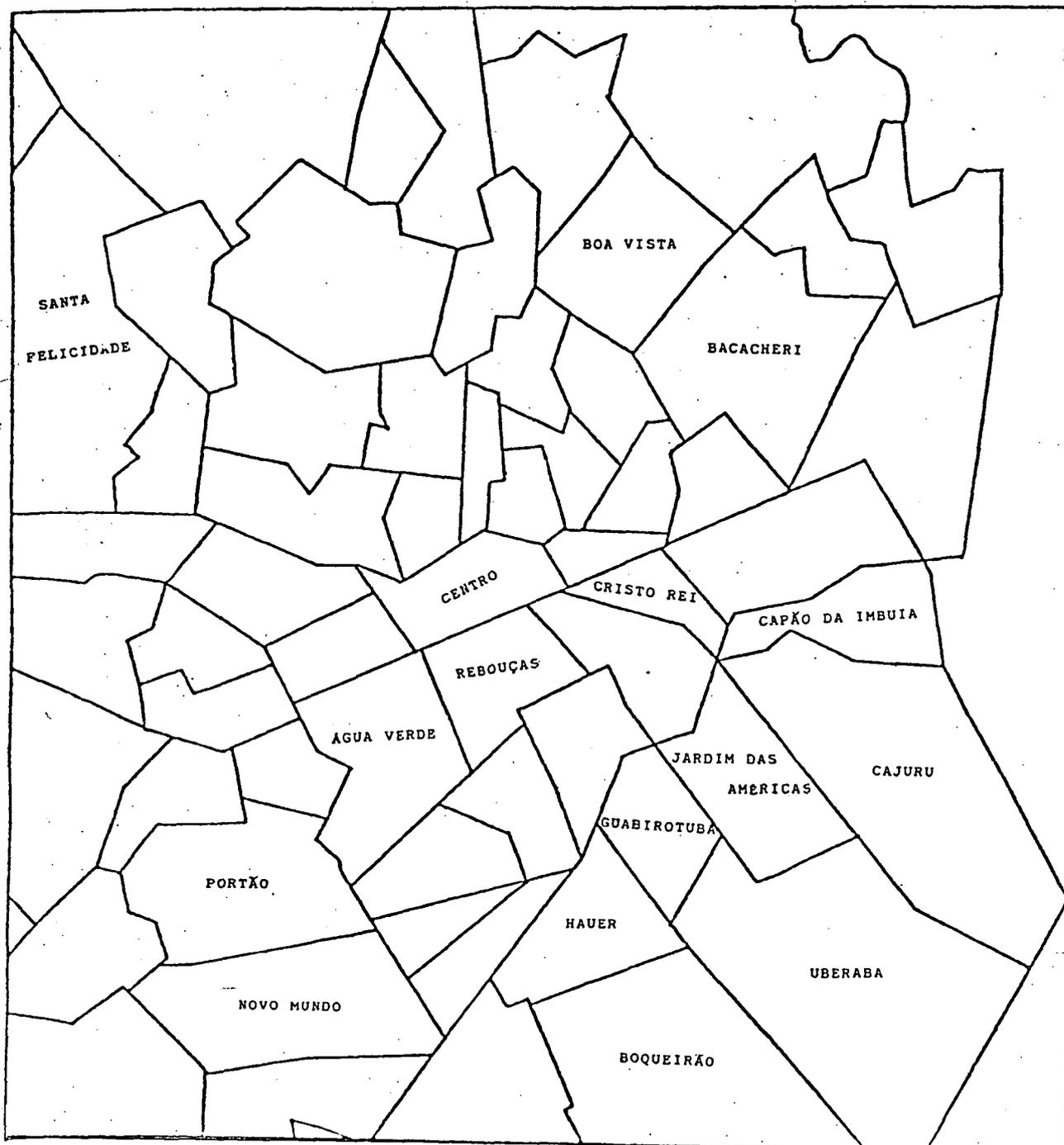
bairro	número das famílias
Centro	305
Roqueirão	190
Água Verde	151
Jardim das Américas	123
Cajuru	109
Uberaba	91
Portão	88
Cristo Rei	84
Boa Vista	82
Guabirotuba	69
Santa Felicidade	63
Bacacheri	62
Capão da Imbuia	61
Hauer	60
Novo Mundo	55
Rebouças	50
Xaxim	45
Mercês	43
Capanema	41
Guaira	37
Tingui	36
Fanny	34
Santa Quitéria	32
Bigorriho	30
Cabral	30
São Braz	29
Pinheirinho	28
Ahú	26
Batel	26
Capão Raso	26
Vila Isabel	26
Bairro Alto	25
Bom Retiro	25
Parolin	25
Jardim Social	24
Alto da Rua XV	20
Campo Comprido	20
Sítio Cercado	20
Tarumã	19
Hugo Lange	18
Cidade Industrial	16
Barreirinha	15
Juvevé	14
Lindóia	14
Alto da Glória	13
Seminário	13
Pilarzinho	12
São Lourenço	11
Santa Cândida	10
Fazendinha	9
Alto Boqueirão	8
Prado Velho	7
Centro Cívico	6
Campina do Siqueira	6
São Francisco	6
Cachoeira	5
Umbará	5
Vista Alegre	5
Atuba	4
Abranches	2
Orleans	2
São João	2
Taboão	2
Tatuquara	2
Augusta	1

Fonte : Guia de endereços da colônia nipo-brasileira de Curitiba. 1985.

obs: Entre 3.749 pessoas registradas neste guia, foram separadas aquelas que residem na cidade de Curitiba. Foram verificadas 3.395 residentes em Curitiba e delas foi possível constatar o bairro de 2.518 pessoas que representam 74,2% do total.

Mapa 01 : Distribuição geográfica
da população japonesa em Curitiba

14



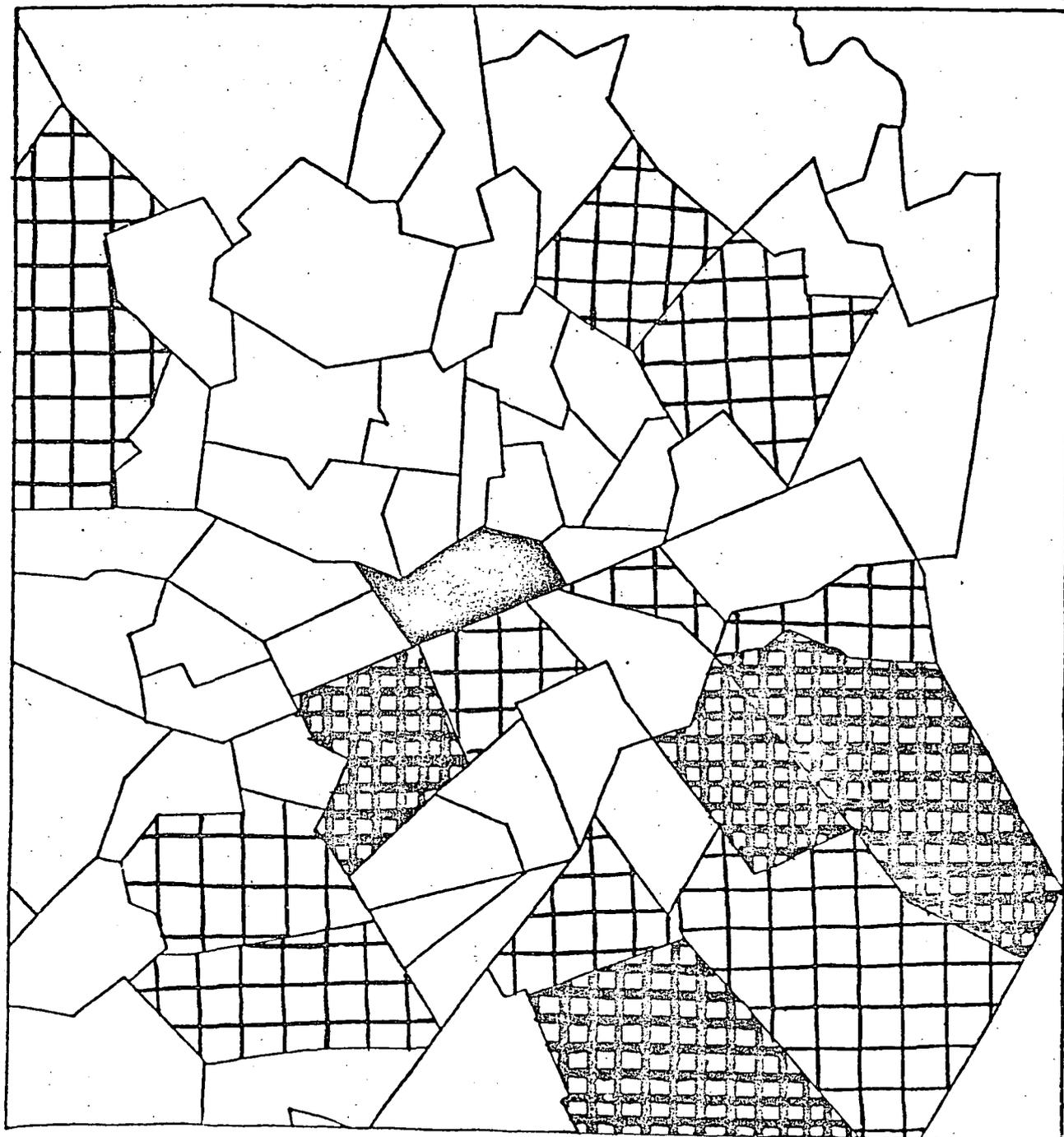
OBS) Bairros onde se encontram mais
de 50 famílias japonesas.

Fonte : Guia de endereços da comunidade
nipo-brasileira de Curitiba. 1985.

Mapa do Instituto de Pesquisas
e Planejamento Urbano de Curitiba
(IPPUC). 1979.

Mapa 02 : As maiores concentrações
da população japonesa em Curitiba

15



50 - 100



101 - 200



mais de 300

(indivíduos)

Fonte : Guia de endereços da comunidade
nipo-brasileira de Curitiba. 1985.

Pesquisa em 1988.

HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO JAPONESA EM CURITIBA

PRIMEIROS JAPONESES EM CURITIBA

Já em maio de 1909, um ano depois do início da imigração japonesa no Brasil, dois pioneiros do navio Kasato-maru chegavam a Curitiba. Jintarô Matsuoka e Eihachi Sakamoto que estavam na fazenda Dumont foram trabalhar para a ferrovia São Paulo-Facina e depois viajaram a pé até alcançar Curitiba. Os dois ficaram na cidade por algum tempo e depois foram para a Argentina.

No ano seguinte, Shuhei Uetsuka, de Kōkoku-shokumin-gaisha, veio inspecionar a região de Curitiba junto com Takeo Goto, de Fujisaki-shōkai.

Toyoshige Murasaki, outro pioneiro do Kasato-maru, veio a Curitiba em 1911 como vendedor de brinquedos.

Esses parecem ser os primeiros japoneses que pisaram a terra curitibana. Podem existir outros pioneiros aventureiros como Matsuoka e Sakamoto que passaram pela capital paranaense, mas foi em 1915 que os japoneses vieram para residir.

PRIMEIROS A RESIDIR EM CURITIBA

Hideo Sugiyama instalou uma filial de fábrica de artefatos de bambu na Rua Dr. Muricy em 1915. Ele trazia dois artesãos, Tatsuji Dôbo e Morioka, do Rio de Janeiro, mas estes voltaram para o Rio em menos de um ano por ter sido fechada a fábrica. Sugiyama ficou como gerente de fábrica de juta e mais tarde foi tradutor público.

Shingo Matsuda, um outro pioneiro japonês a residir em Curitiba, é a personalidade mais arrojada. Ex-marinheiro de ^{um} navio inglês, depois de viajar pelo mundo por três anos, desembarcou na Argentina em 1910 e de lá foi ao Mato Grosso. Em Campo Grande trabalhou como ferroviário e depois se mudou para Bela Vista. Nesta época havia somente quatorze a quinze casas em Campo Grande. Quatro anos depois foi a São Paulo e posteriormente acabou ficando numa fazenda em Goiás, onde começou com uma plantação de arroz. Um ano mais tarde voltou a São Paulo e logo se transferiu para Curitiba. Nesta cidade trabalhou na casa do presidente da companhia de sacos de papel Macedo. Casou-se com Mandana, de origem italiana, que também trabalhava na mesma casa. O casal mudou-se para Antonina em 1919 e abriu um bar com Sugiyama. Mais tarde voltou para Curitiba e começou uma horta no bairro Mercês. Em 1950 abriu um posto de gasolina, único na época, na estrada para Paranaguá.

Hiroichi Takashima, que chegou ao Brasil em 1917, veio no mesmo ano para Curitiba, graças aos contatos com Sugiyama. Trabalhou na fábrica de sacos de papel Macedo onde, mais tarde, outros japoneses tiveram emprego. Nessa época, Rua XV era campo e no meio havia um riacho, e lá mais adiante do Hospital São Lucas não havia nenhuma casa. Era a época que podia comprar uma data por cem mil reis.(1)

Os três acima citados eram os mais antigos japoneses residentes em Curitiba e mudaram-se para Antonina em 1919.

COLÔNIA CACATU

Hayao Washida, hoje um dos mais antigos em Curitiba, veio para o Brasil em 1925. Foi direto a Antonina para entregar o presente de casamento ao seu conterrâneo Tei Tachibana que casou com Paulina, brasileira de origem italiana. Washida acabou ficando em Antonina e sempre viveu em Curitiba e Antonina. Segundo Washida, a colônia japonesa em Antonina começou com o convite feito pelo então prefeito Heitor Soares. Takeshi Hasegawa que já morava lá e Takashi Watanabe trouxeram os irmãos Hara e os irmãos Yasumoto em 1917, e assim foi o início da Colônia Cacatu. Washida é casado com uma das filhas do Yasumoto e foi professor da escola japonesa em Antonina. Com 85 anos(1987) que não aparenta a idade, Washida conta a vida daquela época com muita lucidez.

A vida lá em Antonina não foi fácil. Claro, isso não se refere só à colônia em Antonina como em todas as colônias no Brasil, mas lá só havia banana silvestre e o resto tinha que ser comprado pagando-se em dinheiro. E o terreno não era bom e havia maleita. Então todos os dias cortava lenha, a qual era fornecida ao moinho de farinha do Matarazzo. Consumia na época cerca de 70 metros de lenha por dia. Vendendo a lenha, nós comprávamos coisas necessárias e o arroz. Aliás raramente podíamos comer o arroz. Comprávamos a farinha de mandioca e comíamos a mesma coisa que o caboclo comia.

Há 50 anos atrás residiam algumas dezenas de famílias japonesas em Antonina. Havia poucas moças japonesas, portanto eram muitos que casavam com gaijin. Havia cerca de 12 famílias que tinham pessoas casadas com gaijin. (2)

Washida lembra também que por causa da maleita, a situação era insustentável e por isso mudaram de lugar e começaram a fabricar pinga, crescendo pouco a pouco como indústria. Ele sempre viajava entre Antonina e Curitiba, pois só o comércio com Curitiba podia servir como meio de vida.

Outro imigrante que viveu em Cacatu conta a situação daquela época.

Chegando a colheita não havia nada a colher. Nem existia pessoa para fazer o café da manhã. Tomando remédio, quando abaixou a febre foi à roça, mas não agüentava mais de três horas. O que conseguiu de cultivo de arroz foi tudo para o remédio. Algumas famílias mudaram para São Paulo e eu

também queria mudar para lá, mas não tinha dinheiro. Depois mudamos para o terreno de Benedito Fumassashi que emprestou gratuitamente e ainda não tinha a maleita.(3)

Em Paranaguá outros pioneiros do Kasato-maru, Kichizaemon Nagayama e Teinosuke Tanaka que pretendiam viajar para a Argentina acabaram ficando na cidade em 1916, e Nagayama trabalhou numa loja de turco e casou com brasileira.

SEGUNDO GRUPO DE JAPONÊSES EM CURITIBA

Em novembro de 1922 Ginroku Ayabe e Kinshirô Tonooka, que trabalharam no núcleo Monção na Sorocabana, vieram de Boituva a pé até Curitiba levando um mês. "Era uma época muito generosa. Na viagem dormimos na casa do caboclo, na escola e até na cadeia que a polícia nos ofereceu como hospedagem"(4), conta Ayabe. Eles trabalhavam em Curitiba como copeiro, jardineiro e floricultor. Logo depois, mais dois solteiros chegavam na cidade. Eram Tei Tachibana que já foi mencionado e Matajirô Inoue. Desses quatro solteiros, além de Tachibana, Ayabe casa com Elizabeth, de origem alemã, em 1929. Ele permaneceu em Curitiba por quarenta e cinco anos. Ayabe foi conhecido também como primeiro fruticultor em Curitiba. Tinha a marca comercial Pinheiros e vendia pêssego, damasco, uva, caqui, etc. As frutas que até então vinham de São Paulo e Porto Alegre, depois que

Ayabe começou a fornecer produtos frescos, passaram a ser cultivadas em Curitiba pelos próprios curitibanos.

RYO MIZUNO(5) E PRIMEIRA SOCIEDADE JAPONESA

Mizuno que já veio inspecionar o sul do Paraná em 1918 e 1923 resolveu morar em Curitiba em 1924. Ayabe arranhou uma chácara no bairro de Mercês e a família Mizuno chegou no dia 18 de dezembro. Mizuno já tinha 65 anos. Aproximadamente trinta japoneses residiam em Curitiba na época, a maioria solteiros. Em 1927 formaram a primeira sociedade japonesa "Senkakai"

ATIVIDADE DOS JAPONESES NA DÉCADA DE 30

Da década de 20 à década de 30, a principal atividade dos japoneses era horticultura. E foram eles que resolveram o problema da falta de hortaliça no inverno em Curitiba. Ayabe lembra que começou a horticultura em 1928 com Hagiwara e Watanabe e que naquela época havia só legumes rústicos. Em torno de 1930 não havia hortaliça no inverno e faltava em Curitiba. Então Tachibana mudou para Morretes e começou a plantação de hortaliça e Ayabe em Curitiba as vendia por consignação. Em menos de um ano cresceu para cerca de dez famílias que trabalhavam na horticultura e desde então não faltou mais a hortaliça no inverno(6). Uma pesquisa feita em 1931-32(7) mostra que nesses anos havia cinco japoneses, incluindo

Tachibana e Matsuda, em Porto de Cima trabalhando na lavoura. Na mesma pesquisa registra-se 13 japoneses em Curitiba sendo que Haruo Adachi foi o primeiro a abrir quitanda-mercearia no centro da cidade.

Hisashi Kawase, um dos mais antigos em Curitiba como Washida, chegou ao Brasil em 1927. Depois de passar quatro anos em São Paulo, voltou ao Japão para casar e veio de novo para o Brasil com a esposa. Vieram morar em Curitiba definitivamente em 1931. Kawase também muito lúcido lembra que havia cerca de dez famílias japonesas em Curitiba quando eles vieram.

Em Curitiba não podia sustentar a vida com horticultura. A terra era árida e o clima era rigoroso. Muitos foram para Morretes e Antonina. Os que ficaram trabalhavam como empregado ou jardineiro. Como todos tinham terminado o curso secundário no Japão, o japonês tinha boa fama entre os brasileiros.

Quanto ao abastecimento de hortaliça em Curitiba, Kawase explica de outra maneira.

Horticultura em Curitiba não servia para sustentar a vida. Naquela época traziam a hortaliça de Colombo e Santa Felicidade. A população curitibana era mais ou menos cento e vinte mil pessoas e parecia uma ilha isolada. Os colonos levavam a lenha de carroça para cada casa e na carroça colocava ovos, frangos e hortaliça. Era um pequeno negócio deles. Os ricos tinham suas chácaras e produziam várias coisas e os operários plantavam couve e outras coisinhas no seu

quintal. Portanto não tinha demanda da hortaliça. Não era a época como hoje que as pessoas moram no apartamento e têm que comprar tudo. Faziam tudo em casa por si.(8)

Kawase criou vaca de leite e trabalhou como leiteiro por quatorze anos e explicou o porquê.

Muitos japoneses foram para Morretes e Antonina para poder plantar hortaliça e vendê-la no inverno em Curitiba. Eu queria ficar em Curitiba e pensei também na educação dos filhos. Mas, como a horticultura não dava dinheiro, resolvi criar vaca de leite. Naquela época, vendendo 20 garrafas, podia levar a vida e ninguém tinha visto leiteiro japonês. Trabalhava de manhã bem cedo e vendia o leite nos hotéis. Ficaram meus fregueses.

Kawase mora no bairro Bigorrião perto do Parque Barigui e lembra.

No bairro Pilarzinho havia a colônia alemã. Ali onde encontra-se a praça Tiradentes havia só chácaras e não havia calçada. Quando nós viemos para cá, os vizinhos eram italiano, austriaco e polonês. Disseram que nunca tinham visto japonês e estavam muito curiosos.(9)

No dia primeiro de janeiro de 1931 foi fundada a Cooperativa nipo-brasileira de pesca do Paraná por Yaichi Ikire e Yasujirô Shimizu(10). Ikire também foi um dos pioneiros do Kasato-maru e o primeiro japonês que trabalhou na pesca. E como ele já tinha experiência em Santos por 19 anos, reorganizou sua

companhia com Shimizu. Esta cooperativa vendia de três a quatro mil kilos de peixes diariamente em Curitiba, Ponta Grossa, Rio Negro e São Paulo.

PRIMEIRO CENSO DA COMUNIDADE JAPONESA EM CURITIBA

Em 1932 e 33 foram realizados dois censos da comunidade japonesa. Um do SEISHU SHIMPO(11) e outro do NOTÍCIAS DO BRAZIL(12). Nesses dados aparecem nome, naturalidade, profissão, ano de chegada, número de família e bens imóveis. Pode-se entender, portanto, como era mais ou menos a comunidade japonesa daquela época. Há pequena diferença entre os dois dados, mas residiam nesse ano em torno de 80 japoneses. Segundo os dados de Notícias do Brazil, moravam 17 famílias com 62 pessoas e mais 21 solteiros em Curitiba. A maioria dedicava-se à lavoura e outros eram comerciantes, jardineiros, etc. Em Paranaguá residiam três famílias na cidade e dez famílias no subúrbio. A profissão deles eram pescaria, bar, pintor na cidade e, no subúrbio, todos horticultores.

COLÔNIA ALVORADA E RYO MIZUNO

Ao Mizuno, que acalentava o sonho de criar uma colônia no Paraná, foi concedido um terreno de 1.800 alqueires no bairro "Nasce o Dia", perto da estação Desvio Ribas, 21km de Ponta Grossa, pelo então

governador Manuel Ribas. Assim começou Tossa-murã (Colônia Alvorada) em agosto de 1936. O secretário de Mizuno, Sadamu Noda entrou na colônia sozinho em janeiro do mesmo ano, mas faleceu no ano seguinte como vítima de picada da cobra. A morte de Noda mudou decisivamente o destino da colônia. Deixou muitas pessoas em pranto, inclusive a autoridade brasileira. Wataru Terasawa, um dos pioneiros da colônia Alvorada, lembra que o governador Manuel Ribas ficou indignado com a morte do jovem, pois Ribas tinha mandado o soro para este tipo de acidente e isso não foi aplicado. Dario Velloso, poeta paranaense e estudioso da cultura japonesa, mandou um poema lamentando a morte de Noda. O próprio Mizuno fez um poema in memoriam.

世の人の 正しく生きん鏡とぞ 頼みし君の 往て淋し (13)

Depois de Noda, alguns solteiros que estavam em Curitiba vieram para a colônia. Em 1938 Wataru Terasawa entrou como responsável pela agropecuária e até então haviam chegado dez famílias japonesas.

Em 1940 oito famílias estavam produzindo trigo, tomate e batata. Mas, a colônia enfrenta problemas financeiros e Mizuno resolveu voltar ao Japão para pedir ajuda ao governo japonês. Foi em 6 de junho de 1941 quando Mizuno tinha 83 anos. Foi "mischief of destiny", acontecer a Segunda Guerra Mundial logo

depois da sua partida. Mizuno ficou impossibilitado de voltar para o Brasil e só em 1950 é que pisou de novo a terra brasileira. Com o afastamento do fundador Mizuno e a morte de seu braço direito Noda, praticamente o destino da colônia Alvorada já estava decidido.

Terasawa que ficou independente em 1940 comprou um terreno em Ponta Grossa em 1952, ficando entre os pioneiros da região. Ele casou com Carolina, brasileira de origem alemã. Em Ponta Grossa, em 1940, residiam duas famílias japonesas que trabalhavam na peixaria e frutaria na cidade e outras duas na horticultura no subúrbio. (14)

ESCRITÓRIO DO CONSULADO GERAL DO JAPÃO

Com o crescimento de número dos japoneses no norte do Paraná, foi aberto o escritório do Consulado Geral do Japão, em Curitiba, em 1940 e veio o primeiro cônsul Shunichi Komine. Neste ano havia 21 famílias em Curitiba sendo oito famílias no comércio e treze na horticultura além de uns cinco universitários.

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL : DO LITORAL PARA CURITIBA

Com a eclosão da II Guerra Mundial, foi proibido o uso da língua japonesa e fechada a escola japonesa.

Foi decretada, também, a retirada das pessoas dos países do Eixo na faixa de 60km da região costeira. Houve rebelião em Paranaguá e Antonina e japoneses foram atacados no subúrbio. Com isso muitos japoneses que moravam em Antonina e na região de Cacatu foram para Curitiba e deu início ao crescimento da população japonesa na capital paranaense. Nessa ocasião, então governador Manuel Ribas deu muito amparo aos japoneses e mandou-os vir a Curitiba para protegê-los alegando que na região litoral não atingia a força da autoridade. Ribas visitava os japoneses ajudando na saúde e educação deles.(11) Ribas também foi compadre de um dos filhos de Yasumoto. Tudo indica que ele era detentor de muita confiança dos japoneses.

UBERABA NIHONJIN-KAI E GLÓRIA SHINBOKU-KAI

Em 1946, no dia 11 de agosto, foi criada "Tomo-no-kai(Associação de amigos)" por 32 japoneses no bairro de Uberaba com o objetivo de preservar a cultura japonesa e transferi-la para os filhos e netos. A sede da associação foi levantada na chácara de Satoru Hamasaki que até hoje reside no bairro Uberaba. Família Hamasaki que tinha trabalhado na fazenda São Geraldo, em Conquista, mudou-se para Curitiba em 1938. Foi primeiro a adquirir o terreno no atual bairro Uberaba e lembra que naquela época havia só mato no local, e no atual bairro Boqueirão somente havia uma casa. Ele recorda também que quando chegou,

apenas quinze famílias japonesas residiam em Curitiba. Família Hamasaki começou a plantar legumes e Satoru Hamasaki tem outras recordações.

Naquela época só tinha couve, pimentão e tomate que parecia pedra. Então plantamos vários legumes cujas sementes tínhamos trazido, mas foi tudo muito difícil. Os brasileiros não conheciam esses legumes e não sabiam como cozinhar e consumi-los. Não conseguíamos vendê-los e até oferecíamos de graça para experimentar. Durante quatro ou cinco anos passamos duro nessa situação. (16)

"Tomo-no-kai" passou a ter nome de "Uberaba Nihonjin-kai (Associação Japonesa de Uberaba)" em 1949, aumentando seu número de sócios para 58 pessoas.

Na mesma época, outro grupo de japoneses formou a "Glória Shinboku-kai" (Associação fraternal Glória). Esta entidade começou com 17 pessoas em 1946 e foi registrada oficialmente como Sociedade Cultural Esportiva Beneficente Glória em 1948. Foi nessa associação que começou o ensino de língua japonesa e foi fundada Sakurabana-shôgakkô (escola primária Flor de Cereja). Mais tarde a Associação japonesa de Uberaba também passou a ter Shôwa-shôgakkô (escola primária Shôwa).

Além destas duas associações, foi organizado Pinheiros Clube que tem sua origem no Senkakai. Esta associação foi criada por nisseis, em 1953, para promover atividades culturais. Participaram 80 jovens na sua organização e no início o beisebol era sua

atividade principal e depois começaram cinema, tênis de mesa, etc.

UNIÃO DOS GAKUSSEIS DE CURITIBA

Com o aumento de universitários nisseis em Curitiba, foi fundada a U.G.C. (União dos Gakuseis de Curitiba) em 1949. Esta entidade começou com 15 nisseis para dar apoio mútuo entre eles e ter um lugar de confraternização e ambiente familiar. Sua função principal era a integração dos nisseis que vieram do interior para a capital. Hoje a metade dos sócios são brasileiros de ascendência não-japonesa e suas atividades vêm sendo cada vez mais participativas na sociedade brasileira e não se limitam mais só ao círculo nipônico. Caravana de serviços beneficentes pela região carente do interior é uma das principais atividades de hoje. Esta caravana originou-se da excursão de caráter científico-cultural ao norte do Paraná, realizada em junho de 1955. Oito acadêmicos que formavam o grupo tinham a finalidade de fazer levantamento parasitológico das verminoses além de dar assistência médica. A partir de 1970 começaram a ser feitos exames físicos com atuação da terapêutica, ampliando seu campo com o ingresso de acadêmicos de diversas áreas. Este trabalho assistencial é realizado duas vezes por ano, a partir de 1973, no período das férias escolares. (17)

A U.G.C. tinha um papel muito importante não só para os estudantes nisseis, mas também dentro da colônia japonesa, principalmente na década de 50. Na ocasião da comemoração do Centenário de Emancipação Política do Paraná em 1953, a U.G.C. foi designada como coordenadora das programações da colônia japonesa. Na época, a U.G.C. era considerada como a representante da colônia. Apesar de já existir associações japonesas citadas acima, nenhuma delas representava a colônia e foi a U.G.C., a entidade dos estudantes nisseis, que representou a coletividade nipônica. Este fato mostra o desempenho ativo dos nisseis por um lado e por outro lado a inexistência da associação que representa os japoneses. Até essa época os japoneses estavam vivendo desunidos em grupos separados nos quais cada um formava uma associação.

DÉCADA DE 50 : CHEGADA DE NOVOS GRUPOS DE JAPONESES E EXPANSÃO PARA O CAMPO DO COMÉRCIO E DA INDÚSTRIA

Na década de 50, os japoneses começaram a participar no setor comercial e industrial. O censo feito pela U.G.C. em 1955 enumera 252 famílias com 1.638 pessoas no município de Curitiba e 25 famílias com 163 pessoas no município de Araucária. Conforme este censo, mais de cinquenta por cento dos nipo-brasileiros trabalhavam no setor terciário(18).

Paralelamente à participação nos setores secundário e terciário, novos grupos de japoneses chegavam a Curitiba na mesma época. Em 1951 formou-se um pequeno grupo de japoneses nos bairros Santa Felicidade e Campo Comprido, começando depois a colonização em São José dos Pinhais em 1953 e em Araucária em 1954. De 1959 a 1961 os japoneses chegaram a Tatuquara, Graciosa e Mandirituba. Mas, mesmo assim ainda nessa época era difícil ver a presença japonesa nas ruas. Shigeo Hishida conta que quando seu filho mais velho estudava em Curitiba em 1957, como era raro encontrar o japonês, as crianças brasileiras seguiam-no dizendo "japonês, japonês".

UNIFICAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES

Na ocasião da comemoração do quinquagésimo aniversário da imigração japonesa no Brasil, houve movimento de unificação das associações em Curitiba e organizaram "Rengô-nihonjin-kai (Associação Unida dos Japoneses)", no dia 20 de junho de 1959. Hayao Washida foi eleito como primeiro presidente desta associação e, sendo ele quem liderou essa unificação. Washida conta que era muito inconveniente existirem várias associações, pois quando havia a necessidade de comunicar-se com o consulado, ninguém sabia quem representava a colônia. Este movimento de unificação continuou crescendo e passou a formar, em 1964, "Curitiba Bunkyo (Sociedade Cultural Nipo-Brasileira de

Curitiba)". No ano seguinte, o presidente desta sociedade, Einosuke Torige, propôs criar uma entidade beneficente e foi estabelecida a "Paraná Enkyô (Sociedade Beneficente Nipo-Brasileira do Paraná)". Eram duas sociedades que, pela primeira vez, unificavam os japoneses em Curitiba.

A Bunkyo e a Enkyô uniram-se em 1977 e nasceu a Sociedade Cultural Beneficente Nipo-Brasileira de Curitiba que é conhecida até hoje como "Bun-en-kyô". Desde então a Bun-en-kyô permanece como representante oficial da comunidade nipo-brasileira e criou uma escola de língua japonesa em 1984, inaugurando o centro de ensino da língua japonesa em 1988. As associações anteriores continuam existindo como clubes de recreação e entretenimento. A Associação Japonesa de Uberaba transmitiu seu espírito comunitário dos japoneses ao Nikkei Clube de Curitiba que tem hoje 1.300 sócios e a Associação Confraternal Glória foi unida com a Associação Japonesa Parque Verde em 1986 e o número de sócios já passou de duzentos e cinquenta famílias. (19)

ÚLTIMAS ESTIMATIVAS DA POPULAÇÃO NIPO-BRASILEIRA EM CURITIBA

Em 1967 a Curitiba Enkyo realizou o censo da comunidade japonesa e verificou a existência de, aproximadamente, 1.000 famílias com 6.500 pessoas em

Curitiba, sendo 78% na região urbana e 22% na região rural.

Em 1972 foi estimada a população nipo-brasileira de Curitiba em cerca de 1.200 famílias com 8.000 pessoas. Na ocasião dos 70 anos da imigração japonesa no Brasil em 1978, essa estimativa passou para 1.800 famílias com 10.000 pessoas.

No último censo em 1985, calcula-se que há, aproximadamente, 4.500 famílias com 15.000 pessoas descendentes de japoneses em Curitiba. (20)

NOTAS DE REFERÊNCIA

(1) NAKAMURA, Tômin. A colônia japonesa e seu progresso na região de Curitiba e sul do Paraná. 1967. p.92.

(2) Entrevista com Hayao WASHIDA.

(3) USHIKUBO, Jô. Histórico do 60 aniversário da colônia japonesa do Paraná. 1972. p.42.

(4) USHIKUBO, p.45.

(5) Ryo Mizuno é fundador da Imigração Japonesa para o Brasil. Esteve no Brasil em 1906 pela primeira vez e em 1908 veio como supervisor com a primeira leva de imigrantes japoneses no Kasato-maru. Nasceu em Sagawa em 1859 e faleceu em São Paulo em 1951.

(6) NAKAMURA, p.93.

(7) Indicador profissional e comercial de colônia japonesa do Estado de São Paulo. 1937. p.61-62.

(8) Entrevista com Hisashi KAWASE.

(9) Entrevista com Hisashi KAWASE.

(10) BURAJIRU-JIHÔSHA. Anuário do "Notícias do Brasil". 1933. p.107.

(11) KOWYAMA, Rocro. Anuário Comemorativo do 25 Aniversário da Imigração Nippônica ao Brasil. Bauru, Semanário de São Paulo, 1933.

(12) BURAJIRU-JIHÔSHA. Anuário do "Notícias do Brazil".

(13) "Que seja exemplo da pessoa correta/ você é que contávamos/ deixou-nos a grande lástima."

USHIKUBO, Jô. Histórico do 60 aniversário da colônia japonesa do Paraná. 1972. p.46.

(14) NAGAYAMA, Takeo. Nikkei colônia: revista memorial. n.30. Londrina, Mainichi-kohô-shuppansha, 1983. p.72.

(15) Histórico do 60 aniversário da colônia japonesa do Paraná. p.51.

(16) Entrevista com Satoru HAMASAKI.

(17) UNIÃO DOS GAKUSSEIS DE CURITIBA. A voz da união. 1989. p.4.

(18) UNIÃO DOS GAKUSSEIS DE CURITIBA. Endereços e estatísticas da colônia japonesa de Curitiba e cidades próximas. Curitiba, 1956.

(19) NAGAYAMA, Takeo. Nikkei Colônia: revista memorial. n.35. Londrina, Mainichi-kohô-shuppansha, 1988. p.162.

(20) SOCIEDADE CULTURAL BENEFICENTE NIPO-BRASILEIRA DE CURITIBA. Guia de endereços da colônia nipo-brasileira de Curitiba. Curitiba, 1985.

GRUPO ISSEI

Dos 112 isseis que tivemos na nossa pesquisa encontramos 24 isseis naturalizados que correspondem a 21 por cento do total. O índice de naturalização é muito mais alto no sexo masculino do que no sexo feminino. O índice para os homens chega a 29 por cento enquanto, o das mulheres é de 12 por cento.

Quanto à idade, os mais jovens tinham 33 anos, tanto para os homens como as mulheres, sendo que os mais idosos se apresentavam com 86 e 82 anos respectivamente. 74 por cento dos isseis têm mais de 60 anos de idade.

A naturalidade dos isseis é muito dispersa compreendendo 33 das 47 províncias totais do Japão, inclusive com um caso de nascimento em Honolulu. Entre essas 33 províncias, destacam-se Hokkaido, Hiroshima, Fukushima e Kumamoto que fornecem maior número de imigrantes. A pesquisa pela U.G.C. em 1955 também confirma essas quatro províncias como as procedências mais frequentes. Estas províncias aparecem também nos primeiros lugares no resultado do recenseamento da colônia japonesa em 1958 (quadro 01). Poderíamos dizer que, em termos de origem dos isseis, o grupo issei em

Quadro 01 : Lugar de origem (naturalidade)

ordem	Brasil		Curitiba		Curitiba	
	Província de origem	número de indivíduo	Província de origem	número de indivíduo	Província de origem	número de indivíduo
1	Kumamoto	23,267	Hokkaido	11	Hokkaido	35
2	Fukuoka	19,280	Hiroshima	10	Kumamoto	34
3	Okinawa	19,100	Fukushima	7	Hiroshima	19
4	Hokkaido	15,703	Kumamoto	7	Fukushima	18
5	Hiroshima	13,745	Aichi	5	Fukuoka	16
6	Fukushima	12,207	Tokyo	5	Aichi	13
			Yamagata	5		
Recenseamento de 1958			Pesquisa em 1988		Pesquisa em 1955	

Fonte : 1)The Japanese Immigrant in Brazil. 1964.

2)Pesquisa em 1988

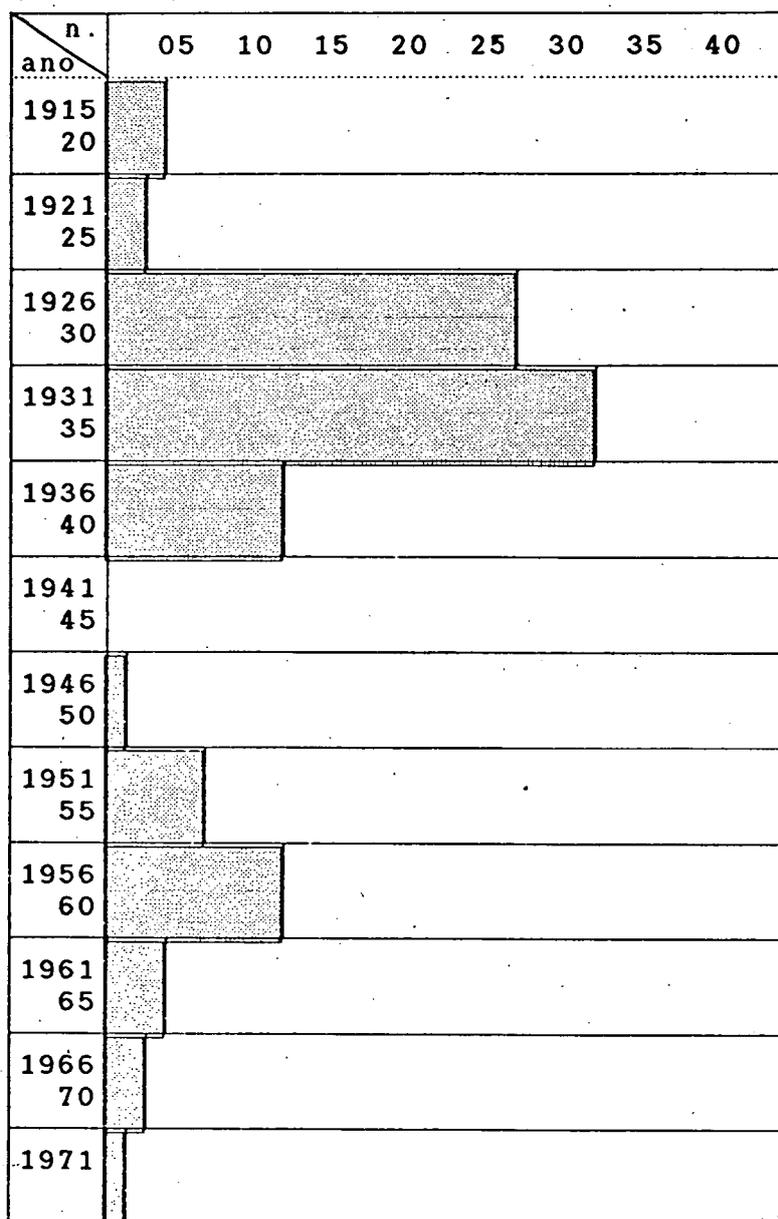
3)Endereços e estatísticas de Curitiba e cidades próximas. 1955.

Curitiba não seria muito diferente do que se vê na colônia japonesa como um todo no Brasil.

No que se refere à chegada ao Brasil, os mais antigos chegaram em 1917 e o mais recente em 1971. O auge da chegada encontra-se no período do final da década de vinte ao início da década de trinta (gráfico 01). O maior número de chegada dos imigrantes registra-se em 1933 e 34, sendo 10 pessoas em ambos os anos. Este movimento coincide com a corrente geral da imigração japonesa para o Brasil. No período de 1926-35, a corrente imigratória japonesa atingiu seu ponto mais elevado quando foi incrementada e subsidiada pelo governo japonês. A partir de 1935, porém, por efeito do chamado regime de quotas, diminuiu bruscamente e foi interrompida por completo em 1941 com a eclosão da II Guerra Mundial. Após a guerra, na segunda metade da década de 50, registrou-se o maior número de imigrantes. Do total dos imigrantes 72,3% vieram antes da guerra e 27,7% depois da guerra, conforme dados do levantamento realizado.

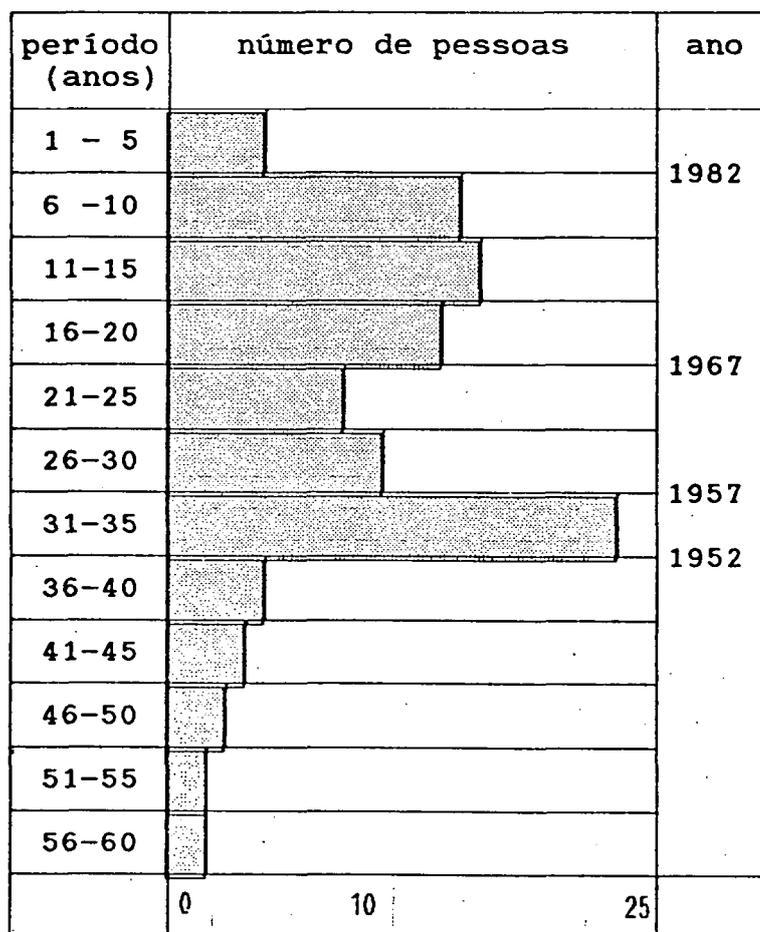
A respeito do tempo de residência em Curitiba, podemos observar dois períodos de destaque, ou seja, um de 6 a 20 anos e outro de 31 a 35 anos (gráfico 02). Este período de 31 a 35 anos corresponderia a 1952 até 1957, época em que ocorreu a colonização dos japoneses no subúrbio de Curitiba e sua mudança de atividades para o setor comercial e industrial. Pois este período mostra a urbanização dos japoneses que começavam a

Gráfico 01 : Chegada ao Brasil(issei)



Fonte : Pesquisa em 1988

Gráfico 02: Tempo de residência em Curitiba
(i s s e i)

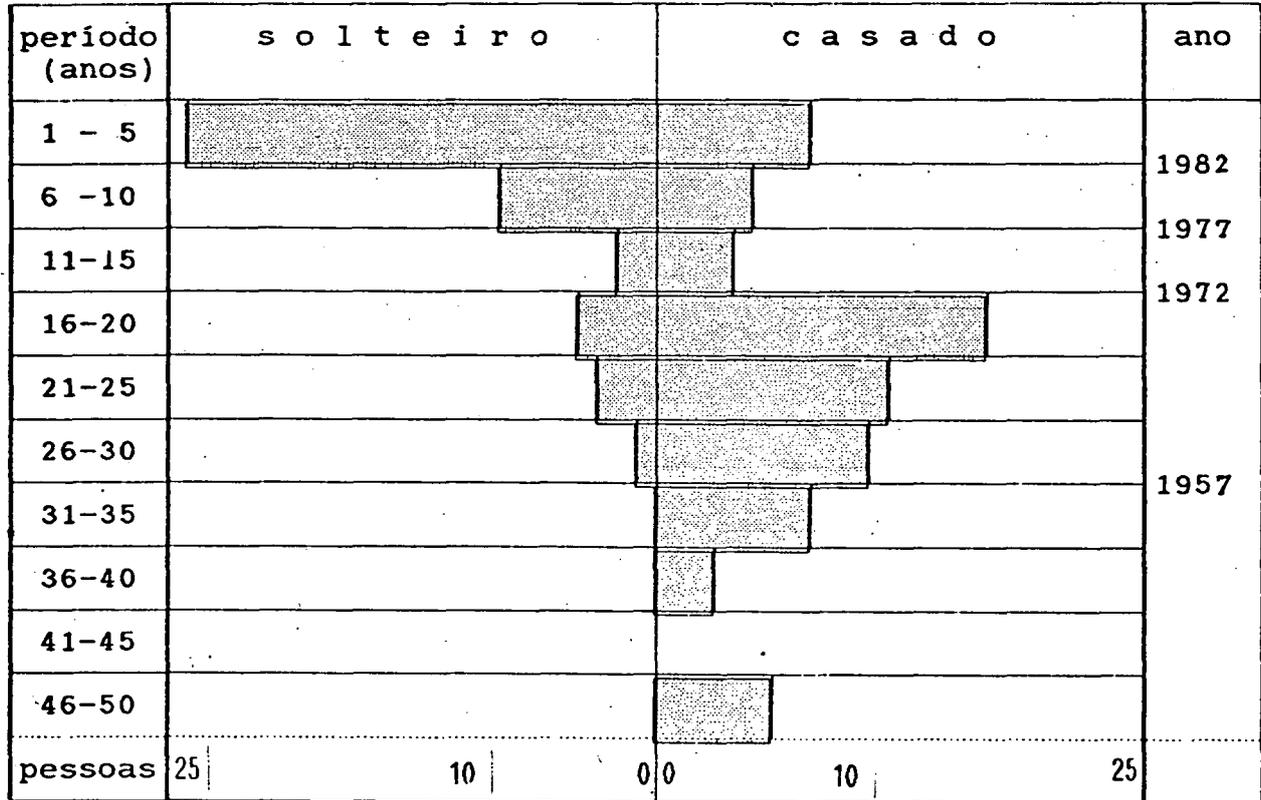


Fonte : Pesquisa em 1988

estender suas atividades no comércio e nas indústrias da capital. Outro período, de 6 a 20 anos corresponderia a 1967-1982, época em que os isseis começaram a residir em Curitiba para poder ficar com seus filhos. Em outras palavras, os nisseis formados ficavam em Curitiba e depois chamavam os pais para viverem juntos. Isso pode ser verificado no grupo nissei. O auge do tempo de permanência em Curitiba dos nisseis casados é de 16 a 30 anos que correspondem ao período 1957-72 (gráfico 03). Isso significa dez anos anteriores ao momento de chegada dos isseis. Portanto, a residência dos Isseis foi mais tardia. É possível que esses dez anos se entendam como o tempo para concluir um curso universitário e conseguir a estabilidade na vida profissional.

A profissão dos isseis consta no quadro 02 e é possível observar que comerciantes estão em maior percentagem ou 25,4% do total, e em seguida aparecem os agricultores com 17,5%. Esses dois grupos ocupam 42,9% e as demais profissões bem mais variadas. Segundo o censo de 1958, 52,9% dos imigrantes japoneses trabalhavam na agricultura quando moravam no Japão. É importante saber que os comerciantes detêm a maior percentagem e não os agricultores. Quanto à profissão do sexo feminino, 34,7% das mulheres responderam como dona de casa e aparecem no segundo lugar como agricultor com 30,6%. O restante é pouco variado ao contrário do que se vê no sexo masculino.

Gráfico 03 : Tempo de residência em Curitiba(nissei)



Fonte : Pesquisa em 1988

Quadro 02-a : Profissões(masculino)

Issei	%	Nissei	%	Sansei	%
comerciante	25,4	comerciante	17,9	engenheiro	20,0
agricultor	17,5	contabilista	7,7	comerciante	15,0
administrador	3,2	advogado	5,1	técnico	15,0
agente de viagem	3,2	agrônomo	5,1	auxiliar (adminis.)	5,0
secretário	3,2	corretor	5,1	bancário	5,0
advogado	1,6	economista	5,1	dentista	5,0
arquiteto	1,6	fotógrafo	5,1	digitador	5,0
atacadista	1,6	médico	5,1	economista	5,0
bar	1,6	odontologista	5,1	estagiário	5,0
caixeiro	1,6	salgadeiro	5,1	funcionário público	5,0
carpinteiro	1,6	auxiliar de escritório	2,6	industrial	5,0
contador	1,6	avicultor	2,6	médico	5,0
corretor	1,6	bancário	2,6	programador	5,0
desenhista	1,6	bioquímico	2,6	sonorização	5,0
engenheiro mecânico	1,6	confeiteiro	2,6		
eletricista	1,6	desenhista	2,6		
exportador	1,6	engenheiro	2,6		
fabricante	1,6	funcionário público	2,6		
funcionário consular	1,6	mecânico	2,6		
hospedaria	1,6	militar	2,6		
professor	1,6	professor (superior)	2,6		
químico	1,6	professor	2,6		
representante comercial	1,6	representante comercial	2,6		
restaurante	1,6				
tipógrafo	1,6				

Quadro 02-b : Profissões(feminino)

Issei	%	Nissei	%	Sansei	%
do lar	34,7	do lar	42,2	dentista	11,1
agricultor	30,6	comerciante	8,9	professora	11,1
comerciante	4,1	professora	8,9	contadora	7,4
caixeira	2,0	secretária	6,7	desenhista	7,4
comerciária	2,0	costureira	4,4	designer	7,4
costureira	2,0	funcionária consular	4,4	do lar	7,4
lanchonete	2,0	auxiliar de contabilidade	2,2	médica	7,4
pensão	2,0	cabeleireira	2,2	analista	3,7
professora	2,0	contadora	2,2	despachante	3,7
		estilista	2,2	economista	3,7
		farmacéutica	2,2	escriturária	3,7
		funcionária pública	2,2	esteticista	3,7
		massagista	2,2	fisioterapeuta	3,7
				funcionária pública	3,7
				operadora	3,7
				promotora	3,7
				psicóloga	3,7
				secretária	3,7

obs: estudante está excluído.

Fonte : Pesquisa em 1988

No que concerne à profissão do pai dos isseis, podemos ver no quadro 03 e percebemos que é bastante diversificada, embora agricultor predomine tanto no masculino(52,4%) como no feminino(36,7%). Quando dividimos o grupo issei em dois sub-grupos de pré e pós-guerra, a percentagem do agricultor diminui substancialmente de 54,3%(pré-guerra) para 22,6%(pós-guerra). Conforme o censo de 1958, 70 por cento do pai do imigrante japonês trabalhava na lavoura lá no Japão. Isso quer dizer que os imigrantes japoneses em Curitiba são em menor número agricultores na sua origem do que a média no referido censo. Muitas vezes a imigração japonesa é caracterizada como de agricultura, mas é importante lembrar que muitos japoneses tinham profissões diferentes anteriormente e não eram agricultores no Japão. Este aspecto é bem acentuado no que se refere aos imigrantes japoneses em Curitiba conforme o resultado do levantamento efetuado na atual pesquisa.

Quanto ao grau de instrução, 20,6% dos imigrantes do sexo masculino e 6,1% do feminino tinham o curso superior(quadro 04). Estas percentagens são bem mais altas do que a média apresentada no mesmo censo. Dos treze isseis que têm o curso superior, nove vieram para o Brasil depois da II Guerra Mundial. Isso significa que a metade dos que vieram depois da guerra tem o curso superior. Quanto às do sexo feminino, as três tinham curso superior e vieram depois da Guerra e ocupam 27,3% dos que vieram depois da Guerra.

Quadro 03-a : Profissão do pai (masculino)

Issei		Nissei		Sansei	
	%		%		%
agricultor	52,4	agricultor	60,7	agricultor	32,7
carpinteiro	6,3	comerciante	14,3	comerciante	26,9
comerciante	4,8	agroindustrial	1,8	fotógrafo	7,7
funcionário público	3,2	agropecuária	1,8	dentista	5,8
administrador	1,6	avicultor	1,8	motorista	5,8
construtor	1,6	bancário	1,8	eletricista	3,8
engenheiro	1,6	fotógrafo	1,8	representante	3,8
granjeiro	1,6	gerente		comerciário	1,9
marceneiro	1,6	de vendas	1,8	farmacêutico	1,9
marinheiro	1,6	industrial	1,8	industrial	1,9
médico	1,6	latoeiro	1,8	médico	1,9
negociante		marceneiro	1,8	militar	1,9
de madeira	1,6	mecânico	1,8	técnico	
negociante de tecido	1,6	motorista	1,8	agrônomo	1,9
pescador	1,6	técnico		vendedor	1,9
produtor	1,6	agrícola	1,8		
professor	1,6				

Quadro 03-b : Profissão do pai (feminino)

Issei		Nissei		Sansei	
	%		%		%
agricultor	36,7	agricultor	35,0	comerciante	47,1
comerciante	16,3	comerciante	20,0	agricultor	19,6
carpinteiro	4,1	comerciário	3,3	dentista	9,8
ferroviário	4,1	marceneiro	3,3	contador	3,9
fabricante de sake	2,0	médico	3,3	engenheiro civil	3,9
funcionário de empresa	2,0	professor	3,3	motorista	3,9
gerente	2,0	agrônomo	1,7	avicultor	2,0
jornalista	2,0	agropecuária	1,7	bancário	2,0
mecânico	2,0	bancário	1,7	construtor	2,0
pastor	2,0	cerealista	1,7	corretor	2,0
pescador	2,0	confeiteiro	1,7	fotógrafo	2,0
tintureiro	2,0	dentista	1,7		
		industrial	1,7		
		massagista	1,7		
		mecânico	1,7		
		paisagista	1,7		
		preletor	1,7		
		relojoeiro	1,7		
		sapateiro	1,7		
		sitiante	1,7		

Fonte : Pesquisa em 1988

Quadro 04 : curso superior(issei)

sexo	S I M		N Ã O		SEM RESPOSTA	
	Nº absolutos	%	Nº absolutos	%	Nº absolutos	%
masc.	13	20,6	47	74,6	3	4,8
fem.	3	6,1	37	75,5	9	18,4
total	16	14,3	84	75,0	12	10,7

Fonte : Pesquisa em 1988

GRUPO NISSEI

Devido à complexidade de condições dos nisseis, foram eles sub-divididos em dois grupos, ou seja, o dos solteiros e o dos casados. Assim fazendo, é possível entender melhor certos aspectos do grupo nissei.

O nissei mais jovem tanto no sexo masculino como no feminino tinha 17 anos e os mais idosos tinham 63 anos no sexo masculino e 71 anos no feminino.

Quanto à naturalidade dos nisseis, nascidos no Paraná e em São Paulo ocupam a maioria sendo que as duas são proporcionais (quadro 05). Quando dividido o grupo nissei em dois sub-grupos (solteiros e casados), certas características bem notáveis são percebidas.

1) No grupo dos solteiros, a grande maioria é do Paraná, e no grupo dos casados a maioria vem do Estado de São Paulo no qual se concentram núcleos antigos de colonização japonesa.

2) Ainda no grupo dos solteiros, podemos verificar que a grande maioria ou quase todos vieram para Curitiba, ou na idade escolar, ou na idade de curso superior (quadro 06). Isso mostra que esses nisseis vinham para Curitiba, ou para frequentar a escola primária e secundária, ou para fazer curso

Quadro 05 : Naturalidade dos nisseis

<i>masculino solteiro</i>		<i>feminino solteiro</i>	
(Paraná)		(Paraná)	
Curitiba	3	Carlópolis	4
Castro	2	Araucária	2
Ponta Grossa	2	Açaí	2
Apucarana	1	Curitiba	2
Açaí	1	Guapirama	1
Assis Chateaubriand	1	Guarapuava	1
Koloré	1	Jandaia do Sul	1
Maringá	1	Londrina	1
Paranavaí	1	Morretes	1
São José dos Pinhais	1	Paranavaí	1
TOTAL	14	TOTAL	17
(São Paulo)		(São Paulo)	
Atibaia	1	Itaporanga	1
Birigui	1	Mogi das Cruzes	1
Indiana	1	São José dos Campos	1
Júlio Mesquita	1		
São Paulo	1	TOTAL	3
TOTAL	5		
(Outros Estados)			
Dourados (MS)	2	branco	1
Curitibanos (SC)	1		
Rio de Janeiro (RJ)	1		

<i>masculino casado</i>		<i>feminino casado</i>	
(São Paulo)		(São Paulo)	
Marília	3	Ourinhos	3
Alvares Machado	2	Bastos	2
Bastos	2	Campinas	2
Aliança	1	Morro Agudo	2
Auriflama	1	Campos do Jordão	1
Baurú	1	Candido Rodrigues	1
Bento de Abreu	1	Guarantam	1
Cafelândia	1	Indiana	1
Duartina	1	Jaboticabal	1
General Salgado	1	Lauro Penteado	1
Lins	1	Lins	1
Oswaldo Cruz	1	Martinópolis	1
Presidente Prudente	1	Mirandópolis	1
Presidente Wenceslau	1	Paraguaçu Paulista	1
San Manuel	1	Pompeia	1
Santo Anastácio	1	Presidente Prudente	1
São Paulo	1	S. Bernardo do Campo	1
Serra Azul	1	São Paulo	1
Tupan	1	Vera Cruz	1
Vera Cruz	1		
Total	24	Total	24
(Paraná)		(Paraná)	
Antonina	3	Antonina	2
Açaí	3	Rolândia	2
Ibaiti	2	Açaí	1
Marialva	1	Bandeirantes	1
		Cacatu	1
		Caloijas	1
		Cambará	1
		Carlópolis	1
		Curitiba	1
		Londrina	1
		Santana do Itararé	1
Total	9	Total	13
		branco	3

Quadro 06: Idade na chegada em Curitiba
(n i s s e i)

	idade atual	tempo de residência	idade na chegada	idade atual	tempo de residência	idade na chegada
M A S C U L I N O	17	3	14	20	6	14
	17	3	14	21	1	20
	17	4	13	22	6	16
	17	17	0	22	6	16
	18	2	16	22	20	2
	18	3	15	24	24	0
S O L T E I R O	18	3	15	25	4	21
	18	3	15	27	10	17
	19	16	3	28	7	21
	20	2	18	29	29	0
	20	3	17	43	16	27
	20	4	16			

Fonte : Pesquisa em 1988

	idade atual	tempo de residência	idade na chegada	idade atual	tempo de residência	idade na chegada
F E M I N I N O	17	3	14	21	14	7
	17	3	14	21	21	0
	17	17	0	23	3	20
	19	1	18	23	4	19
	19	1	18	23	5	18
S O L T E I R O	19	2	17	23	23	0
	19	3	16	24	8	16
	20	3	17	24	8	16
	20	4	16	26	8	18
	20	16	4	27	4	23

Fonte : Pesquisa em 1988

superior. (* Teoricamente pode haver outras possibilidades. Pois, um homem de 40 anos que mora em Curitiba por 30 anos, ele pode ter chegado em Curitiba com 10 anos de idade e depois ficou direto na capital, ou pode ter feito alguma mudança para outra cidade e depois voltado de novo para Curitiba. Neste caso ele pode ter tido a idade mais jovem ao chegar em Curitiba.

Em termos gerais, com dois dados observados nas perguntas 3 e 6, nem sempre pode ser conhecida a idade exata do entrevistado à sua chegada em Curitiba. No entanto, o contato direto com os entrevistados confirmou, muitas vezes, o fato de que eles vieram e ficaram diretamente na capital paranaense.)

3) No grupo dos casados, a maioria dos que vieram do Estado de São Paulo chegou em Curitiba com a idade bastante adulta, ou seja, mais de 25 anos ou 30 para cima. Isso significa que esses nisseis nascidos no Estado de São Paulo vinham para Curitiba talvez com sua família, ou para procurar alguma atividade diferente, ou para tentar uma vida nova.

4) Os mais antigos, com mais de 40 anos de permanência em Curitiba, são do Paraná ou mais exatamente de Antonina e Curitiba.

Essas características comprovam a história dos imigrantes japoneses em Curitiba que foi apresentada no capítulo anterior.

No que se refere ao tempo de residência em Curitiba, é possível observar dois ápices. Um de 1 a 5

anos e o outro de 16 a 20 anos (gráfico 03). No entanto, quando são considerados os sub-grupos, pode ser percebido que mais da metade dos solteiros se concentra na duração de 1 a 5 anos e que os casados se concentram de 16 a 35 anos. Tais solteiros são todos estudantes com apenas uma exceção sendo que a maioria deles veio do interior do Paraná como pode ver no quadro 07. Dos 48 casados que estão no tempo de 16 a 35 anos, 38 vieram de São Paulo e 10 do Paraná. Em outras palavras, podemos dizer que nessa época de 1953-72, houve forte corrente de migração dos japoneses do Estado de São Paulo para Curitiba. E é possível que o aumento recente dos japoneses nos últimos dez anos seja devido à procura de cursos superiores dos nisseis na capital paranaense.

Quanto à profissão dos nisseis, a predominância de agricultor desaparece totalmente e a diversificação profissional cresce enquanto a percentagem de comerciantes diminui nitidamente. Mesmo assim, o comerciante ainda vem em primeiro plano como foi observado no quadro 02. No grupo feminino, a metade das casadas respondeu "do lar" como atividade e a professora vem em segundo lugar ao lado de comerciante. São variadas as profissões.

Quanto à profissão do pai (quadro 03), agricultor vem primeiro com 47,7% (60,7% no masculino e 35,0% no feminino). É interessante comparar a profissão dos isseis com a dos pais dos nisseis que também são isseis. Pelo que pode ser entendido, muitos pais dos

Quadro 07 : Naturalidade por estados
(n i s s e i)

	m.s.	f.s.	m.c.	f.c.	Total
Paraná	14	16	9	13	52
São Paulo	5	3	24	25	57
outros	4	--	--	--	4
branco	--	1	--	2	3
Total	23	20	33	40	116

m.= masculino f.= feminino
s.= solteiro c.= casado

Fonte : Pesquisa em 1988

Quadro 08 : Grau de instrução
(percentagem do curso superior)

	masculino	feminino	masc.	fem.	total
issei			20,6	6,1	14,3
nissei			50,0	38,3	44,0
sansei			86,5	86,3	86,4
%	80 40 0 40 80		%	%	%

mas. = masculino fem. = feminino

Fonte : Pesquisa em 1988

nisseis pesquisados ainda moram no interior e naturalmente se dedicam mais à agricultura e os isseis que chegam à capital mudam do setor primário para o setor secundário ou terciário.

No que concerne ao grau de instrução (quadro 08), 44,0% dos nisseis tem curso superior ou estão cursando atualmente (50,0% do masculino e 38,3% do feminino). A preferência pelos cursos é bem distinta entre ambos os sexos como pode ser observado no quadro 09. Para o sexo masculino, Agronomia, Economia e Direito são cursos mais procurados, enquanto que entre o sexo feminino Letras e Nutrição têm maior procura.

Quadro 09 : Preferência dos cursos

	MASCULINO	FEMININO		
N I S S E I	Agronomia	6	Letras	4
	Economia	5	Nutrição	3
	Direito	5	C .Contábeis	2
	Odontologia	3	Fisioterapia	2
	C .Contábeis	3	Psicologia	2
	Medicina	2	Administração	1
	Bioquímica	1	Arquitetura	1
	C . da		Belas Artes	1
	Computação	1	C .Sociais	1
	Engenharia	1	Ed.Artística	1
	Eng.Civil	1	Farmácia	1
	Eng.Elétrica	1	Filosofia	1
	Eng.Florestal	1	História	1
Farmácia	1	Pedagogia	1	
Física	1	Publicidade		
Psicologia	1	e Propaganda	1	
S A N S E I	Eng.Elétrica	10	Odontologia	7
	Medicina	7	Psicologia	5
	Odontologia	7	Fisioterapia	4
	Agronomia	3	Administração	3
	Economia	3	C .Contábeis	2
	Eng.Civil	3	Ed.Física	2
	Administração	2	Enfermagem	2
	Biologia	1	Medicina	2
	Direito	1	Turismo	2
	Eng.Mecânica	1	Análise de	
	Farmácia	1	Sistema	1
	Medicina		Arquitetura	1
	Veterinária	1	Belas Artes	1
			C .Sociais	1
	Economia	1	Comunicação	
	Farmácia	1	Social	1
	História	1	Comunicação	
	Letras		Visual	1
	Pedagogia	1	Desenho	
Veterinária	1	Industrial	1	

Obs) número das pessoas que fazem respectivos cursos.

Fonte : Pesquisa em 1988

GRUPO SANSEI

No grupo sansei mais da metade é vintaneiro e o mais velho tem 46 anos no sexo masculino e 47 no sexo feminino. O sansei mais jovem tinha 17 anos em ambos os sexos. Os casados são apenas 14 pessoas que ocupam 13,6% do total. A idade média é 23,4 anos para o sexo masculino e 24,4 anos para o sexo feminino.

Quanto à naturalidade dos sanseis, Curitiba aparece em primeiro com 12,6% e depois vem Assaí com 7,8%. Com o aumento de percentagem de Curitiba, entende-se que cresceu o número dos nisseis que se fixaram na capital. A tendência da naturalidade é parecida com a do grupo de nisseis solteiros. Ou seja, a maioria vem do interior do Paraná (quadro 10).

Quando observamos o tempo de residência em Curitiba e a profissão, podemos perceber que muitos sanseis vieram a Curitiba recentemente para estudar (gráfico 04). Em outras palavras, 54,4% dos sanseis pesquisados são estudantes e 66,1% deles moram em Curitiba há menos de 5 anos. De um lado, isso mostra que jovens nipônicos do interior continuam vindo para a capital para fazer curso superior, mas por outro lado, é importante saber que aqueles que moram muito tempo em Curitiba, ou nasceram na mesma ou

Quadro 10 : Naturalidade dos sanseis

<i>masculino</i>		<i>feminino</i>	
(Paraná)		(Paraná)	
Curitiba	5	Curitiba	8
Açaí	4	Açaí	4
Londrina	4	Toledo	4
Paranavaí	4	Maringá	3
Tamboara	3	Cruzeiro do Oeste	2
Arapongas	2	Apucarana	1
Paranaguá	2	Cascavel	1
Ponta Grossa	2	Cianorte	1
Araucária	1	Cidade Gaúcha	1
Cambé	1	Guairaçá	1
Campo Mourão	1	Palmeira	1
Cascavel	1	Paranaguá	1
Cianorte	1	Paranavaí	1
Iguaraçu	1	Peabim	1
Mandaguari	1	Santa Amélia	1
Mandirituba	1	Santa Mariana	1
Mauá	1	Tamboara	1
Muniz de Mello	1	Umuarama	1
Nova Esperança	1		
Rolândia	1	branco	2
Ubiratã	1		
TOTAL	39	TOTAL	36
(São Paulo)		(São Paulo)	
Tupã	3	Baurú	2
Birigui	1	São Paulo	2
Mirante do		Álvares Machado	1
Paranapanema	1	Araçatuba	1
Pariquera-Açu	1	Flórida Paulista	1
Presidente		Ibiúna	1
Prudente	1	Irapuru	1
São Paulo	1	Lucélia	1
branco	3	Mogi das Cruzes	1
		Pres.Wenceslau	1
TOTAL	11	Registro	1
		Tupã	1
		TOTAL	14
(Outros Estados)		(Outros Estados)	
Aquidauana (MS)	1	Florianópolis (SC)	1
Rio de Janeiro (RJ)	1		

Fonte : Pesquisa em 1988

vieram pequeno. Isso pode significar que a migração dos japoneses para Curitiba esteja estabilizada.

Foi percebida, também, certa preferência de profissão dos sanseis. No sexo masculino nota-se a preferência por engenheiro e técnico e no sexo feminino pela área de educação, arte e medicina (quadro 02). E as profissões de setor agrícola desaparecem completamente.

No que se refere à profissão do pai, continua a predominância de agricultor e comerciante (quadro 03). É importante, no entanto, salientar a inversão da ordem dessas duas profissões. Cresce o comerciante e decresce o agricultor. Aqui mais uma vez confirma a mudança do setor primário para os secundário e terciário na profissão de não só os nisseis pesquisados, que já vimos, mas também os pais dos sanseis pesquisados, muitos moradores do interior.

Observando as profissões dos sanseis, é evidente que esta tendência de decrescimento da área de agricultura continue aceleradamente.

Em relação ao grau de instrução, 87% do sexo masculino e 86% do sexo feminino têm curso superior ou o frequenta atualmente (quadro 08). Ou seja, não há diferença entre os sexos como foi verificado nos grupos de issei e de nissei. A preferência dos cursos é bem acentuada na engenharia, odontologia e medicina no sexo masculino e odontologia, psicologia e fisioterapia no sexo feminino (quadro 09).

PROFISSÃO

Ao analisar a mudança de profissões nas gerações, primeiro foi calculada a percentagem de cada profissão (quadro 02) e depois divididas em três setores (primário, secundário e terciário). O resultado está apresentado no quadro 11 e no gráfico 05.

Já no grupo Issei o setor terciário é predominante no masculino. Isso se esperava uma vez que numa cidade como Curitiba as pessoas se dedicam mais aos setores secundário e terciário. Na medida em que a geração muda, essa predominância cresce e no grupo Sansei, tanto masculino quanto feminino, o setor terciário ocupa atualmente mais de noventa por cento.

No setor primário há percentagem significativa no grupo Issei (17,5% no masculino e 30,6% no feminino). No grupo Nissei, a percentagem do mesmo diminui até 10,3% no masculino e desaparece no feminino. No grupo Sansei, nenhum de ambos os sexos aparecem no setor primário.

O setor secundário aparece em todas as gerações do sexo masculino, mas a percentagem não chega a dez por cento.

Quadro 11-a: Atividade por setores (%)
Sexo Masculino

	ISSEI	NISSEI	SANSEI
SECUNDARIO - PRIMARIO	agricultor 17,5	agrônomo 5,1 agricultor 2,6 avicultor 2,6	-----
	fabricante 1,6 carpinteiro 1,6	salgadeiro 5,1 confeiteiro 2,6	industrial 5,0
TERCIARIO	comerciante 25,4 administrador 3,2 ag. de viagem 3,2 secretário 3,2 advogado 1,6 arquiteto 1,6 atacadista 1,6 bar 1,6 caixeiro 1,6 contador 1,6 corretor 1,6 desenhista 1,6 eletricista 1,6 eng. mecânico 1,6 exportador 1,6 func. consular 1,6 hospedaria 1,6 professor 1,6 químico 1,6 Rep. comercial 1,6 restaurante 1,6 tipógrafo 1,6	comerciante 17,9 contabilista 7,7 advogado 5,1 corretor de imóveis 5,1 economista 5,1 fotógrafo 5,1 médico 5,1 odontologista 5,1 bancário 2,6 bióquímico 2,6 desenhista 2,6 engenheiro 2,6 func. público 2,6 mecânico 2,6 militar 2,6 professor 2,6 prof. superior 2,6 rep. comercial 2,6	engenheiro 20,0 comerciante 15,0 técnico 15,0 auxil. adm. 5,0 bancário 5,0 dentista 5,0 digitador 5,0 economista 5,0 estagiário 5,0 func. público 5,0 médico 5,0 programador 5,0 sonorização 5,0

Obs) ag. = agência auxil. adm. = auxiliar administrativo
eng. = engenheiro func. = funcionário
prof. = professor rep. = representante

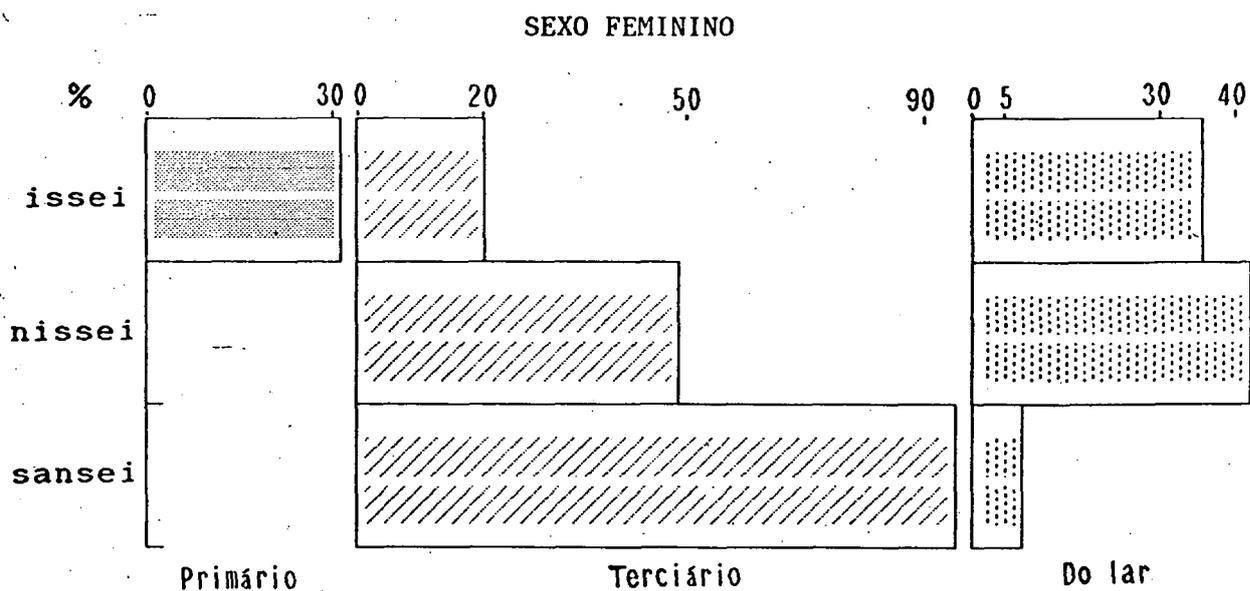
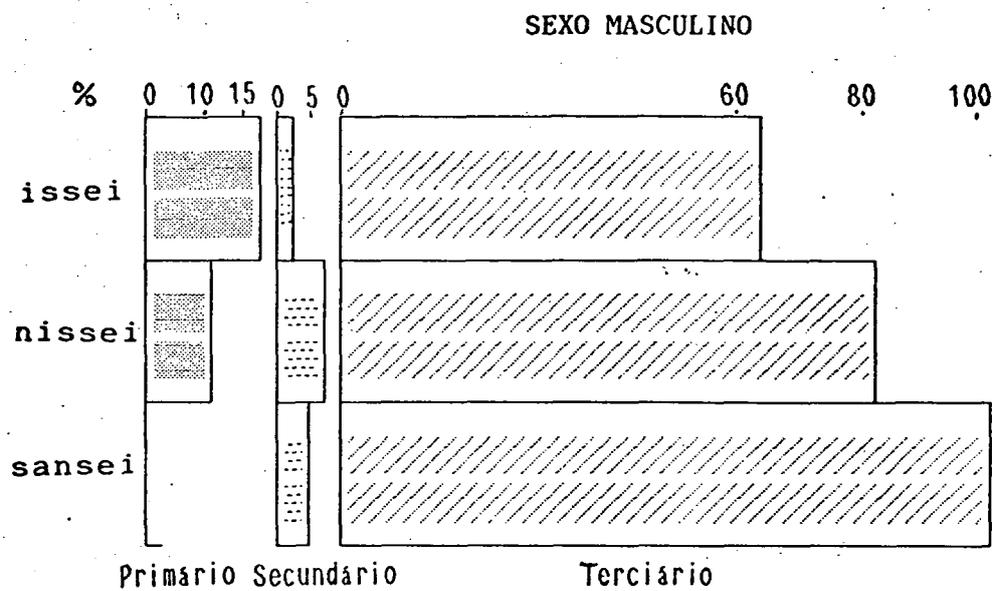
Seis pessoas citaram duas profissões, portanto o total da percentagem não fica necessariamente cem por cento.

Quadro 11-b: Atividade por setores (%)
Sexo feminino

	ISSEI	NISSEI	SANSEI
PRIMARIO DO LAR	do lar 34,7	do lar 42,2	do lar 7,4
	agricultor 30,6	-----	-----
TERCIARIO	professora 6,0 comércio 4,1 caixeira 2,0 comerciária 2,0 costureira 2,0 lanchonete 2,0 pensão 2,0	comerciante 8,9 comerciantes 8,9 secretária 6,7 costureira 4,4 func. consul. 4,4 aux. contab. 2,2 cabeleireira 2,2 contadora 2,2 estilista 2,2 farmacêutica 2,2 func. público 2,2 massagista 2,2	dentista 11,1 professora 11,1 contadora 7,4 desenhista 7,4 designer 7,4 médica 7,4 analista 3,7 despachante 3,7 economista 3,7 escriturária 3,7 esteticista 3,7 fisioterapeuta 3,7 func. público 3,7 operadora 3,7 promotora 3,7 psicóloga 3,7 secretária 3,7

Obs) aux. = auxiliar consul. = consular
contab. = contabilidade func. = funcionário
Fonte : Pesquisa em 1988

Gráfico 05 : Profissão por setores



Fonte : Pesquisa em 1988

O aumento do setor terciário é evidente para ambos os sexos. Principalmente no sexo feminino este setor duplica de geração a geração.

No sexo feminino, a resposta " do lar " tem a maior percentagem em todas as atividades nos grupos Issei e Nissei. Já no grupo Sansei cai para a terceira maior entre atividades. É possível que isso seja devido a idade média do grupo Sansei feminino que é de 24,4 anos.

Quanto à profissão dos primeiros imigrantes, existem poucas estatísticas e só é possível identificar algumas atividades deles através de anúncios e recordações que aparecem nas publicações de várias associações nipo-brasileiras.

Primeiros japoneses que chegavam em Curitiba, muitos deles trabalhavam como copeiro ou empregado doméstico no início da sua vida curitibana. Parece que isso era destino comum daqueles que foram à cidade naquela época.

Dois anos depois da chegada do navio Kasato-maru, alguns pioneiros já trabalhavam na cidade, ou seja, em São Paulo. Principais atividades deles eram carpinteiro, pintor e empregado doméstico. Handa conta que para aqueles que foram para a cidade o empregado doméstico era o trabalho para sobreviver e foi o primeiro passo para assimilar novos costumes e aprender a língua. "Naquela época até os japoneses instruídos que não tinham habilidade para se tornar

carpinteiros tinham de sujeitar-se a empregos domésticos."(1)

Kawase foi um bom exemplo desses japoneses. Ele diz na entrevista, "Ficando lá na colônia, não podia aprender a língua. Procurei um lugar que não houvessem japoneses e fui para o Rio de Janeiro. Minha intenção era conhecer a família brasileira de classe média e aprender a língua."(2)

Voltando para os primeiros japoneses em Curitiba, Sugiyama abriu uma loja de artesanato de bambu, mas um ano depois fechou-a e se tornou gerente de fábrica de juta. Matsuda começou como copeiro, e depois abriu um bar com Sugiyama em Antonina. Takashima veio contando com Sugiyama e trabalhou na fábrica de papel Macedo que ficava no bairro de Batel. Nessa fábrica trabalharam muitos japoneses inclusive Sugiyama e Hasegawa. Depois dessas atividades, eles passaram para jardinagem, floricultura e horticultura.

Encontramos três publicações de estatísticas detalhadas com nomes e profissões da comunidade japonesa de respectivas épocas. Na primeira estatística em 1933(3), constam 12 famílias e a metade delas dedicava-se à horticultura. Apenas 4 famílias trabalhavam na agricultura e havia um comerciante e um confeitiro(quadro 12). Na mesma estatística são indicadas as profissões dos japoneses em Antonina. Nesta época a população japonesa em Antonina era maior do que a estabelecida em Curitiba. Ou seja, havia 14

Quadro 12 : Profissão em 1933

Primário 83,3%	Secundário 8,3%	Terciário 8,3%
horticultura 6 agricultura 4	confeiteiro 1	comerciante 1

Fonte : Anuário Comemorativo do 25 aniversário da Imigração Nipônica do Brasil. 1933

Quadro 13 : Profissão em 1955 (%)

Primário 44,1	Secundária 1,2	Terciário 51,2
Horticultura 37,1	Fábrica de doce 0,4	Quitanda 4,3
Feirante/ hortaliça 2,6	Fábrica de bebida 0,4	Comércio 3,9
Agricultura 1,3	Fábrica de caixa 0,4	Bar 3,4
Avicultura 1,3	Fábrica de tomate 0,4	Lavanderia e tinturaria 3,4
Fazenda 0,9		Empório 2,6
Fruticultura 0,9		Foto-Stúdio 2,6
		Carro/aluguel 2,2
Alfaiataria 1,7	Corretagens de imóveis 1,7	Funcionário comercial 1,7
Pastelaria 1,7	Peixaria 1,7	Professor (jap.e ing.) 1,7
Escritório de contab. 1,3	Instituto de beleza 1,3	Oficina mecânica 1,3
Agente de seguros 0,9	Farmácia 0,9	Funcionário público 0,9
Oficina de apar.eletr. 0,9	Oficina de eletr. 0,9	
Agente de jor.e rev. 0,4	Banca de jornais 0,4	Cooperativa 0,4
Dentista 0,4	Desenhos técnicos 0,4	Depósito de batata 0,4
Distribuidor de bebidas 0,4	Engenharia civil 0,4	Escola de costura 0,4
Funcionário industrial 0,4	Funcionário liberal 0,4	Hotel 0,4
Livraria 0,4	Máquinas agrícolas 0,4	Oficina carpintaria 0,4
Oficina marcenaria 0,4	Rádio anúncio 0,4	Reverendo Holyness 0,4
Sapataria 0,4		
Não identificado		3,0

Obs) ing. = inglês jap. = japonês
jor. = jornais rev. = revistas

Fonte : Estatística pela U.G.C. em 1955

famílias e a metade delas dedicava-se à agricultura. Os demais eram quatro comerciantes, dois carpinteiros e um dentista. Ainda na mesma relação da colônia Cacatu destaca-se a fabricação de pinga a qual metade das dez famílias se dedicava. Outra metade era composta por um professor, um comerciante, um agricultor, um transportador e um carpinteiro. É importante lembrar que nesta época os japoneses ainda se concentravam na região litoral e a profissão era mais variada nessa região do que em Curitiba.

A pesquisa da U.G.C. em 1955(4), depois de 22 anos da primeira, traz diversas informações inclusive endereços profissionais. No quadro 13 é mostrada a profissão por setores conforme a informação citada. É possível notar então que já nessa época crescera muito o setor terciário e o mesmo ocupava mais de cinquenta por cento além de ter grande diversidade. Esta percentagem é maior do que a do quadro geral da imigração japonesa em 1958 : o primário(55,0%), o secundário(9,0%) e o terciário(36,0%). Isso significa que em Curitiba os japoneses trabalhavam mais no setor terciário do que em outras regiões. São poucas, porém, aquelas profissões de alto status. Os japoneses desta época eram recém-chegados ou ainda estavam chegando na capital. Em outras palavras, para a maioria estava começando uma nova vida. Era início da expansão profissional dos japoneses em Curitiba.

Na terceira publicação, de 1967(5), além de nomes, profissões e endereços, consta um quadro das

principais profissões. Nele registram-se quarenta profissões de 659 pessoas. No quadro 14 dividido em três setores, foi calculada a percentagem de cada setor, os quais comparados com o resultado anterior de 1955, revelam a alteração nítida entre os setores. Os setores secundário e terciário cresceram, e principalmente o setor secundário aumentou nove vezes mais que o anterior. Por outro lado, o setor primário diminuiu para metade, ficando quase na mesma percentagem do resultado do grupo issei masculino da pesquisa realizada em 1988. Isso mostra que a partir desse momento a mudança do quadro profissional fica por conta dos nisseis formados na capital cujos números começavam a crescer.

Quanto à profissão do pai dos imigrantes, é bastante diversificada, embora predomine o agricultor (quadro 03). Isso indica que o grupo japonês não era um grupo uniforme e sim um grupo que incluía todos os elementos tanto camponeses como urbanos.

NOTAS DE REFERENCIA

(1) HANDA, Tomoo. O imigrante japonês. São Paulo, T.A. de Queiroz: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987. p.174.

(2) Entrevista com Hisashi KAWASE.

(3) KOWYAMA, Rocco. Anuário Comemorativo do 25 Aniversário da Imigração Nipponica ao Brasil. Bauru, Semanário de São Paulo, 1933.

(4) UNIÃO DOS GAKUSSEIS DE CURITIBA. Endereços e estatísticas da colônia japonesa de Curitiba e cidades próximas. Curitiba, 1956.

(5) NAKAMURA, Tômin. A colônia japonesa e seu progresso na região de Curitiba e sul do Paraná. 1967.

Quadro 14 : Profissão por setores em 1967

PRIMARIO 15,9%	SECUNDÁRIO 10,2%	TERCIARIO 73,9%
agricultor 81	fabricante	comerciante 48
horticultura 16	de alimentos 18	feirante
avicultor 8	fábrica	/hortaliça 41
	de doce 16	bar 35
total 105	manufator 12	tinturaria 30
	industrial 10	funcionário 29
Obs)	artesão 6	mecânico 26
número das	máquinas	mercearia 23
peçoas de	e adubos	motorista 21
cada profissão	agrícolas 5	armarinheiro 17
dividida por		pensão 16
setores	total 67	empregado 16
		armazem 16
		foto 14
		cabeleleiro 14
		peixaria 14
		vendedor 13
		atacadista 13
		funcionário
		liberal 11
		contabilista 11
		alfaiate 11
		restaurante 8
		transportador 8
		funcionário
		público 8
		eletricista 7
		intermediário 7
		militar 5
		professor 5
		missionário 5
		farmácia 5
		corretor de
		imóveis 5
		relojoaria 5
		total 487

Fonte : A colônia japonesa e seu progresso na região de Curitiba e sul do Paraná. 1967.

GRAU DE INSTRUÇÃO E PROBLEMAS DE EDUCAÇÃO

Como grau de instrução, fizemos uma pergunta sobre o curso superior, ou seja, perguntamos se fez ou está fazendo algum curso superior. O resultado está no quadro 08. Em todas as gerações, o sexo masculino tem a maior percentagem do que o sexo feminino. Foi possível perceber, porém, que no grupo sansei essa percentagem ficou praticamente igual além de que em ambos a percentagem foi bem alta.

Como no capítulo sobre Grupo Issei, é evidenciado que o grau de instrução dos isseis em Curitiba já é alto. Quanto aos grupos nissei e sansei, não encontramos nenhum dado para comparar com japoneses de outras regiões. Mesmo assim, a percentagem dos respectivos grupos é considerada bastante alta.

A pesquisa da U.G.C. em 1955 apresenta estatística significativa a este respeito. Trata-se de dados sobre o número de estudantes nisseis em cursos superiores e secundários(1). Conforme essa estatística apresentada no quadro 15 é possível conhecer o percentual dos nisseis no corpo docente que é de 2,5%. A cada quarenta universitários um era nissei. Quanto aos cursos secundários a situação é muito parecida. Os

Quadro 15 : Estudantes nisseis nas escolas superiores

C U R S O S	C.Docente	C.Dicante	Est. Nisseis
Engenharia Civil fed.	58	566	12
Direito	32	762	12
Filosofia	75	337	5
Ciências Econôm.	25	170	2
Química Superior	56	76	2
Medicina			
Odontologia	> 51	> 1058	> 56
Farmácia			
Agronomia	37	99	7
Veterinária	22	33	0
Of. Aeronáutica	(32)	(242)	0
B. Artes(Pint.) est.	14	36	0
B. Artes(Música)	8	12	0
Ed. Física	12	34	0
Serviço Social	38	38	0
Rural Social	(32)	22	0
Of. Polícia	(32)	(242)	2
Direito par.	27	485	8
Cienc. Econôm.	20	242	10
Filosofia cat.	69	385	5
T O T A L	640	4839	123

Fonte : Endereços e estatísticas da colônia japonesa de Curitiba e cidades próximas. 1955.

Quadro 16 : Estudantes nisseis de fora que estudam em Curitiba

C U R S O	N. Total	N. de Fora	%
Universitário	123	92	74,8
Secundarista	454	294	64,8
T O T A L	577	386	66,9

Obs)
N. = número

Fonte: Endereços e estatísticas da colônia japonesa de Curitiba e cidades próximas. 1955.

alunos nisseis ocupam 2,6% do total dos alunos sendo um nissei a cada trinta e nove alunos. Pensando no quantitativo de japoneses na época, é considerado bastante grande o número dos estudantes e alunos nisseis. Pois, na mesma pesquisa registram-se 252 famílias japonesas com 1600 pessoas em Curitiba quando esta tinha 260.000 habitantes, ou seja, os japoneses representavam apenas 0,6% da população curitibana. Esta procura de curso superior entre os japoneses, mais exatamente entre os nisseis, vai crescer ano após ano. Outros dados que se encontram na publicação do consulado em 1980(2) registra aproximadamente 20% de estudantes nisseis no total de 10.415 estudantes na UFPR. Havia, também, 36 professores nisseis que já ocupavam 10% do total do corpo docente.

Outro fato importante é que 386 nisseis residiam fora e vieram estudar em Curitiba, e esses estudantes ocupavam 66,9% no conjunto de estudantes nisseis registrados na pesquisa como pode ser observado no quadro 16. Estes dados confirmam as informações dos entrevistados que diziam que enviavam filhos a Curitiba para estudar e que os mesmos acabaram se mudando para a capital para ficar com os filhos.

Muitos autores argumentam no mesmo sentido, entre os quais Saito aponta a preocupação com a educação dos filhos como uma das mudanças comportamentais dos isseis e diz " Dos meados da década de 50, aumenta o número dos que buscam as vagas

nas escolas de ensino superior, tendência que reforça até hoje"(3).

Cardoso, outra pesquisadora da comunidade japonesa, diz.

Quando os isseis abandonaram o desejo de retornar à pátria, propunha-se o problema de como educar seus filhos, os nisseis. A valorização do trabalho intelectual que trouxeram do Japão e o propósito de proporcionar aos jovens uma vida melhor, fizeram com que estes isseis incentivassem nos nisseis o desejo de conseguir uma profissão urbana e bem categorizada socialmente.(4)

É importante também entender outro aspecto deste fenômeno como Maeyama explica. Ou seja, o fato de que a educação substituiu a herança.

Com a modernização e o avanço da tecnologia, o papel do segundo filho como "guarda-costa" e ajudante está diminuindo sua importância. Consequentemente, o guarda-costa transformou-se em estudante do curso colegial ou superior. Comumente se diz: A educação substituiu a herança. Isto quer dizer que os gastos dispendidos em educação dos filhos não-herdados são interpretados como substitutos da parte da propriedade que os mesmos teriam por herança.(5)

Esta tendência de vinda dos nisseis para fazer o curso superior é interligada com o conseqüente crescimento da população japonesa na capital, não só de nisseis, mas também de isseis que acabam vindo para

ficar com os filhos. Hiroshi Matsuo, um dos entrevistados, que trabalhou na redação da revista "Nikkei Colônia" e que andou muito pelas colônias japonesas, contou que a colônia japonesa em Curitiba é diferente de outras colônias como em Londrina, Maringá, Apucarana e Assaí. Segundo ele nestas regiões os japoneses entraram como pioneiros e criaram sítio, plantaram café pela própria mão e conquistaram o sucesso com seu próprio esforço. Esse esforço é respeitado e agradecido pelos filhos e portanto os pais têm a voz de peso em casa. Em Curitiba, por sua vez, muitos isseis vieram para ficar com os filhos que já são formados e têm emprego. Com isso muitos isseis passaram a depender dos filhos: Isso significou aos isseis a diminuição de peso da sua voz. Matsuo acha que poucos isseis, talvez somente cerca de dez pessoas, começaram o empreendimento em Curitiba e ao mesmo tempo conseguiram o sucesso. Em outras palavras, isso quer dizer que em Curitiba poucos isseis têm a maior voz que os nisseis. Este comentário faz lembrar o fato de ter o quarto presidente nissei no Bunkyo como vimos no capítulo da temática. A formação da colônia japonesa em Curitiba deve ter sido diferente mesmo de outras colônias.

Voltando à vinda dos nisseis para a capital, Smith no seu artigo chama este fenômeno de "Education-Oriented migration pattern"(6). Ele explica também esta preocupação com a educação dos japoneses simbolizando "The Brazilians build a town beginning

with the plaza and the church, but the Japanese start with the school"(7). Aliás, isso está bem escrito na estátua de Ryo Mizuno que diz: Se quereis colher em uma década, plantai árvores, mas se quereis edificar para as gerações, dai educação.(8)

O problema da educação não é limitado apenas como problema de educação, e também afeta o comportamento dos próprios isseis no sentido de mudar sua profissão e em alguns casos modificar o relacionamento entre os familiares como alguns entrevistados revelaram. E esta mudança também passou a oferecer aos isseis oportunidades de entrar em contato com a sociedade brasileira como um todo. Isso vai induzir a outros fenômenos aculturativos como casamento e família. Smith conclui no mesmo artigo que a mudança para a cidade pôs os isseis em contato com a sociedade brasileira e, com a erosão da autoridade dos isseis, o casamento interétnico dos nisseis cresceu extensamente. Desta maneira, a questão de educação é muito ligada com outros problemas de residência, profissão e família.

NOTAS DE REFERENCIA

(1)UNIÃO DOS GAKUSSEIS DE CURITIBA. Endereços e estatísticas da colônia japonesa de Curitiba e cidades próximas. Curitiba, 1956. p.132-4.

(2)ESCRITÓRIO DO CONSULADO EM CURITIBA. Burajiru-renpô-kyôwakoku Parana-shu-binran. 1980. p.14.

(3)SAITO, Hiroshi. A Presença japonesa no Brasil. São Paulo, Ed. da U.S.P., 1980. p.87.

(4) CARDOSO, Ruth Correa Leite. Revista de Antropologia, 11(1/2), jun.-dez. 1963. p.56.

(5) MAEYAMA, Takashi. Assimilação e integração dos japoneses no Brasil. São Paulo, Vozes, 1973. p.259.

(6) SMITH, Robert J. The Journal of Japanese Studies, Tokyo, 5(1), winter. 1979. p.64

(7) SMITH, Robert J. The Ethnic Japanese in Brazil. In: The Journal of Japanese Studies, 5(1), winter, 1979. p.57. Os brasileiros constroem a cidade começando com a praça e a igreja, mas os japoneses começam com a escola.

(8) Frase inscrita na estátua de Ryo Mizuno na Sociedade Cultural e Beneficente Nipo-Brasileira de Curitiba.

CASAMENTOS INTERÉTNICOS

Em 1987 foi iniciada a pesquisa da população de descendentes japoneses residentes no Brasil pelo Centro de Estudos Nipo-Brasileiros e foi divulgado o resultado de primeiros levantamentos em 1989(1). De acordo com os levantamentos realizados, constatou-se que o índice de casamento inter-étnico é de 45,9% no país todo.

Antes da II Guerra Mundial, principalmente no primeiro período da imigração japonesa, era extremamente raro o casamento interétnico. Isso era resultado natural, porque a intenção dos imigrantes japoneses era de migração temporária com planos de retorno. Eles se voltavam aparentemente com a sua face para o Brasil, mas na verdade estavam voltados para o Japão. Se usar o termo de Maeyama, eles se consideravam zairyumin (residentes temporários) e não participantes da sociedade brasileira.(2)

Nessa situação ninguém via o casamento interétnico com bons olhos e, antes de mais nada, não existia contato com os brasileiros, a não ser representantes humildes em geral analfabetos, uma vez que os japoneses foram introduzidos nas zonas rurais pouco habitadas.

Casamento é muitas vezes considerado como um dos parâmetros para medir o grau de integração dos imigrantes no país adotivo. A este respeito foram feitas três perguntas no questionário.

Na primeira pergunta(n.17) foi indagada a existência de casamento inter-étnico e a aceitação desses casamentos dentro da família. O resultado apresentado no quadro 17 revela várias informações. Primeiro, como o total, 68,9% das pessoas pesquisadas responderam que têm alguma pessoa casada com brasileiro(a) na sua família. Tirando o número médio desses casamentos ficaria 2,0 casamentos para cada pessoa consultada. Em outras palavras, cada pessoa pesquisada tem, em média, 2,0 casamentos inter-étnicos na sua família. A percentagem de casamento inter-étnico na família é menor no grupo nissei, e nos grupos issei e sansei têm percentagens semelhantes ficando um pouco maior no grupo issei. Isso poderia ser explicado pelo fato de que bom número dos isseis residem na capital desde a II Guerra Mundial. Ou seja, eles poderiam ter seu parentesco mais aculturado e integrado na sociedade brasileira, portanto poderia haver maior percentagem de casamentos inter-étnicos do que a dos sanseis pesquisados uma vez que a maioria deles ainda vêm do interior. Em todo caso, constata-se fenômeno diferente do grupo nissei em relação aos outros grupos.

Quadro 17 : Casamento inter-étnico

	percentagem	número p/família
issei	72,3	2,0
nissei	63,8	1,7
sansei	70,9	2,2
total	68,9	2,0

Fonte : Pesquisa em 1988

Quadro 18 : Aceitação da família a respeito do casamento interétnico

	favor	contra	conde.	em branco
issei	42,0	18,5	33,3	6,2
nissei	36,5	29,7	27,0	6,8
sansei	52,1	17,8	21,9	8,2
total	43,5	22,0	27,4	7,1

conde. = condescendência

Fonte : Pesquisa em 1988

No que concerne à aceitação do casamento inter-étnico, é possível dizer a mesma coisa. Evidencia-se tendência de aumentar a percentagem de aceitação na família ao mudar de uma geração para outra (quadro 18). Mas, o grupo nissei novamente contraria esta tendência.

A primeira pergunta era para saber a situação atual do grau de miscigenação na família. E na realidade qual é a opinião de cada um ou cada geração dos japoneses? Com esta intenção, foi feita a segunda pergunta (n.18). O resultado no quadro 19 indica vários aspectos interessantes.

1) Comparando o grupo issei com o grupo nissei, percebe-se que a opinião "contra" do issei passou para "nada contra" do nissei. As percentagens de "natural" e "prefere nissei" alteraram muito pouco do issei para o nissei. Em outras palavras, a opinião categorica "contra" diminuiu e a mesma percentagem desta opinião passou para a opinião neutra "nada contra". Isto é, como um todo, a opinião categoricamente "contra" neutralizou-se.

2) Ao comparar o grupo nissei com o grupo sansei, por sua vez, entende-se que as opiniões "nada contra" e "contra" permanecem no mesmo nível de percentagem. O que se nota nesta comparação é que a diminuição da opinião "prefere nissei" do grupo nissei ao sansei é igual ao crescimento da opinião "natural" do mesmo.

Quadro 19 : Opinião própria
sobre o casamento inter-étnico (%)

	natural	nada contra	prefere nissei	contra	em branco	indefinido
I S S E I	M 30,2	M 17,5	M 33,3	M 15,9	M 3,2	M ---
	F 40,8	F 16,3	F 28,6	F 2,0	F 12,2	F ---
	T 34,8	T 17,0	T 31,6	T 9,8	T 7,1	T ---
N I S S E I	M 46,4	M 16,1	M 32,1	M 3,6	M ---	M 1,8
	F 25,0	F 33,3	F 36,7	F 1,7	F 3,3	F ---
	T 35,3	T 25,0	T 34,5	T 2,6	T 1,7	T 0,9
S A N S E I	M 40,4	M 25,0	M 28,8	M 5,8	M ---	M ---
	F 58,8	F 23,5	F 17,6	F ---	F ---	F ---
	T 49,5	T 24,3	T 23,3	T 2,9	T ---	T ---
T O T A L	M 38,6	M 19,3	M 31,6	M 8,8	M 1,2	M 0,6
	F 40,6	F 25,0	F 28,1	F 1,3	F 5,0	F ---
	T 39,6	T 22,1	T 29,9	T 5,1	T 3,0	T 0,3

Fonte : Pesquisa em 1988

3) Levando em consideração o sexo, fica claro que o sexo feminino acha mais "natural" o casamento inter-étnico e "prefere nissei" menos do que o sexo masculino com exceção do grupo nissei. Além disso, a opinião "contra" no sexo feminino é extremamente rara. Podemos dizer que em geral o sexo feminino é menos contrário ao casamento inter-étnico do que o masculino. É digno de atenção especial, no entanto, o grupo nissei, pois somente nesse grupo inverte a tendência entre os sexos.

4) O grupo nissei, portanto, apresenta fenômenos particulares. O nissei do sexo masculino acha o casamento inter-étnico muito mais "natural" do que o sexo feminino contrariando a tendência geral, enquanto que o nissei do sexo feminino "prefere nissei" mais do que o masculino também não obedecendo à tendência geral. O que se destaca aqui é a forte preferência do nissei feminino pelo nissei e a aceitação "natural" do casamento inter-étnico pelo nissei masculino. Além dessa inversão entre os sexos, percebe-se que as opiniões de dois extremos, "natural" e "contra", diminuem conforme as gerações deixando as opiniões neutras "nada contra" e "prefere nissei" crescerem. É importante notar que a opinião "prefere nissei" é a mais forte no grupo nissei do que no grupo issei. Isso mostra que os nisseis não são contra o casamento inter-étnico, mas estão em dúvida a esse respeito e acabam preferindo nissei.

5) Observando o quadro geral, há tendência de achar o casamento inter-étnico "natural" na medida em que a geração muda. Sua percentagem cresce de 34,8 a 35,3 e 49,5. Agrupadas duas respostas "natural" e "nada contra" como afirmação ao casamento inter-étnico, a percentagem somada também aumenta à medida que a geração muda, ou seja, de 51,8 a 60,3 e 73,8.

Analisando sub-grupos do nissei (quadro 20), foram observados alguns pontos interessantes.

1) Divergindo do grupo de casados, o grupo de solteiros tem opinião parecida com a do grupo sansei.

2) Os casados tanto do sexo masculino como do sexo feminino têm preferência nítida ao nissei (masculino 42,4% ; feminino 42,5%).

3) Nota-se também que a opinião do nissei casado do sexo masculino é dividida em duas posições, ou seja, "natural" e "prefere nissei" (ambos têm 42,4%).

4) O nissei casado de sexo feminino optou pelo "prefere nissei" mais que os outros grupos e é mais conservador a respeito da opinião sobre o casamento inter-étnico quase equivalendo ao grupo issei de sexo masculino.

Quanto à primeira observação, deve-se considerar a idade, pois mesmo que pertença ao grupo nissei, os nisseis mais jovens vivem, muitas vezes, em circunstâncias bem parecidas com as dos sanseis. Não é estranho que o nissei nascido na região urbana, como

Quadro 20 : Opinião própria sobre
o casamento inter-étnico no sub-grupo nissei(%)

	natural	nada contra	prefere nissei	contra	em branco	indefinido
solteiro	M 52,2	M 30,4	M 17,4	M ---	M ---	M ---
	F 40,0	F 35,0	F 25,0	F ---	F ---	F ---
	T 46,5	T 32,6	T 20,9	T ---	T ---	T ---
casado	M 42,4	M 6,1	M 42,4	M 6,1	M ---	M 3,0
	F 17,5	F 32,5	F 42,5	F 2,5	F 5,0	F ---
	T 28,8	T 20,5	T 42,5	T 4,1	T 2,7	T 1,4

Fonte : Pesquisa em 1988

em Curitiba, tenha opinião mais aberta do que a dos sanseis. De fato, quatro dos cinco nisseis solteiros nascidos em Curitiba responderam "natural" à pergunta 18. Outro fator que afeta a divergência de dois grupos é a naturalidade. Como vimos no capítulo do grupo nissei, o grupo dos solteiros, a grande maioria deles, é do Paraná ao passo que a grande maioria do grupo dos casados veio do Estado de São Paulo, principalmente da região das colônias japonesas mais antigas (quadro 05) cujas fundações datam na década de 1910 a 1920(3). Isso significa que o grupo nissei casado não só em termos de idade é mais antigo, mas sim seu background é também mais antigo na história da imigração japonesa no Brasil. Como Handa explica no seu livro, a colonização no norte do Paraná foi feita de maneira conscientemente diferente das colonizações anteriores em São Paulo para evitar certos problemas. Diz Handa, "Enfim, procurou-se acabar com o pensamento comodista dos imigrantes que recorriam ao escritório para tudo e tentou-se preparar o espírito dos imigrantes para a sua independência."(4). É bastante provável que a diferença de tipo de colonização faça com que tenha mudado a mentalidade dos japoneses e que acabe afetando o resultado desta questão.

Por último, o fator tempo também deve influir nessa diferença. Como é conhecido, a grande maioria dos imigrantes japoneses decidiu permanecer no Brasil só depois da II Guerra Mundial. Antes da guerra pretendiam voltar para o Japão como planejaram no

início. Com esta intenção ninguém achava conveniente o casamento interétnico, e antes de tudo havia pouco contato entre os japoneses e os brasileiros. Esta situação começou a mudar quando os isseis decidiram adotar o Brasil como a segunda pátria e principalmente depois que passaram a participar nas atividades de comércio e indústria como foi visto nos capítulos de profissão e problema de educação.

Saito analisa essa mudança e divide atitudes ao casamento interétnico em três fases. Na primeira fase, até o final da década de 40, a atitude dos japoneses era "oposição categórica", já que eles pretendiam retornar para o Japão e desejavam conservar os valores e padrões de conduta japoneses. A segunda fase corresponde ao período de 1950 a 1965 que os japoneses abandonaram a ideia de retorno ao Japão e que a atitude dos japoneses mudou para "conformismo ou resistência passiva". Após 1965 na terceira fase, com o enraizamento definitivo no Brasil, a atitude passou a ser "aprovação tácita para a aprovação positiva"(6). Considerando essa categorização, entende-se que os nisseis mais antigos devem ter recebido essa influência dos isseis que pretendiam voltar, e os mais novos devem estar mais livres do controle da família, uma vez que seus pais já tinham decidido a permanecer no Brasil.

A segunda observação, a preferência clara ao nissei dos nisseis dessas colônias antigas deve ser entendida nesses contextos. Como Schaden afirma, "Enquanto o sitiante japonês não abandona o meio rural, continua ele resistindo à aculturação."(6) Esses nisseis nascidos nas colônias antigas podem ser mais conservadores pela formação que receberam lá onde prevalecia o elemento puramente japonês.

A respeito da terceira observação, como Butsugan observou(7), a explicação deve provir da oportunidade de contato social que os homens têm mais do que as mulheres. Na presente pesquisa no grupo dos nisseis casados de sexo feminino dezenove das quarenta mulheres responderam "do lar" à pergunta 07. Quase a metade delas dedica-se ao lar. "Os homens têm maior oportunidade de contato social com pessoas de outras etnias devido à sua participação ativa na sociedade sob o aspecto profissional"(8) e isso deve influir na opinião deles a respeito do casamento.

Quanto à quarta observação, a pesquisa de Izumi em 1952 e o censo da colônia japonesa em 1958 explica vários motivos. Segundo a pesquisa de Izumi, 31,8% dos pais admite a livre escolha do cônjuge pelos próprios filhos enquanto no caso das filhas essa percentagem diminui para 18%. A mesma pesquisa revela também que 39,3% dos pais não permitem a livre escolha do cônjuge para a filha embora em relação ao filho a percentagem

seja 26,4%(9). Isto é, o controle dos pais ao tipo de casamento dos filhos é mais rigoroso com relação à filha do que com relação ao filho. Esse comportamento dos pais deve influir na personalidade das filhas e reflete na opinião delas sobre o casamento.

E, na realidade com que frequência ocorre o casamento inter-étnico nos dois sexos? Tinker relata no seu artigo, "A great many studies have shown that the males of a minority group marry out for more frequently than the females. There is a general tendency for the men of a racial, religious, or ethnic minority ^{to outmarry} to a greater extent than the women."(10). Essa tendência parece estar de acordo com o caso dos nipo-brasileiros. No censo da colônia japonesa de 1958 consta 14,07% de casamento inter-étnico para os homens e 7,36% para as mulheres. Infelizmente na nossa pesquisa não se inclui esse dado, mas já vimos que muitos pioneiros japoneses no sul do Paraná casaram com alemãs ou italianas. Isso era bem raro na época e inclusive deve ter sido um dos primeiros japoneses que casaram com pessoas de outras etnias na história dos japoneses. A este respeito existe um documento muito interessante. Trata-se de "Cruzamento da Ethnia Japoneza". É um livro com bastante fotografias que explica as circunstâncias dos japoneses da época e mostra que existem muitos japoneses casados com brasileiras. Como no livro não consta o autor nem a editora, é difícil saber o porquê da publicação desse

livro, mas parece que foi publicado para contestar ao movimento anti-imigração japonesa que começava a tomar conta no início da década de 30.

Nos Estados Unidos onde a imigração japonesa é mais antiga, porém, até 1948 era proibido casamento dos nipo-americanos com os "whites" e só a partir do final da década de 50 começam a aumentar os casamentos inter-étnicos. Um levantamento feito em San Francisco em 1958 mostra que 25% dos casamentos dos nipo-americanos eram "intermarriaged". Em 1971, no entanto, a percentagem cresceu para 58%(11). Tinker relata que o resultado em Fresno apresenta dados parecidos. Seria interessante fazer mesmo tipo de levantamento em Curitiba, São Paulo e outras cidades.

É difícil saber em que situação ocorre a maior frequência de casamento interétnico. Como já foi visto, os fatores, região rural-urbana, tempo, escolaridade, profissão, origem de família, etc. afetam, de várias maneiras, os padrões de nupcialidade interétnica. Um aspecto que não deixa dúvida é que a percentagem de casamentos interétnicos não depende só do tamanho da comunidade japonesa.

Alguns autores argumentam que o casamento interétnico dos japoneses é mais frequente nas regiões onde não há concentração da população japonesa.

Tsuruki explica que nos Estados Unidos o índice mais alto de casamento interétnico dos japoneses é registrado em regiões nas quais não há concentração de

japoneses, e ele afirma que isso é devido à diferença de imagem dos nipo-americanos feita pelos americanos nos respectivos locais. Em outras palavras, dependendo do tipo de formação da comunidade japonesa, a imagem do nikkei pode mudar. No caso americano, na região leste os nipo-americanos têm a imagem pela qual são aceitos com muito mais facilidade.(12)

Isso também pode ser aplicado ao caso brasileiro. Existe um trabalho de Toshiaki Saito que pesquisou a imagem de um pelo outro entre ambos sexos de japoneses e brasileiros.(13) E mostrou que há estereotipia nítida entre os ambos lados. Seria interessante pesquisar essa imagem que os japoneses recebem em diversas regiões no Brasil. Uma mineira casada com um nissei contou na ocasião da entrevista, "Lá em Minas casar com japonês é considerado como uma garantia e o japonês é muito respeitado." Existem vários dizeres populares como "O japonês é gente fina." "A colônia japonesa é muito fechada." "Os japoneses não aceitam o casamento com os brasileiros." Será que essas expressões populares não mudam de uma região para a outra? Como os japoneses se concentram no estado de São Paulo e no norte do Paraná, poderiam ser bem diferentes dependendo do grau de participação na sociedade brasileira em cada região.

EXPLICAÇÕES DE SUAS RESPOSTAS

Muitas pessoas escreveram no espaço deixado para explicar suas respostas às perguntas 18 e 19. Nas páginas seguintes foram transcritas essas explicações e com isso mais detalhes a este respeito foram verificados. Ao ler na ordem de

Issei pré-guerra

Issei pós-guerra

Nissei casado

Nissei solteiro

Sansei

percebe-se que começa a mudar o tom das explicações entre o grupo nissei casado e o grupo nissei solteiro. Isso pode ser a diferença de visão entre os casados e os solteiros. De uma outra maneira, no entanto, pode ser entendido como "generation gap".

A maior divergência pode ser observada nas explicações da opinião "prefere nissei". Embora, em todos os grupos, a diferença de costumes seja mencionada, as seguintes diferenças são notadas.

1)A dificuldade de comunicação é o maior motivo dos isseis, principalmente dos que vieram antes da guerra.

2)Para os nisseis, a educação e os valores recebidos são as maiores causas.

3)A facilidade no relacionamento e uma

identificação maior são as respostas mais frequentes entre os sanseis.

4) Nos grupos nissei solteiro e sansei aparece a resposta de manter ou continuar a tradição.

Essa divergência também pode ser observada nas explicações da opinião "natural". As respostas mais comuns são "O importante é sentimento, afinidade e amor" e "Uma vez que vive no Brasil é natural". Estas duas respostas são encontradas em todas as gerações. Depois destas respostas, mais comuns são "Cada um tem direito de escolher" e "Todos são humanos ou iguais". Estas últimas só se encontram nos grupos nissei e sansei. Outras características encontradas neste item são;

1) No grupo nissei aparecem opiniões como "Precisamo-nos adaptar aos costumes brasileiros" e "Absorvemos muito mais os usos e costumes do Brasil".

2) No grupo sansei pode ver a palavra racista. "Nós não devemos ser racistas" "Não sou racista". E ao mesmo tempo há opiniões que consideram a miscigenação muito positiva. "Num país como o Brasil onde a miscigenação é que faz uma sociedade mais bem relacionada". "A diferença de tradição cultural só tende a favorecer o crescimento das pessoas".

As explicações da opinião "nada contra" são parecidas com as da "natural". Mas existem respostas peculiares.

1) No grupo issei encontra-se opinião: "Cada um deve ter sua própria opinião" "É o problema dos dois".

2) No grupo sansei pode-se ver a opinião que diz "Não há tantas diferenças entre as duas raças"

3) Em todas as gerações no sexo feminino há opinião de que se elogiam homens brasileiros. "Provou-se que o brasileiro em geral é excelente marido(issei)." "Quando casei-me com brasileiro e vi novas maneiras de vida, senti-me ter saído de uma gaiola(nissei)." "Existem brasileiros bem melhores que qualquer nikkei(sansei)."

Quanto às respostas da opinião "contra", os isseis respondem: "Para não perder a tradição dos antepassados" e "Por causa da diferenças de línguas e costumes." Os nisseis apontam a "diferença de pensamento, mentalidade e educação." É interessante que no grupo sansei também foram encontradas respostas parecidas com as dos isseis assim como "Para manter a tradição, cultura e homogeneidade de raça." "Fortes diferenças de culturas, costumes, modos de pensar e de ser." "Eu só gosto de issei ou nissei. Não me entendo com brasileiro ou sansei ou yonsei." Estes sanseis são do interior do Paraná ou da região onde havia colônias antigas que certamente o background deles deve ter influenciado nessas opiniões.

OMIAI-KEKKON(14) OU "CASAMENTO ARRANJADO"

No Japão é bastante comum omiai-kekkon. Trata-se de casamento arranjado que até o término da Segunda Guerra Mundial era predominante no Japão. No questionário deste trabalho foi feita uma indagação a este respeito (pergunta 19) para compreender melhor a natureza de casamento. Nosso objetivo não era exatamente saber se os nipo-brasileiros acham o casamento arranjado "bom" ou "ruim", mas sim para conhecer como eles encaram o casamento e como se situa o casamento arranjado na opinião deles. Portanto, não só a resposta de "bom" ou "ruim", mas o comentário que muitos escreveram também foi importante para o entendimento desta pergunta. No quadro 21 é observada claramente a diminuição da opinião "bom" e o crescimento da opinião "ruim" ao passar de uma geração para outra. Outros fatos que chamam atenção nesse quadro são;

1) No grupo issei tanto no sexo masculino como no sexo feminino é encontrada a percentagem muito maior da opinião sobre o casamento arranjado ser "bom" do que "ruim".

2) No grupo nissei casado continua boa a aceitação do casamento arranjado, mas no sexo feminino cresce muito a resposta "indefinido" e as respostas "bom" e "ruim" se equilibram.

Nesses dois grupos o sexo masculino apresenta maior percentagem de aceitação do que o sexo feminino.

Quadro 21 : Casamento arranjado

	bom	ruim	em branco.	indefinido
I S S E I	M 57,1	M 17,5	M 14,3	M 12,7
	F 40,8	F 28,6	F 18,4	F 12,2
	T 50,0	T 22,3	T 16,1	T 12,5
N C I S S A S E D I O	M 48,5	M 39,4	M 6,1	M 6,1
	F 30,0	F 32,5	F 10,0	F 27,5
	T 38,4	T 35,6	T 8,2	T 17,8
N S I O L S T E E I I	M 13,0	M 60,9	M 13,0	M 13,0
	F 40,0	F 55,0	F ---	F 5,0
	T 25,6	T 58,1	T 7,0	T 9,3
S A N S E I	M 15,4	M 69,2	M 7,7	M 7,7
	F 17,6	F 64,7	F 2,0	F 15,7
	T 16,5	T 67,0	T 4,9	T 11,7

Fonte : Pesquisa em 1988 (%)

3) Já no grupo nissei solteiro a opinião "ruim" é mais frequente do que a de "bom" embora no sexo feminino mantenha-se bastante alta a percentagem de aceitação.

4) No grupo sansei predomina a opinião "ruim" e não aparece acentuada diferença entre os sexos.

EXPLICAÇÕES DE SUAS RESPOSTAS

Quanto à pergunta relativa ao omiai-kekkon também muitas pessoas escreveram no espaço deixado para explicar suas respostas. Uma leitura dessas explicações deixa a dúvida de que algumas pessoas não sabiam o que é omiai-kekkon. Na verdade, se a pessoa nunca tivesse conhecido essa palavra ou esse sistema, seria capaz de entender sua tradução "casamento arranjado" literalmente no seu sentido. Nesse caso, o mal-entendido podia ter acontecido, principalmente essa dúvida surge nos grupos mais jovens. Por outro lado, como umas respostas alegam, houve realmente alguns omiai-kekcons que foram feitos sem considerar a vontade de próprios interessados, ou seja, foram casamentos arranjados mesmo sem a participação dos pretendentes.

Mesmo tendo essa dúvida, o resultado mostra claramente contrastes que existem entre as gerações.

Primeiramente foram analisadas as explicações da resposta "bom". A explicação em comum entre todos os

grupos é que omiai-kekkon é bom "para pessoas tímidas ou acanhadas" e "para pessoas que não tiveram oportunidade de conhecer as pessoas".

Certas explicações, no entanto, são peculiares a determinados grupos e mostram contrastes entre eles.

No grupo Issei pré-guerra, foi encontrada a explicação "O importante é o amor depois do casamento." ou "O amor pode nascer depois do casamento." O que não pode ser verificado em outros grupos.

No grupo Issei pós-guerra também teve a explicação peculiar de que "Fica conhecendo a família antes do casamento."

Foi importante o testemunho de cinco nisseis, três do sexo masculino e duas do sexo feminino, que responderam que o casamento deles foram nesta modalidade e que se sentem muito felizes.

Foi somente nos grupos issei e nissei que tiveram a explicação de que omiai-kekkon é bom porque é um costume do Japão ou tradição japonesa.

Alguns nisseis e sanseis acham que hoje omiai "é simplesmente uma apresentação." ou admite sua vantagem "enquanto não tiver que assumir compromisso desde começo."

No grupo sansei feminino, houve comentários bastante esclarecedores. Duas sanseis comentaram que é bom para pessoas que pela educação do sistema japonês se encontram em dificuldades. Em outras palavras, significa implicitamente que a educação do sistema

japonês dificulta o casamento. É bom lembrar que quarenta por cento do nissei solteiro do sexo feminino acham bom omiai-kekkon. É possível que elas sintam falta de oportunidade de conhecer as pessoas. Outra sansei confirma o arranjo de omiai bastante criterioso e diz "Acho que para os japoneses (do Japão mesmo) é muito bom, uma vez que os omiais são arranjados de acordo com o padrão social e nível cultural de ambas as partes. Para os nisseis acho que não daria certo, pois os valores de vida são outros."

As explicações da resposta "ruim" também indicam diferenças entre as gerações. A explicação em comum entre todos os grupos é "a liberdade de cada um." Outra explicação parecida: "Cada um tem direito de escolher." foi encontrada nos grupos nissei solteiro e sansei.

No grupo Issei as explicações foram "Deve criar oportunidade de conhecer as pessoas." e "O casamento não deve ser imposição." É curioso e ao mesmo tempo simbólico quatro isseis do sexo feminino comentaram que "é horrível e fui infeliz.", "Nenhum dos que fizeram omiai da família deu certo." e "Por não poder contrariar a família." Estas explicações indicam que houve realmente casamentos impostos pela família e também parece significar que falta oportunidade de conhecer as pessoas.

É interessante também que no grupo nissei casado ocorreu a explicação que alega a diferença de

educação; "Por causa da educação diferente dos japoneses." Isso coincide com o comentário que duas sanseis fizeram na explicação da resposta "bom", indicando que a educação ou sistema da educação influencia no casamento.

Outras explicações mais comuns entre os grupos nissei e sansei são "Não combina com o costume atual", "Casa-se sem conhecer o interior da pessoa ou sem afinidade", "Não há amor" e "Deveria conhecer, gostar e arranjar naturalmente", etc.

Estas explicações e comentários revelam que, em primeiro lugar, de modo geral, muitos dos nisseis e sanseis admitem o lado positivo de omiai-kekkon enquanto os isseis, particularmente os de pré-guerra, consideram-no melhor que o casamento por amor. Em segundo lugar, ficou evidente que existe divergências grandes não só entre as gerações, mas também nos grupos da mesma geração.

Tanto na opinião relativa ao casamento interétnico como na opinião a respeito de omiai-kekkon, duas considerações têm maior influência para os japoneses: a educação e a região onde nasceu e vive. Esses dois fatores, a educação e a região urbana ou rural determinam decisivamente a mentalidade dos japoneses, independentemente de sua geração (issei, nissei, sansei, etc.)

EXPLICAÇÃO (PRÓPRIA OPINIÃO)

ISSEI MASCULINO (PRÉ-GUERRA)

natural

- Deixar os dois decidirem.
- Uma vez que vive no Brasil é natural.

nada contra

- Cada um deve ter sua própria opinião.
- É uma consequência natural.

prefere nissei

- É bom para nos (isseis) porque pode comunicar em japonês. (5 pessoas)
- Por causa da diferença de costumes. (4 pessoas)
- É bastante demorado os japoneses se entenderem com os brasileiros.
- É prematuro para os nisseis casarem com gaijins devido à assimilação incompleta.

contra

- Para não perder a tradição dos antepassados. (3 pessoas)
- Os descendentes japoneses são incompatíveis com qualquer outro descendente.

ISSEI FEMININO (PRÉ-GUERRA)

natural

- Se é para a felicidade de ambos, é natural.
- O importante é que haja afinidades e amor.
- É a liberdade de ambos.
- É bom desde que o(a) brasileiro(a) pertence à mesma classe social. (2 pessoas)

nada contra

- É normal.
- Depende da vontade de ambos.
- Provou-se que o brasileiro em geral é excelente marido.

prefere nissei

- Se for possível, seria mais feliz.
- Por não entender português e em japonês pode se comunicar.
- Por ter o mesmo costume.
- Não é aconselhável (casar com o brasileiro).

contra

- Por causa da dificuldade na comunicação.

ISSEI MASCULINO (PÓS-GUERRA)

natural

- Já que vive no Brasil, seja qual for a raça do mundo, se encontrar sua seriedade, honestidade, pode ser bom companheiro ou companheira de sua vida.
- Moramos no Brasil e convivemos com os brasileiros.

nada contra

- É o problema de ambos.
- Os nisseis se assimilam naturalmente, mas os isseis não conseguem se assimilar.

prefere nissei

- Se o(a) brasileiro(a) é do mesmo nível, não me oponho.
- Para não perder a tradição dos antepassados.
- A formação é diferente entre brasileiros e japoneses. E o idioma pode entender, mas morar juntos não dá certo.

contra

- Por causa da diferença de línguas e costumes, é fácil criar problemas.
- Não dá certo.

ISSEI FEMININO (PÓS-GUERRA)

natural

- Estamos no Brasil. Casar com o(a) brasileiro(a) é natural.
- Sou casada com um brasileiro, e acredito na igualdade das pessoas. Em todas as nacionalidades existem pessoas boas e más.

nada contra

- Estamos no Brasil.

prefere nissei

- Porque o ambiente de vida é parecido.

contra

NISSEI MASCULINO (CASADO)natural

- Porque estamos no Brasil entre os brasileiros e precisamos nos adaptar aos costumes brasileiros. (2 pessoas)
- Depende muito da convivência. (2 pessoas)
- Uma vez que se vive no Brasil é perfeitamente natural. (2 pessoas)
- Devemos respeitar a todos como ser humano, e não pela sua descendência.
- Cada um tem direito de escolha.
- Atualmente vivemos nos meios de todas as nacionalidades.
- Pode ser nikkei ou gaijin desde que os dois se gostam.

nada contraprefere nissei

- Como fui educado no sistema japonês, a maneira de valorizar as coisas e os princípios recebidos são diferentes. (5 pessoas)
- Por causa da diferença de costumes e hábitos. (3 pessoas)
- Afinidades culturais. (2 pessoas)
- Dificilmente dará certo um casamento com brasileira.
- Porque mais tarde surgem desentendimentos.

contra

- Diferença de natureza e pensamento.

NISSEI FEMININO (CASADA)natural

- Embora com formação oriental herdada dos pais, absorvemos muito mais os usos e costumes do Brasil.
- Porque somos todos iguais.
- Porque toda pessoa tem direito de escolha e de viver do melhor modo possível.
- O que importa são os sentimentos de duas pessoas e não a nacionalidade.
- Quando casei-me com brasileiro e vi novas maneiras de vida, senti-me ter saído de uma gaiola.

nada contra

- Se existe o amor. (2 pessoas)
- O importante é a felicidade de quem casa, embora ache que é muito bonito cada um conservar sua raça, seu costume, etc. (2 pessoas)
- Educação, costumes, cultura são essenciais para o relacionamento.
- Porque não há distinção de raças para o amor.
- Respeito a vontade de cada pessoa.
- Acredito que para a mulher nissei se adaptar ao casamento com um brasileiro é bem mais fácil ao contrário que o homem nissei nos moldes japoneses há mais dificuldade.
- Porque nem sempre os japoneses fazem as esposas felizes. Eles são machistas demais e são autoridade até mesmo sem razão.
- Tanto faz.

prefere nissei

- Devido à diferença de costumes. (4 pessoas)
- Acho que o casal se entenderia melhor, inclusive entre as famílias, pois são criados com costumes iguais. (4 pessoas)
- Porque o nissei é mais compreensivo e devido a alimentação.
- Educação recebida.

contra

- Porque a educação, costumes, mentalidade são completamente diferentes e conseqüentemente acaba entrando em choque.

NISSEI MASCULINO (SOLTEIRO)natural

- A nacionalidade não interfere no casamento. (2 pessoas)
- Cada indivíduo tem o direito de escolher o seu parceiro. (2 pessoas)
- O que uma pessoa possa sentir por outra não depende de raça, mas de entendimento mútuo. (2 pessoas)
- Essa ideia de casamento com pessoa de descendência não japonesa ser contra é mais antiga. Hoje em dia isso é mais que natural.
- Desde que os dois gostam.
- É a mesma coisa como se fosse uma nissei, pois no amor nada é impossível.
- Todos são humanos.

nada contra

- O que importa é o sentimento que exista entre os dois. (2 pessoas)
- É natural ter relacionamento com descendentes de diferentes origens no círculo de amizades.
- Não acho válido o racismo como em muitos casos de famílias japonesas que não toleram casamento com "gaijins".
- Porque a partir do momento em que resolvemos nos fixar aqui, temos que nos adaptar ao Brasil, e isso significa aceitar seus moradores.

prefere nissei

- Para manter a tradição.
- Pensamentos mais ou menos iguais assim como educação.
- Pelos costumes, educação e tradição.

contra

NISSEI FEMININO (SOLTEIRA)

natural

- Desde que os descendentes de japoneses vivem no Brasil, eles são brasileiros apesar da descendência nipônica. (3 pessoas)
- O que importa é a escolha certa. Se duas pessoas viverem bem e se der um bom entendimento, não importa a nacionalidade ou descendência.
- Porque todos são humanos.

nada contra

- Não se escolhe as pessoas pela raça e sim pelo amor. (2 pessoas)
- Cada pessoa tem o direito de escolher sua própria vida. (2 pessoas)

prefere nissei

- Pela minha própria formação e cultivar a tradição, cultura, costumes, etc. (3 pessoas)
- Coincide com tipo de educação que recebi.
- Sou muito ligada à cultura japonesa e seus costumes, etc. Fico pensando na minha velhice; gostaria de ter ao lado alguém que tenha tido uma educação de uma mesma origem e de traços fisionômicos em comum.

contra

SANSEI MASCULINO

natural

- Porque vivemos em um país onde a população é formada por pessoas de várias nacionalidades. E neste contexto a colônia japonesa é minoria. (2 pessoas)
- O casamento não depende da raça e sim da pessoa (2 pessoas)
- O que importa é o amor entre as duas partes.
- Não sou racista.
- Se se amar, já é um motivo suficiente.
- Todos têm o direito de se entregar por quem quiser.
- Porque qualquer casamento é natural.
- Tudo depende dos sentimentos que ambos sentem um pelo outro, bem como a compatibilidade de gênio, gostos entre outros.
- Num país como o Brasil onde a miscigenação é que faz uma sociedade mais bem relacionada não vejo nada de anormal em casamento inter ou extra raças.
- Porque todas as pessoas são iguais independente de raça.
- Quem decide é o próprio interessado.
- Não tenho distinção de raças ou crédulo! O importante é a felicidade conjunta e pessoal.
- Cada um tem o direito de escolha.
- Pelo meio em que vivemos, amizades, trabalho, educação mista, impossibilidade de preservar totalmente a cultura de raiz japonesa.

nada contra

- Porque dou mais valor à pessoa em si não à descendência. (2 pessoas)
- Porque o que importa é criar um bom relacionamento. (2 pessoas)
- Não sou racista.
- Dizer que "amor é cego" é ilusão, porém se duas pessoas se gostam
- Não há tantas diferenças entre as duas raças. Um casamento depende da afinidade entre ambos.
- O casamento em si deve pressupbr um grau de aculturamento semelhante e não barreiras raciais.

prefere nissei

- Por eu possuir um modo de vida, cultura recebida diferente dos não descendentes. Acho que teria maior facilidade no relacionamento. (5 pessoas)
- Por respeito para com os pais. (2 pessoas)
- Nissei é mais compreensível e acessível.
- Há maior harmonia entre o casal quanto a gostos alimentares, crenças, hierarquia (respeito aos mais velhos), preferências em geral.
- Para manter as tradições e certa parte da cultura japonesa.
- Apesar de brasileiro, ainda guardo em mim muito da cultura oriental e sinto orgulho por ser descendente de japoneses.

contra

- Para manter a tradição, cultura e homogeneidade de raça.
- Fortes diferenças de culturas, costumes, características e modos de pensar e de ser.
- Eu só gosto de issei ou nissei, não me entendo com brasileiro ou sansei ou yonseï.

SANSEI FEMININO

natural

- A partir do momento em que vivemos no Brasil, nada mais normal que haja casamento entre descendentes de japoneses com brasileiros. (3 pessoas)
- Se duas pessoas se amam, não existem preconceitos que destruam seus sentimentos. (3 pessoas)
- Num casamento o que leva em consideração é o relacionamento entre duas pessoas independente da origem. (2 pessoas)
- As pessoas se unem quando existe uma identificação entre elas, não importando idade, raça ou cor. (2 pessoas)
- A escolha do cônjuge é opção pessoal. (2 pessoas)
- O que importa é o sentimento. (2 pessoas)
- A diferença de tradição cultural só tende a favorecer o crescimento das pessoas.
- Não devemos ser racistas.

- Hoje em dia os japoneses não são tão tradicionais como antigamente. Por isso acho muito natural.
- É natural quando a pessoa tem personalidade própria e respeito pela tradição do companheiro. Deve ser um casamento de culturas e não um choque de culturas.
- Desde que predomine livre escolha.
- Todas as pessoas são iguais independente de raças e culturas.
- É simplesmente natural.
- O que importa é a pessoa e não a descendência.
- Todo ser humano tem direito de escolher seu companheiro(a).

nada contra

- Depende da personalidade e do modo de pensar, estilo de vida de cada pessoa. (3 pessoas)
- O importante não é a descendência do cônjuge. (2 pessoas)
- Cada um tem o direito de escolher o seu companheiro. (2 pessoas)
- Somos todos humanos.
- Independente de raça, cor, e origem, somos todos iguais. Não vejo motivos para sermos diferenciados. Neste caso a educação é muito importante.
- Existem brasileiros bem melhores que qualquer nikkei. Apesar das diferenças culturais, o casamento pode dar certo.
- O que empenha um relacionamento é o amor que um sente pelo outro.

prefere nissei

- Há uma maior identificação tanto nos costumes como no tipo de relacionamento, modo de pensar e outros. (3 pessoas)
- Devido ao tipo de educação, hábitos e afinidades. (2 pessoas)
- Pela própria convivência.
- Pretendo continuar a tradição e os nossos costumes, que é muito bonito.
- Devido à cultura e tradição.

contra

EXPLICAÇÃO (OMIAI-KEKKON)

ISSEI MASCULINO (PRÉ-GUERRA)

BOM

- Se os pais têm bom senso e os filhos obedecerem, os dois ficam felizes.
- É mais feliz no casamento arranjado.
- É difícil conhecer e saber escolher o cônjuge no casamento por amor. No omiai-kekkon os pais podem ver e conhecer bem o companheiro(a).
- O amor pode nascer depois do casamento.
- O importante é o modo de viver e o amor de ambas as partes depois do casamento.
- É mais provável que o casamento por amor não dure muito.
- Porque geralmente é consultado com os pais ou pessoas experientes na vida.
- Os pais conhecem seus filhos melhor do que ninguém. Desejam sua felicidade mais que ninguém.
- É um costume do Japão e obedecer à opinião dos pais é bom.
- Primeiramente os dois vão sentir *guiri* (sentimento de dever), portanto aprende a ter paciência. Em segundo lugar a pessoa intermediária tem conhecimento dos pais dos cônjuges e em terceiro lugar quase inexistente a separação.
- Depende do casal.

RUIM

- É a liberdade de cada pessoa. Os pais devem criar oportunidade de conhecer as pessoas (3 pessoas)
- Hoje em dia não funciona.
- Os jovens não aceitam.
- Porque os filhos querem a liberdade.
- Deve ser de acordo mútuo e não imposição ou arranjado.

NEUTRO

- Depende da convivência. (2 pessoas)
- É a liberdade de cada um.
- É melhor deixar eles decidirem.

ISSEI FEMININO (PRÉ-GUERRA)

BOM

- Há casos que precisam de omiai.
- Por ser uma tradição japonesa.
- É necessário para aqueles mais tímidos. Há muitos solteiros e solteironas.
- Arranjei três casamentos. Há pessoas tímidas que não têm coragem de namorar.
- Omiai-kekkon comprovou que é o melhor.
- É bom para alguns e ruim para outros.

RUIM

- É melhor a livre escolha.
- Espero que o próprio interessado escolha.
- Às vezes vale o dinheiro.
- É ultrapassado. Deve criar a oportunidade de namoro.
- Horrível, porque fui infeliz.
- Porque o próprio interessado quer a liberdade.

NEUTRO

- Hoje em dia é natural a livre escolha. (2 pessoas)
- É mais natural fazer omiai e depois nascer o amor.
- Depende das circunstâncias.
- Acho que no mundo atual é difícil principalmente por parte das mulheres que têm liberdade e opinião próprias.
- Tanto faz.

ISSEI MASCULINO (PÓS-GUERRA)

BOM

- Se conhecer bem duas famílias, setenta por cento vão dar certo. Ultimamente há ambiente de que os familiares impunham o casamento.
- É melhor os familiares de ambas as partes terem conhecimento mútuo.
- Tanto um como outro, depende da disposição de cada um.
- É mais nipônico.
- Nada contra.

RUIM

- Tem que ter opinião própria e espírito independente.
- Não conhece pessoalmente a pessoa.

NEUTRO

- Os ambos são bons. Depende da cultura.

ISSEI FEMININO (PÓS-GUERRA)

BOM

- Fica conhecendo a família antes do casamento. Isso ajuda bastante no relacionamento dos dois.

RUIM

- Porque se casa sem se conhecer muito e às vezes não temos a felicidade e a liberdade por não poder contrariar a família.
- Não traz a felicidade. Acaba se aceitando para não contrariar a família.
- Para meus filhos não vou querer.
- A maioria de minhas tias, tios e própria mãe fizeram omiai-kekkon e nenhum deu certo.
- É a liberdade de cada um.

NISSEI MASCULINO (CASADO)

BOM

- O meu casamento foi nesta modalidade e eu sinto muito feliz. (3 pessoas)
- É bom enquanto não tiver que assumir compromisso desde começo. (2 pessoas)
- Ainda existem casos que necessitam ajuda.
- Para os japoneses, por ser um costume muito antigo.
- Bom para pessoas tímidas e acanhadas.
- Hoje o casamento arranjado é simplesmente uma apresentação.
- Bom para pessoas que têm poucas oportunidades de convívio social, não tendo chances de tecer novas amizades.

RUIM

- A mentalidade dos jovens de hoje não aceita.
- Quem arranja conta muita mentira e engana muito.
- As pessoas devem se conhecer melhor para depois assumir um compromisso tão sério.
- Depende do gênio de cada um. Com um casamento arranjado, não seria possível descobrir-se mutuamente.
- Para nós brasileiros é muito difícil dar certo por causa da educação diferente dos japoneses.
- Cada um escolhe com quem vai casar.
- Não combina com nosso costume atual.
- Porque é provável que se case com pessoa sem nenhuma afinidade.
- Porque só vão se conhecer bem depois de casados.
- Soa muito arcaico esse tipo de casamento.

NEUTRO

- Os jovens aceitam-no de jeito nenhum.
- Tudo depende da família que segue o regime antigo ou não.

NISSEI FEMININO (CASADA)

BOM

- O meu casamento foi nesta modalidade e sinto muito feliz. (2 pessoas)
- Contando que tenha uma fase de namoro para que ambos conheçam melhor. (2 pessoas)
- Porque creio que as apresentações são bastante criteriosas.
- Por ser costume japonês.
- Geralmente acaba dando certo, pois os intermediários são pessoas de mais idade e creio que têm mais visão e responsabilidade.
- É mais seguro.

RUIM

- Porque é difícil conhecer o interior da pessoa. (2 pessoas)
- Porque casa sem conhecer bem o companheiro. (2 pessoas)
- Fora de moda. Cada um deve escolher seu companheiro(a).
- Porque é difícil encontrar amor verdadeiro.

- Porque ninguém tem direito de planejar a vida que não é sua.
- Não vai dar certo.
- Não tem sentido.

NEUTRO

- Depende das circunstâncias.(3 pessoas)
- Antigamente era bom. Dava certo. Agora cada um procura seu par.
- A relação de dois deveria nascer espontaneamente.
- Depende como foi criada pelos pais.
- Depende de grau de instrução.
- É um jogo no escuro onde não se conhece as armas do parceiro.

NISSEI MASCULINO (SOLTEIRO)

BOM

- Porque parece que tem mais chances de dar certo, pois o casal é acertado por pessoas mais experientes.
- Depende do ponto de vista se a pessoa não consegue arranjar um companheiro.

RUIM

- As pessoas são livres para escolherem a pessoa e o casamento que desejam.(2 pessoas)
- Um compromisso muito sério, por isso deveriam antes conhecer para que nasça uma afinidade entre os dois.(2 pessoas)
- Cada indivíduo tem o direito de escolher o seu parceiro.(2 pessoas)
- Casa pela vontade dos pais e não pela sua vontade.(2 pessoas)
- Ninguém sabe mais de seus sentimentos que a própria pessoa, e como o que sustenta um "casamento feliz" é o sentimento que um sente pelo outro, isso não pode ser imposto ou arranjado.
- Para ter um bom casamento, primeiramente teria que se conhecer melhor.
- Nem sempre ambos se gostam.
- Não há amor e sem amor haveria muito desentendimento na família.

NEUTRO

- Porque em muitos casos dão certo, porém acredito que cada um deve arrumar o seu futuro.
- Nada mal, não a favor e quanto mais contra.
- Depende de circunstâncias.

NISSEI FEMININO (SOLTEIRA)

BOM

- Porque oferece chance de conhecer pessoas de lugares diferentes que durante a vida cotidiana não seria possível. (2 pessoas)
- Na minha opinião para quem não teve oportunidade de conhecer muitas pessoas é válido.
- Não tem nada a ganhar nem a perder.
- Quanto a mim não haveria necessidade, mas tenho irmã que nunca namorou e no caso dela acho que seria bom um omiai.
- Acho bom desde que seja bem informal.

RUIM

- Cada pessoa tem direito de escolher o seu companheiro. (2 pessoas)
- É uma forma meio forçada.
- Acho que cada pessoa deveria conhecer e gostar naturalmente da pessoa.
- Porque fornece apenas um relacionamento muito superficial para um casamento.
- Antigamente talvez fosse válido, mas nos dias de hoje é uma coisa difícil de aceitar e até pensar.
- Porque assim as pessoas sufocam a liberdade de escolha de outras pessoas.
- Acho que precisa ter afinidade, amor, etc.
- Pois não é aceitação recíproca.

SANSEI MASCULINO

BOM

- Desde que a opinião dos cônjuges seja respeitada. (2 pessoas)
- Existem casos que necessitam esta forma de casamento. (2 pessoas)
- Uma vez que os dois aceitam naturalmente a situação.

- Uma chance para as pessoas que geralmente não saem a se conhecerem. Não vejo a obrigatoriedade até casamento. Portanto, se nao der certo, paciência. Já vi ótimos casamentos através do omiai.
- Bom quando um dos dois mou os dois estão "encalhados".
- Bom para os que desejam essa forma de casamento.

RUIM

- Todos tem liberdade e direito de escolher com quem deseja casar. (5 pessoas)
- Acho necessário as pessoas se conhecerem bem primeiro para depois ter um relacionamento mais sério e isso leva tempo. (4 pessoas)
- Isto é uma coisa que a pessoa deve arranjar naturalmente em sua vida. (4 pessoas)
- Porque nós é que devemos escolher a pessoa com quem vamos casar. (2 pessoas)
- Falta de sentimento amoroso. (2 pessoas)
- Porque sei procurar sozinho.
- Não parte de sentimentos recíprocos.
- Porque na maioria das vezes os pais costumam comprar os filhos para que case com a tal mulher escolhida.
- Mesmo as pessoas se conhecendo profundamente através de namoro, noivado e casamento, já é difícil. Imaginem conhecendo superficialmente.
- Não gosto de situações premeditadas. Muitas vezes não dá certo.
- Porque nem sempre existe compatibilidade neste tipo de casamento.
- Inibe a própria opinião do mais interessado que é o pretendente.
- Não é "totalmente arranjado". O casal mediante omiai é feito tendo como critério em primeiro lugar pela disponibilidade, e não por ampla compatibilidade de gênios.
- A "coisa" não ocorre desta maneira hoje. Principalmente do ponto de vista da mulher, estando mais ativas, elas não aceitam essa imposição.
- Depende da situação, mas casamento à primeira vista nem sempre resulta em amor verdadeiro.
- Coisa do outro mundo.
- Hoje o relacionamento social nos permite dispensá-lo.
- Não gosto.

NEUTRO

-Depende de cada interessado.

SANSEI FEMININO

BOM

- Desde que seja espontâneo e que a pessoa tenha o direito de escolher se aceita ou não. É uma boa maneira para você conhecer outras pessoas principalmente para quem não tem muita oportunidade. (3 pessoas)
- Muitas pessoas são tímidas ou reservadas, portanto omoai-kekkon as ajuda muito. (2 pessoas)
- Bom para pessoas que pela educação do sistema japonês se encontram em dificuldades. (2 pessoas)
- Ainda hoje há muitos casamentos arranjados que se dão muito bem.
- Acho que para os japoneses (do Japão mesmo) é muito bom, uma vez que os omiais são arranjados de acordo com o padrão social e nível cultural de ambas as partes. Para os nisseis acho que não daria certo, pois os valores de vida são outros.

RUIM

- Cada um tem o direito de escolher o seu companheiro(a). (4 pessoas)
- Se não houver amor entre ambos, não será um casamento perfeito. (4 pessoas)
- Cada um deve escolher seu parceiro. (3 pessoas)
- Hoje os jovens têm opinião própria e todos gostariam de poder escolher o seu companheiro(a). (2 pessoas)
- Não sou contra a apresentação com esse objetivo, mas acho que deve ser algo totalmente sem compromisso e sempre com a decisão final aos interessados. Isso existe no Brasil e é muito bem aceito. (2 pessoas)
- Porque não há chance de as pessoas se conhecerem e encontrarem pontos em comum e incomuns. (2 pessoas)
- Acho que cada um tem a oportunidade de achar o seu parceiro e no mais acho mais difícil se combinar com uma pessoa dessa forma. (2 pessoas)
- Cada pessoa tem que ter sua opção. Ninguém tem o direito de decidir algo que é tão individual.
- As pessoas devem se conhecer naturalmente.

- Apesar de muitos deram certo, com a atualidade acho que não é preciso.
- Falta de compatibilidade e de sentimento amoroso.
- Geralmente o casal sofre.
- Hoje nós temos uma cultura diferente em relação ao século passado.
- Não teríamos oportunidade de casar com a pessoa que gostamos e além do mais seria uma situação forçada.

NEUTRO

- Conforme as condições pessoais, haveria fatores positivos.
- É um tipo de casamento realizado nos termos tradicionais. Não condiz com os tempos atuais, mas deve ser respeitado.
- Omiai de hoje, acredito ser bom. É uma forma de apresentar uma pessoa à outra. Quanto ao de antigamente acho que era totalmnete errado e imposto onde normalmente a mulher era submissa em qualquer situação perante o homem e a sociedade.
- Acho curioso ao mesmo tempo interessante. No entanto, o meu caso talvez não conseguisse encarar com naturalidade.
- Nem bom nem ruim. Uns dão certo outros não.
- Depende. Bom para as pessoas tímidas.

ENTREVISTA COM OS CASAIS INTERÉTNICOS

Além da análise das respostas, procuramos entrar em contato com vários casais interétnicos e conseguimos entrevistar seis casais. Para realizar a entrevista, foi considerado não revelar o nome das pessoas para preservar a privacidade, já que houve certa rejeição no início da procura de casais. Entre seis casais aceitos, dois casais e um senhor já eram conhecidos do pesquisador antes do início deste trabalho. Outras pessoas foram apresentadas ou recomendadas ao pesquisador através de amigos durante esta pesquisa e só ficamos conhecendo na ocasião de entrevista. O objetivo da entrevista era procurar saber o que está acontecendo no casal desde o início do casamento em alguns aspectos e foram tratados na entrevista quatro assuntos; dados pessoais, contato com os parentes, divisão de trabalho e diferença de família japonesa e família brasileira. No primeiro assunto sobre os dados pessoais, além de idade e profissão, foi indagado também a respeito do encontro do casal e a aceitação de respectivas famílias na ocasião do casamento. Esses casais são pessoas de várias gerações e situações diferentes que pertencem à classe média como são descritas a seguir.

O casal A: o marido nissei com 33 anos e a esposa brasileira com 31 anos. Os dois eram vizinhos quando estudavam na universidade. Casaram-se em 1983 e

têm um filho. Ele é médico e ela era professora até nascer o filho.

O casal B: o marido brasileiro com 29 anos e a esposa nissei com 37 anos. Ele era cliente da agência do banco que ela trabalhava. Ele tem antecedência conjugal e eles se casaram em 1984 e têm uma filha. Ele é funcionário público e ela é executiva do banco.

O casal C: o marido brasileiro com 44 anos e a esposa nissei com 43 anos. Ele foi aluno dela numa escola particular de inglês. Casaram-se em 1977 e têm um filho. Ele é economista e ela é professora universitária.

O casal D: o marido brasileiro com 65 anos e a esposa nissei com 45 anos. Eles se conheceram através da apresentação de amigo. Ela tem antecedência conjugal com brasileiro de ascendência não japonesa e tem dois filhos do primeiro casamento e ele estava viúvo. Eles se casaram em 1977. Ele é bancário e ela é estilista.

O casal E: o marido nissei com 54 anos e a esposa brasileira com 33 anos. Ele foi professor dela no curso da universidade. Ele tem antecedência conjugal e tem três filhos do primeiro casamento. Casaram-se em 1986 e têm um filho deles. Ele é professor universitário e ela se dedica ao lar.

O casal F: o marido brasileiro com 61 anos e a esposa issei com 63 anos. Ele dava aula de matemática para ela na Associação Cristão de Moços. Casaram-se em 1951 e têm quatro filhos dos quais um mora hoje com eles.

A origem desses nikkeis é da região rural menos a issei do casal F que sempre viveu na região urbana. Os pais desses nisseis eram lavradores com a exceção do pai da issei que era pastor.

ACEITAÇÃO DO CASAMENTO ENTRE DUAS FAMÍLIAS

Entre esses seis casamentos, em dois casamentos, dos casais C e D, houve aceitação plena em ambas as famílias.

No casal C o marido brasileiro explica.

Na minha família meu pai tinha muito orgulho dela. Ele sempre admirou a raça japonesa. Há muitos anos ele já admirava. Depois de casar com japonesa, então para ele o orgulho é muito grande. O problema não teve de lado nenhum.

Do lado da família japonesa a nissei fala.

Meu pai sempre pensava a seguinte forma. Uma vez que está no Brasil, se radicou aqui, ele tem que aceitar bem os costumes. Ele tem uma mente muito aberta.

No casal D também os dois afirmaram que a aceitação foi plena em ambas as famílias. A esposa nissei fala.

Minha mãe, antigamente ela não aceitava o casamento misto, de jeito nenhum, mas eu tinha tido experiência do primeiro casamento também com descendente de europeu. Naquela época ela não aceitava, de jeito nenhum. A colônia toda fez muita pressão. Isso em 1963,64 mais ou menos. Mas, depois ela percebeu que o marido brasileiro, marido ocidental é mais dedicado que o marido japonês, mais atencioso, mais cuidadoso. Ela começou a ver qualidades do ocidental. ... Então agora a aceitação foi boa.

Em outros quatro casamentos, houve rejeição em uma das duas famílias. Em três casamentos essa rejeição foi por parte da família japonesa e em um caso houve rejeição por parte da família brasileira.

No casal A os dois concordam que a família da esposa brasileira aceitou o casamento muito bem desde início. Ela fala que, "Para eles é um motivo de orgulho entrar na família japonesa." Em relação à família do marido nissei, a opinião deles se divide um pouco. Para a esposa, "Eu sinto até hoje uma rejeição pela família dele", mas o marido nissei diz que "o pai é que não aceitou e a mãe aceitou desde início" e acrescenta.

Essa rejeição que ela fala não tem. Do ano passado para cá que eles estão aceitando, mas é uma coisa assim que tem que acostumar mais. É devagar.

Ela explica então por que ela sente a rejeição.

Porque o japonês, eles não demonstram aquilo que sentem. Por isso que eu falo "Eles não aceitam". Porque eles podem (dizer) assim "Vem, tal (nome da esposa) e tudo". Eles podem me tratar bem, mas eu sinto que há uma rejeição. Porque eles não demonstram.

O marido nissei responde a essa opinião da esposa.

Assim porque o relacionamento dos japoneses é bastante formal. Então ela tira conclusão de que existe rejeição e tudo mais, mas por causa desse trato formal. O que atrapalha muito no relacionamento entre os japoneses e os brasileiros é esse jeito formal de ser. Os japoneses são muito formais.

No casal B que também houve rejeição por parte da família japonesa, ao contrário do casal A, quem foi contra o casamento foi a mãe da esposa nissei. "Foi minha mãe quem foi contrária à nossa união." diz a esposa nissei, e continua.

O pai é mais idoso que a mãe em 11 anos. Então ele deveria ser muito mais arraigado às idéias nipônicas e as tradições e tal. E de fato ele tem essas idéias, porém ele é flexível, conversando. Agora minha mãe não. Ela é muito radical, extremista e não há nada que faça com que ela mude de idéia. Não é racional.

Para conseguir a aceitação da mãe eles tiveram a ajuda de irmãos da esposa nissei.

Para isso só nós dois não conseguimos convertê-la. Tivemos que contar com a ajuda de meus irmãos, os filhos dela. Graças a isso, então, ela chegou a dizer "Pela felicidade de vocês". Então, tudo bem. Hoje em dia, a conversa é ótima. Ela vem aqui e nós vamos lá. Tudo mudou. Totalmente diferente. Até os irmãos contam o que a gente passou na época. Nossa senhora, foi terrível. Hoje graças a Deus, tudo em paz.

Nesses dois casos houve rejeição do lado da família japonesa, mais exatamente a de um dos pais do cônjuge. Os pais do marido nissei do casal A moram no interior ao passo que os pais da esposa nissei do casal B moram na capital como os pais dos nisseis dos casais C e D que foram a favor do casamento. O fato de a mãe dessa nissei ter sido contra o casamento pareceu que deveria haver alguma explicação. Então, tivemos uma ocasião de ter contato com os pais dela e foi verificado que a mãe dela não tem relacionamento social com os brasileiros, ou seja, tem relacionamento social somente com os japoneses, enquanto que o pai dela tem relacionamento social tanto com os brasileiros como com os japoneses. Este deve ser uma das causas, se não for a principal, da resistência dela a respeito do casamento interétnico já que em outros aspectos não se encontram diferenças entre eles.

Esses dois casais falaram muito também do apoio que tiveram de seus irmãos para realizar o casamento.

Os irmãos, nesses casos, ajudaram e não foram contra o casamento interétnico. Esta parece ser a tendência geral no caso desses casamentos. E vale enfatizar que nestas duas famílias japonesas, como em todas outras famílias japonesas dos casais entrevistados, há outros irmãos casados com descendentes de não-japoneses. Tudo isso indica que a rejeição que existe nessas famílias japonesas é uma rejeição pessoal ou individual e não da família propriamente dita, e naturalmente essa rejeição pessoal não foi suficiente para que não acontecessem esses casamentos interétnicos. E esta resistência acaba sendo superada com o tempo como foi confirmado na entrevista com esses casais.

No terceiro caso da rejeição por parte da família japonesa, no casal F, a situação foi mais dramática. Embora a família do marido brasileiro tivesse ficado contente, o pai da issei não permitiu esse casamento. A issei explica como foi o seu casamento.

Eu ia casar de miai-kekkon. O pai tinha escolhido o noivo e preparado tudo. E fizemos miai, mas eu não queria casar com essa pessoa. Então saí de casa uma semana antes do casamento e fui para o Rio de Janeiro. Lá encontrei com D(marido de hoje). O pai achava que não tinha jeito. E só depois de oito ou dez anos ele mudou.

Considerando a época(Casaram-se em 1951) e por ela ser issei, não é difícil imaginar a resistência da

família e esta issei deve ter sido mesmo uma das poucas isseis que casaram com brasileiros naquela época.

No caso do casal E, houve a resistência por parte da família brasileira e não da família japonesa. Mas, este caso seria excepcional em termos de análise de casamento interétnico, porque a causa da rejeição era de caráter diferente. Conforme o marido nissei.

A família dela(da esposa) foi 100 por cento contrária. Primeiro, porque eu era separado do primeiro casamento além de ter filhos. Segundo é a(diferença da) idade(Ele tem 54 anos e ela tem 33 anos). Então, quando marcamos o casamento, a família dela participou em nada.

Esta também é uma situação que não é difícil compreender o porquê da resistência da família e isso não se deve ao fato de ele ser da família japonesa. Portanto, este caso pode ser considerado como excepcional.

Enfim, investigando todos esses casos, é possível formular as seguintes hipóteses,

(1) Quando há rejeição no casamento interétnico, essa rejeição costuma ser por parte da família japonesa.

(2) A rejeição não é da família e sim do indivíduo que depende muito de suas circunstâncias.

(3) Possivelmente haveria uma tendência de não

aceitar o casamento interétnico naqueles japoneses que tenham pouco contato com os brasileiros mesmo que eles residem na região urbana.

CONTATO COM OS PARENTES

Quanto a contato com os parentes, foi verificado um fenômeno unânime em todos os casais. Ou seja, o contato mais freqüente desses casais foi o contato com a mãe da esposa, principalmente pela esposa. Com a exceção do casal F cujos pais já são falecidos, os outros cinco casais, todos eles responderam que o contato mais freqüente deles é com a mãe da esposa.

No casal A os pais do marido nissei moram no interior do Paraná e os da esposa brasileira moram em Minas Gerais. Geograficamente os pais da esposa residem mais longe do casal, mas são eles que têm contato mais freqüente e vêm visitar o casal duas vezes por ano. A esposa também visita seus pais duas vezes por ano. Depois dos pais da esposa, são a irmã da esposa e irmão da esposa que o casal têm mais contato.

No casal B o marido brasileiro explica,

Como eu tenho só o pai e a mãe e não tenho mais irmãos, eu digo que eu acabei entrando na família dela(da esposa). Eu converso mais com os irmãos dela, principalmente com S (nome

de irmão da esposa) que é logo acima.

A esposa nissei fala.

Mas, eu parece que, se telefonar, mais com a mãe. Quando ele(marido) telefonar, mais com S, mas eu sou mais com a mãe. Acaba sendo mais o contato com minha mãe apesar do problema todo que tivemos e ainda às vezes a gente tem. Mas é com ela mesma.

Além do contato por telefone, eles visitam a mãe da esposa que mora mais perto deles. O marido diz.

Quem nos visita mais é S(irmão da esposa). Ele vem uma vez por semana. E a gente praticamente todo o domingo se encontra na casa da mãe. Como a gente quase sempre está lá, não acaba indo na casa dele. O ponto de encontro é a casa da mãe(da esposa).

No casal C, quem mora mais perto do casal é também a mãe da esposa. O marido brasileiro fala que,

A casa da sogra fica mais perto. Eu vou muito mais na casa de minha sogra do que na casa de minha mãe. E na realidade estou mais ligado à família de minha sogra. Por uma questão de distância também.

A esposa nissei visita todos os dias a casa da mãe e o filho deles vai na casa da avó(mãe da esposa) de sexta a domingo. E segundo eles "A mãe vem sempre."

No casal D, a mãe da esposa nissei mora com o casal. Fora disso quem tem contato mais freqüente com

o casal é a irmã do marido brasileiro que mora pertinho(uma quadra para baixo). Esta irmã faz mais visita. Os parentes da nisei moram em São Paulo.

No casal E novamente é a mãe da esposa quem mora mais perto do casal e ela visita mais o casal com a frequência de uma vez por mês. Tanto o marido como a esposa, eles têm o contato mais freqüente com a mãe da esposa. Depois dela irmã da esposa brasileira e irmã do marido nisei são as pessoas que têm mais contato com o casal. E segundo a esposa brasileira ela tem contato freqüente com a irmã do marido nisei, "pois ela é mais aberta e mais comunicativa."

Nesta análise de contato com os parentes, foi confirmado o forte laço da mãe com a filha casada caracterizado pela freqüente visita recíproca e até certa aproximação geográfica de residências entre elas. Isso significa, de outro lado, que uma vez feito o casamento, é mais influenciado o homem pela família da esposa do que a mulher pela família do marido. É bastante simbólico o testemunho de dois maridos brasileiros que já foi mencionado acima. Ou seja, "Eu acabei entrando na família dela(marido do casal B). "Na realidade estou mais ligado à família de minha sogra(marido do casal C).

A característica confirmada nesse pequeno grupo de casais é comumente falado "A família da noiva ganha mais um filho." Esta seria característica da família

brasileira e possivelmente poderia dizer a mesma coisa com a família de casais interétnicos, pelo menos, nesse grupo pesquisado.

DIVISÃO DE TRABALHO

Com a exceção da esposa do casal E que é dona de casa, todas as mulheres têm sua profissão. Só a esposa do casal A não está trabalhando no momento por causa do filho pequeno, mas pretende voltar a trabalhar como antes assim que o filho crescer.

Para esta questão foram abordados dois assuntos, ou seja,

1) Quem sustenta financeiramente a família e quem tem controle financeiro?

2) Como os dois participam na educação dos filhos?

A respeito do primeiro assunto, a resposta foi variada. Já que a maioria das esposas trabalha, é natural que os dois sustentem financeiramente a família. Mas, como no caso do casal E que a esposa é dona de casa ou no caso do casal A que a esposa está sem atividade profissional por causa do filho pequeno, é o marido o responsável pelo sustento financeiro da família. Nesses dois casais o marido sustenta a família e tem controle financeiro como o marido do casal E explica.

Eu dou certo valor a ela(esposa) para ela administrar. Aquilo que posso administrar lá fora, eu administro. Aquilo que pode administrar em casa ela administra. Então é dividido. Isso é divisão de responsabilidade. Aquilo que posso delegar para ela, eu delego. Compras de casa, coisas que falta, roupa e empregado, passagem dos filhos, mesada dos filhos.

Esta divisão de trabalho é comum na classe média. Particularmente, é normal o marido ter o controle financeiro somente deixando a esposa administrar as coisas domésticas com o certo valor que ele dá para ela. Nesse esquema se enquadram os casais A, E, e F. Nos casais C e D os dois sustentam a família, mas quem administra todas as finanças é o marido. Este esquema também é comum no Brasil e a esposa nissei do casal D diz.

Quem sustenta financeiramente a família é ele, mas nós dividimos. A minha renda é movel e dele é fixa. A minha, a entrada e a saída não tem os dias bem determinados. Dele tem. Então, aquela importância certa é do marido. E quem tem controle financeiro é ele também. Agora, você veja, lá em casa, minha mãe tinha outro hábito. Todo o controle financeiro era de minha mãe. Eu, parece que eu tenho assim certo desprezo pelas finanças. Eu nunca sei quanto eu ganho, quanto eu gasto, o que tem para pagar, quanto tem para entrar, nada disso.

No Japão é comum a esposa ter controle financeiro de casa, quando o marido trabalha fora e a

esposa se dedica à família. Muitas vezes o marido entrega seu salário inteiramente à esposa. Em outras palavras, quando há divisão de trabalho entre o homem e a mulher, isto é, o homem trabalha fora e a mulher trabalha em casa, quem é responsável pelas finanças é a mulher. E se chamar isso de estilo japonês, o casal B entraria exatamente nesse estilo japonês. Embora os dois sustentem a família, quem tem controle financeiro é a esposa. Perguntado sobre esta questão, o marido brasileiro diz, "É boa pergunta. Aí eu digo que é o lado nipônico." A esposa nissei continuando a conversa.

Eu não tenho o controle de quanto tem, assim fazer boletim, o valor numérico, não tem, mas o grosso, digamos, acabo eu controlando. Nós temos uma conta conjunta onde cada um coloca um percentual lá e esse é que nós fazemos manutenção de casa. Agora cada um tem sua conta particular também que pode fazer o que quiser.

Neste casal B, mesmo que os dois trabalhem, é a esposa quem controla as finanças. Este costume é diferente do brasileiro em média como o marido brasileiro do casal D comentou brincando.

Particularidade fantástica, essa! Se fosse aqui no Brasil, não dava certo. O brasileiro não ia concordar que a mulher fizesse isso.

O fato de a esposa nissei do casal B ter controle financeiro pode-se atribuir à profissão dela

que é executiva do banco, mas pode ser também um hábito que foi herdado por essa nissei.

Quanto à participação na educação, quando o pai trabalha fora e a mãe se dedica à família, a educação costuma ficar por conta da mãe. Assim é o caso dos casais A e E cujas esposas são donas de casa. A esposa brasileira do casal A diz.

Os dois participam (na educação do filho), mas ele não participa igualmente. Como ele fica muito tempo fora de casa, acaba participando muito pouco. Fica mais a cargo da mãe.

A esposa brasileira do casal E também diz.

Eu chamo mais atenção. Eu percebo mais. Não sei se pelo fato de ele estar mais tempo fora de casa. Às vezes comunico para ele (marido) quando não está no meu alcance.

Nos casais B, C, e D cujas esposas são nisseis e todas têm sua profissão não doméstica, foram prestados depoimentos importantes. No casal C que os dois trabalham fora, conforme o marido brasileiro, a educação do filho é bastante japonesa e diz.

Desde pequenininho, o filho tem muita convivência com a mãe. Porque a mãe é que levava e buscava na escola. Eu saio de casa e só volto de tarde. Almoço na companhia. Isso foi criando um laço e era ela que tudo resolvia. Tudo era ela que ensinava. A educação é 95 por cento dela. E como a participação do pai é pouca, o castigo da criança também fica

por conta da mãe. Até a gente pode notar a educação do filho em relação a meus sobrinhos com a mesma idade dele é completamente diferente. Apesar de ser brasileiro, a educação é bastante japonesa.

A esposa nissei do casal D conta também de sua filha.

Isso foi dito por uma pessoa de fora, porque a gente que está dentro não percebe. Mas, uma senhora que fez trabalho de português e redação com R(filha), R é brasileiríssima de fisionomia. Ela(essa senhora) disse que ela (filha) só tem o cabelo de brasileiro. Porque ela por dentro é muito japonesa. Eu tenho impressão que nós implantamos aquela seriedade, aquele rigor silencioso do japonês.

No casal B que acabou de ganhar nenê, o casal conta como vai ser a educação da criança. O marido brasileiro começa.

A gente tem uma idéia como vai ser mais ou menos. A autonomia de cada um. Por exemplo, se a mãe está fazendo alguma coisa, ou o pai está fazendo alguma coisa, o outro não vai recriminar ali na frente. Vamos conversar depois. Nunca reprovar a atitude do outro na frente da criança. Apoiar naquele momento e depois, se não está gostando, conversar para mudar. O que nós estamos falando, porque senão a criança vai gostar mais do pai, ou vai se sentir mais protegida pela mãe. Daí é errado. Quando a criança é repreendida por um, então o outro tem que apoiar essa atitude. Eu particularmente acho que a educação, se ela tiver um pouco lado nipônico, isso vai ser muito bom. A parte de organização é muito boa.

A esposa nissei, por sua vez, fala.

Eu acho que mais do que questão de organização é o lado nipônico em termos de obrigação da própria vida. Eu acho que neste ponto eu tenho que ter participação grande.

Esses depoimentos indicam a possível influência maior da mãe aos filhos mesmo que elas tivessem trabalho fora. Por coincidência, essa niponicidade nos filhos foi comentada pelos pais cuja mãe é nissei. Será que, quando a mãe é nissei, a niponicidade aparece mais nitidamente nos filhos do que quando o pai é nissei?

Esta seria uma outra hipótese que gostaríamos de investigar em futuros trabalhos.

DIFERENÇA ENTRE A FAMÍLIA JAPONESA E A FAMÍLIA BRASILEIRA

Sobre esta questão, vários comentários foram feitos por ambos os lados. Do lado dos cônjuges brasileiros, o que foi mais comentado é a alimentação e depois a educação e costumes em geral.

A esposa brasileira do casal A diz.

Por exemplo, começa pelos costumes. Pela comida, pelo tratamento pessoal. Quando a mulher casa, ela passa a pertencer à família do marido. A própria mentalidade do japonês, dos velhos. O japonês é rigoroso nos costumes. Até mesmo na comida, na formação da pessoa, da educação. Cobra muito. É uma cultura que cobra demais da pessoa. É claro que tem seus

lados positivos. É um povo trabalhador. É um povo que quando quer um objetivo, ele atinge o objetivo.

O marido brasileiro do casal B fala.

Principal é a parte de alimentação. É bastante diferente. Para mim foi difícil e ainda é difícil.

O marido brasileiro do casal C diz.

Se comparar duas famílias, realmente são completamente diferentes pela cultura, pela educação. A cultura em si é completamente diferente. Aquilo que a gente adquire estudando, lendo, a maneira de viver.

O marido brasileiro do casal D diz.

Meu interior, meu íntimo seja mais japonês do que brasileiro. Me adaptaria muito ao sistema japonês em matéria de educação, instrução, relacionamento familiar. Sempre admirei o povo japonês. Elas(esposa e sogra) têm liberdade. Nós nos permitimos que aqui se faça, de brasileiros e japoneses, se misturarem até na própria alimentação.

Do lado dos cônjuges de descendentes de japoneses, foram ouvidos comentários mais interessantes e detalhados.

O marido nissei do casal A diz.

A partir do momento que ela casou comigo, nós passamos a formar outra família com todo o direito e a liberdade de seguir aquilo que a gente quer. Agora isso não acontece na família japonesa. Na família japonesa tem que existir a continuidade

ou uma linha da família. Naquele programa do Japão "A viagem ao passado" falou muito bem isso. O relacionamento na família japonesa é o relacionamento vertical. Na família brasileira é o relacionamento horizontal. Essa diferença dá para perceber bem. Por exemplo, quando a família dela fala alguma coisa a nosso relacionamento eles falam bem claro, "Vocês têm que ver direitinho o que vocês querem." Isso deixa claro que as famílias são diferentes agora. Agora meus pais não. "Vocês têm que fazer isso para tentar uma vida mais ou menos assim." que já deixa passar isso. Agora a família brasileira, casou, já constitui uma outra família com outro destino.

A esposa nissei do casal B fala.

O que eu sinto é, seria o lado... me falta o termo. Justamente aquilo que estava dizendo de obrigações e deveres com os outros. Esta parte emocional e parte espiritual da coisa. Acho tão diferente. A gente se preocupa mais em não esquecer de uma gratidão ou ter que fazer isso. Tudo isso, para explicar num termo, o que seria? É tipo *ninjo*(15) mesmo, nê? Essas coisas, é bastante diferente. A concepção na própria vida, dos valores das coisas. Isso acho bastante diferente e vejo isso ainda na família da minha madrasta. Eu gostaria de manter esta parte japonesa na minha família. Mas, sentindo realmente, não superficial só, sabe? Se receber alguma coisa, agradecer aquilo realmente e retribuir, e não só como obrigação, porque está sentindo gratidão, não é? Bom, são pais que eu quero fazer de tudo. Questão, pais, nê. Isso é da idéia de que a gente tem que fazer enquanto em vida. Não

adianta depois. Apesar de brigar bastante no fundo a gente sente. Esse tipo de valores das coisas eu via muita diferença e agora nessa convivência vejo que a gente está se aproximando. Teve momento, sim. Chegamos a um ponto que tivemos que conversar bem só em dizer "Vamos fazer isso e aquilo" de não entender. Então, eu tive que explicar porque deveríamos fazer aquilo. Ainda fazemos isso com frequência.

A esposa nissei do casal D diz.

Uma ocasião eu comentando com esta prima brasileira (de descendência italiana), ela enfocou uma coisa muito importante, "O japonês não é muito carinhoso com os filhos. Não demonstra afagos. Não exterioriza sua emoção. Não pega criança. Não beija." Mas, não é assim. Então a maneira deles mostrarem que têm é oferecer comida. "Come isso. Come mais aquilo" Uma forma que eles têm de exteriorizar o afeto. O brasileiro já não é assim. Já pega, já tem o contato assim pele e pele. Agora a nova geração japonesa, não. Já são diferentes. Da nossa geração até um pouco é assim... A família se reúne muito. Os japoneses riem muito quando estão juntos. Eu não sei se é geral ou uma característica da nossa família. Eles dão muita risada, qualquer coisa.

Aliás essa diferença da maneira de demonstrar afeto já foi mencionada também pela esposa brasileira do casal A.

O marido nissei do casal E fala.

O costume e hábito é bem diferenciado. O dia-a-dia nem tanto, mas quando você sai para jantar e almoçar fora, vai para o restaurante japonês ou para uma festa japonesa, aí você nota a diferença drástica entre o comportamento da família brasileira e da família japonesa. Então, a gente percebe que o choque está aí nesses momentos. No dia-a-dia a gente não nota muita diferença, porque a alimentação em casa é mais voltada para a ocidental. Quando entra alimentação japonesa, aí então realmente vem o primeiro choque. Este é um dos aspectos. Na festa e nas reuniões nota-se diferença, a maneira, comportamento, atitude dos japoneses e seus descendentes é bastante diferente das famílias brasileiras de não descendentes de japoneses. A mesma maneira de postar, receber, se alimentar. Entre nós dois aqui a diferença é mínima. Até a gente nem percebe que a gente é descendente de japonês pela harmonia que existe. Isso talvez seja uma coisa muito particular nossa. Em termos genéricos creio que não haja harmonia perfeita entre o descendente japonês e não descendente japonês na relação conjugal. Porque nós temos muito diálogo. É um hábito nosso. Nós colocamos tudo para fora. Mesmo que chegue a magoar um ao outro, nós colocamos. Tudo isso propicia desaparecimento dessas diferenças.

Além dessas diferenças comentadas, uma coisa chamou nossa atenção.

Trata-se de que lado deve ter acontecido a mudança maior depois do casamento. Em dois casais tocaram nesse assunto e o marido brasileiro do casal B diz.

Como entrei na família japonesa, acabam mudando alguns hábitos e algumas coisas. O brasileiro sempre dá um jeitinho, mas o japonês não. Dez é dez e vinte é vinte. Então, do lado brasileiro há mudança maior.

A esposa nissei do casal C fala também.

Se mudou, deve ter mudado mais para ele. Não para o meu caso. Porque antes de casar com ele, minha amizade, 95 por cento era brasileira. Não tinha relação com a família japonesa.

E o marido brasileiro dela, que já tinha falado que a educação do filho deles é bastante japonesa, continua.

Para mim já era diferente. Nunca tive essa oportunidade de conhecer a família japonesa. Acho que mudei muita coisa, sim. Até o hábito de comer. Em matéria de comer, eu sou muito mais japonês do que muitos japoneses que tem por aí. Como de tudo e gosto. Como porque eu gosto, não para fazer a média. Então, para mim mudou e até a alimentação hoje é diferente.

Será que a mudança maior acontece do lado do cônjuge brasileiro? Para compreendê-lo, é preciso considerar também o fato de que essa confirmação foi feita só pelos casais cujos maridos são brasileiros de ascendência não - japonesa, ou seja, casais de combinação: o marido brasileiro e a esposa nissei. Curiosamente nos casais de outra combinação: o marido nissei e a esposa brasileira, não somente não houve

comentário sobre a mudança, mas também parecem que essas esposas brasileiras têm certa dificuldade de comunicação com a família do marido nissei. Ou então, talvez elas não tenham, digamos, muita chance de conhecer e entender o lado do cônjuge japonês. Aqui podemos recordar os comentários das esposas brasileiras do casal A e do casal E.

Falando do comportamento dos japoneses que "não demonstram o que sentem", houve discussão no casal A como já foi visto anteriormente. Para o marido nissei isso vem do "jeito formal de ser" dos japoneses e não significa que os pais rejeitam o casamento, mas para a esposa brasileira "sinto uma rejeição porque eles não demonstram". Este problema foi abordado também pela esposa nissei do casal D que diz, "(O japonês) Não demonstra afagos. Não exterioriza sua emoção. Então a maneira deles mostrarem que tem carinho é oferecer comida....."

Essa diferença de ponto de vista faz com que nós imaginemos que haja barreira de comunicação entre essa esposa brasileira e a família do marido nissei, talvez pela falta de convívio.

Outra esposa brasileira do casal E tinha comentado somente, "Tenho contato com a irmã do marido que é mais aberta, mais comunicativa."

Esses dois casos mostram certa barreira para a esposa brasileira em relação à família do marido nissei. E também a este respeito é bom lembrar um

comentário feito por uma nissei casada sobre o casamento interétnico; "Acredito que para a mulher nissei se adaptar ao casamento com um brasileiro é bem mais fácil ao contrário que o homem nissei nos moldes japoneses há mais dificuldade." Será que essa compreensão mútua ficaria mais fácil para o casal de combinação: o marido brasileiro e a esposa nissei do que o casal de combinação: o marido nissei e a esposa brasileira?

Essas duas dúvidas talvez possam ser explicadas pelo que já foi comentado na questão de contato com os parentes. Ou seja, "o homem é mais influenciado pela família da esposa do que a mulher pela família do marido." Em outras palavras, depois de casado, o homem entra na família da esposa e isso ofereceria para ele muita oportunidade de conhecer e entender a família da esposa, mas ao mesmo tempo isso afetaria os costumes do homem e portanto ele poderia sofrer mudanças nos seus hábitos. Por outro lado, a mulher, depois de casada, ela não vai ter mesma chance de conhecer a família do cônjuge como o homem tem e não iria sofrer muita mudança que o homem está exposto.

Portanto, quando o marido brasileiro entra na família da esposa nissei, para ele a diferença de cultura ficaria mais fácil de compreender. Por outro lado, quando a esposa brasileira está casada com o marido nissei, para ela ficaria mais difícil de compreender a diferença de cultura, porque quem tem mais acesso à família do outro cônjuge é o marido, e

ela teria menos chance de conhecer e compreender a família do marido.

Para os cônjuges de descendentes de japoneses, pelo fato de eles estarem casados com os brasileiros, isso já significa que eles estão mais integrados na sociedade brasileira e já compreendem a diferença de cultura como a nissei do casal C diz.

Talvez minha personalidade seja bem japonesa. Mas, realmente é uma coisa que, muitas vezes, eu preciso parar para pensar que eu tenho descendência japonesa também ao mesmo tempo. Então, acho que, não sei se isso é decorrência de a gente estar bem adaptada, digamos, nesse meio ambiente. Pode ser que seja isso também. Às vezes eu até esqueço que tenho descendência japonesa. Ao mesmo tempo, meu modo de pensar assim, acho que, é muito japonês. A gente nota diferença, mas não penso que tenha chegado a ser esse nível de conflito. Porque acho que consigo entender tanto do ponto de vista japonês como do ponto de vista brasileiro.

Ou como a esposa issei do casal F diz.

Tem certa semelhança apesar de ser totalmente diferente. Então, a gente tem que procurar associar as coisas. Nesse aspecto, eu, sendo casada com o brasileiro, ganhei muito com isso. Eu posso adquirir coisas boas do Brasil e posso fornecer coisas boas do Japão.

Essas entrevistas com os casais nos mostram alguns indícios que possam caracterizar os casais interétnicos de brasileiros e japoneses. Naturalmente,

como o número dos casais foi pequeno, são indícios e precisam ser examinados com o maior número de casais interétnicos para confirmá-los realmente como suas características.

Além desses casais interétnicos, outros entrevistados diretamente ou indiretamente ligados a casais interétnicos deram depoimentos interessantes.

Sôichi Iwaya, issei casado com brasileira de descendência não japonesa, explica porque muitos isseis não queriam que seus filhos casassem com brasileiros.

Porque o contato que eles tinham com brasileiros era com empregados e camaradas. Então para eles o brasileiro era o camarada e desprezava-o como pessoa inferior de nível baixo. E também porque os camaradas enganavam as moças japonesas. O outro motivo é que os pais não entendiam bem o português e eles queriam morar junto com o(a) filho(a) depois do casamento. Então vai ter problema de comunicação e a comida tem que preparar separadamente e outros trabalhos a mais. Pensando nessas coisas, eles achavam que o(a) filho(a) e a própria pessoa interessada não ficariam felizes se realizarem o casamento interétnico. Não é que eles não gostavam de brasileiros.

Este depoimento confirma e completa as respostas dadas sobre o casamento interétnico do questionário. É importante perceber neste ponto que para aqueles

japoneses que ficavam na região rural o camarada representava o brasileiro. Isso significa que eles tinham pouco contato com a população brasileira de outras classes. E isso impedia a esses japoneses terem uma visão mais objetiva da população brasileira como um todo.

Hayao Washida comenta a este respeito.

Não é fácil dizer qual desses casamentos é melhor. Há casos que não dão certo mesmo casando entre os nisseis e outros que se dão muito bem casando com o(a) brasileiro(a). Muitas vezes as pessoas vinham conversar comigo para saber a opinião sobre o casamento de seus filhos que queriam casar com brasileiros, mas o número desses pais vem diminuindo. E certamente tem crescido o número dos nikkeis que casam com gaijins. Na medida em que aumenta a oportunidade de ter contato com os gaijins, começa a enxergar os lados positivos deles.

É bastante provável que os japoneses que continuam vivendo na região rural e que têm o seu relacionamento social restrito pensem da mesma maneira como Iwaya explicou, identificando a imagem do camarada com a da população brasileira em geral.

NOTAS DE REFERÊNCIA

(1)DIARIO NIPPAK. Sansei é maioria. Diário Nippak. São Paulo, 12 de maio de 1989.

(2)MAEYAMA, Takashi. Assimilação e integração dos japoneses no Brasil. São Paulo, Vozes, 1973. p.425.

(3) IKEDA, Shigeji. Album comemorativo do 40 aniversário da imigração nipônica ao Brasil. São Paulo, 1949. p.45.

(4) HANDA, Tomoo. O imigrante japonês. São Paulo, T.A. Queiroz: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987. p.450.

(5) SAITO, Hiroshi. A presença japonesa no Brasil. São Paulo, Ed. da U.S.P., 1980. p.105.

(6) SHADEN, Egon. A presença japonesa no Brasil. São Paulo, Ed. da U.S.P., 1980. p.148.

(7) BUTSUGAN, Sumi. A presença japonesa no Brasil. São Paulo, Ed. da U.S.P., 1980. p.110.

(8) BUTSUGAN, p.110.

(9) BUTSUGAN, p.110.

(10) TINKER, John N. Journal of Social Issues. Fresno, vol.29(2), 1973. p.51. Muitos estudos têm mostrado que os homens de grupo minoritário casam-se fora de seu grupo mais freqüentemente do que as mulheres. Há uma tendência geral que os homens de minoria racial, religiosa ou étnica casam-se fora de seu grupo em maior grau do que as mulheres.

(11) TINKER, p.54.

(12) TSURUKI, Makoto. Japanese-American. Tokyo, Koudansha, 1976. p.135.

(13) SAITO, Toshiaki. Brasileiros e japoneses. Confronto de identidade : O nikkei e sua americanidade. São Paulo, Massao Ohno Editor, 1986.

(14) Omiai (ou miai) significa em japonês "ver mutuamente" e kekkon quer dizer "casamento". Sua tradução em português "casamento arranjado" não transmite exatamente o que a palavra original em japonês significa. Num casamento arranjado, um homem e uma mulher, ambos procurando um parceiro para casamento, são trazidos juntos por uma pessoa de intermediação, de modo que o par em perspectiva se possa ver e se conhecer mutuamente e cada um determina a respeito do outro quanto à conveniência como parceiro para o casamento. Os pais de ambos os lados, freqüentemente, estão presentes no encontro inicial. Depois disso, o par em perspectiva encontra-se socialmente

por um período de tempo e então eventualmente se decidem casar ou não.

(15) Ninjo significa literalmente sentimentos e inclinações humanas que todo o mundo tem. Mas, o mesmo tem conotações de ajudar um ao outro na hora difícil ou compartilhar os favores recebidos e as emoções que formam o senso de interdependência na comunidade em que vive.

PRIMOGENITURA E FAMÍLIA

O direito de primogenitura foi um dos costumes de maior peso na sociedade japonesa, principalmente antes de ser extinta no atual código civil, mas continua sendo bastante popular e aceito no Japão de hoje, particularmente na região rural. Seria interessante saber como este costume continua na comunidade nipo-brasileira.

Foram feitas duas perguntas a este respeito . A pergunta 20 foi feita para saber se é respeitada a opinião dos pais e do irmão mais velho. O resultado apresentado no quadro 22 indica alguns pontos interessantes.

1) Em todas as gerações de ambos os sexos, mais da metade aprova o respeito à opinião dos pais e do irmão mais velho.

2) O sexo masculino aprova mais que o sexo feminino em todas as gerações.

3) Embora diminua a percentagem de aprovação ao mudar a geração, o grau de mudança é bastante lento e pouco se comparado com outros fenômenos analisados nesta pesquisa.

Quadro 22 : Respeito à opinião dos pais e do irmão mais velho

	sim	não	em branco	indefinido
I S S E I	M 81,0	M 6,3	M 4,8	M 7,9
	F 71,4	F 18,4	F 8,2	F 2,0
	T 76,8	T 11,6	T 6,3	T 5,4
N I S S E I	M 71,4	M 25,0	M 3,6	M ---
	F 61,7	F 28,3	F 6,7	F 3,3
	T 66,4	T 26,7	T 5,2	T 1,7
S A N S E I	M 67,3	M 26,9	M 1,9	M 3,8
	F 52,9	F 39,2	F 3,9	F 3,9
	T 60,2	T 33,0	T 2,9	T 3,9

Fonte : Pesquisa em 1988 (%)

Quadro 23 : Responsabilidade pelos pais

	primog.	todos	em branco	indefinido
I S S E I	M 12,7	M 79,4	M 4,8	M 3,2
	F 16,3	F 73,5	F 10,2	F 2,0
	T 13,4	T 76,8	T 7,2	T 2,7
N I S S E I	M 7,1	M 87,5	M 5,4	M ---
	F 6,7	F 86,7	F 6,7	F ---
	T 6,9	T 87,1	T 6,0	T ---
S A N S E I	M 5,8	M 92,3	M 1,9	M ---
	F 2,0	F 96,1	F 2,0	F ---
	T 3,9	T 94,1	T 1,9	T ---

Fonte : Pesquisa em 1988 (%)

Cardoso relata que "os jovens muitas vezes lamentam o desaparecimento crescente da obediência aos mais velhos, louvando-a como costume dos mais belos da família japonesa."(1) Paradoxalmente, embora esteja desaparecendo este costume, o fato de os jovens lamentá-lo significa que eles dão valor a este costume que ainda sobrevive em boa parte dos japoneses.

No que concerne à responsabilidade pelos pais, a situação é diferente. Aqueles que acham que é do primogênito a responsabilidade pelos pais são minoria fraca e decresce para metade de uma geração para outra como quadro 23 mostra.

Uma das maneiras de verificar esta questão é saber se o primogênito mora com os pais. No Japão muitas pessoas ainda consideram natural o filho mais velho ficar com os pais e cuidar deles ao contrário do que acontece com a família teuto-brasileira que geralmente o filho mais novo que fica morando em casa dos velhos pais.(2)

Na pergunta 22 foi verificado com quem moravam os pais isseis. Aos isseis foram perguntados com qual dos filhos eles moravam juntos e aos nisseis foram feitas a pergunta de com quem moravam os pais deles. A resposta de maior número foi aquela que eles moravam sós e que não foi constatado nenhum destaque entre os filho(a)s.(quadro 24)

Estes resultados mostram que a autoridade do primogênito é aceita mais simbolicamente e como

Quadro 24 :
Com quem os pais isseis moram (pessoas)

		1fo	1fa	2fo	2fa	caç	sós	outra	indefinido	em branco
I S S E I T	M	7	10	7	4	7	6	—	—	—
	F	3	4	2	3	6	6	—	—	—
	T	10	14	9	7	13	12	—	—	—
N I S S E I	M	3	3	5	1	2	3	6	—	10
	F	5	1	2	1	4	11	5	3	8
	T	8	4	7	2	6	14	11	3	18

1fo = primeiro filho 1fa = primeira filha
2fo = segundo filho 2fa = segunda filha
caç = caçula

Fonte : Pesquisa em 1988

opinião, e não na forma de direito e dever. Esta situação talvez seja bem parecida com a do Japão de hoje.

NOTAS DE REFERENCIA

(1)CARDOSO, Ruth Correa Leite. O papel das associações juvenis na aculturação dos japoneses. In: Revista de Antropologia. VII, 1/2, jun.-dez. 1959. p.120.

(2)WILLEMS, Emílio. A aculturação dos imigrantes alemães no Brasil. São Paulo, Ed. Nacional, 1980. p.307.

RELACIONAMENTO SOCIAL

No trabalho de Emílio Willems sobre os alemães no Brasil o conceito de "aculturação" é definido como "as mudanças nas configurações culturais de dois ou mais grupos que estabelecem contatos diretos e contínuos"(1). Em outras palavras enquanto não ocorrem contatos diretos e contínuos não há aculturação. Nesse sentido como Schaden evidencia, "o isolamento das colônias retardou a aculturação" e "Enquanto permanece no meio rural, o japonês tem como maior barreira à aculturação o etnocentrismo "(2) No censo de 1934 realizado pelo Estado de São Paulo mostra que 91,7% dos japoneses residentes neste Estado habitavam nas zonas rurais e 8,3% nos centros urbanos.(3) Isso significa que até esta época era difícil acontecer a aculturação dos japoneses pelas circunstâncias em que eles se encontravam.

Deste modo é importante saber que tipo de relacionamento social cada imigrante ou filho e neto de imigrante tem no seu dia-a-dia. Ou seja, tem contato mais com descendentes de japoneses ou com brasileiros? Com isso é possível saber até certo ponto o grau de aculturação. O resultado no quadro 25 mostra

bem a diferença que existe entre as gerações e seu background.

No grupo issei a maioria tem seu relacionamento social mais com os japoneses do que com os brasileiros. Aproximadamente um quarto do mesmo grupo tem contato com mais ou menos mesma percentagem de japoneses e brasileiros. Existem também as pessoas que se relacionam só com os japoneses embora seja de mínima percentagem(1,8%).

No grupo nissei a maioria tem relacionamento social de mais ou menos mesma percentagem entre os japoneses e os brasileiros. E por sua vez há pessoas que mantêm contato somente com os brasileiros. Outra diferença importante é que a percentagem de mais brasileiros do que japoneses é maior do que a de mais japoneses do que brasileiros. Isso é uma consequência natural uma vez que quase todos os isseis começaram como colono ou como sitiante na região rural onde não tinha habitação ou pouco povoada e que seus filhos nisseis formados começaram sua vida profissional na região urbana onde são freqüentes os contatos com os brasileiros.

O grupo sansei que poderia estar mais aculturado parece à primeira vista menos integrado na sociedade brasileira. Mas como foi visto nos capítulos anteriores a opinião do grupo sansei está sem dúvida mais aculturada. O resultado do quadro 25, portanto, mostra outro aspecto da realidade do grupo sansei pesquisado. Ou seja, apesar de ter opinião mais aberta

Quadro 25 : Relacionamento social

	só B	B>J	B=J	J>B	só J	em branco	indefinido
I S S E I	M ---	M 14,3	M 30,2	M 47,6	M 1,6	M 4,8	M 1,6
	F ---	F 12,2	F 22,4	F 59,2	F 2,0	F 2,0	F 2,0
	T ---	T 13,4	T 26,8	T 52,7	T 1,8	T 3,6	T 1,8
N I S S E I	M 1,8	M 25,0	M 60,7	M 10,7	M ---	M 1,8	M ---
	F ---	F 26,7	F 45,0	F 26,7	F ---	F 1,7	F ---
	T 0,9	T 25,9	T 52,6	T 19,0	T ---	T 1,7	T ---
S A N S E I	M ---	M 19,2	M 42,3	M 36,5	M ---	M 1,9	M ---
	F ---	F 23,5	F 45,1	F 25,5	F ---	F 5,9	F ---
	T ---	T 21,4	T 42,7	T 31,1	T ---	T 3,9	T ---

só B = só brasileiros

B>J = mais brasileiros do que japoneses

B=J = mais ou menos mesma percentagem

J>B = mais japoneses do que brasileiros

só J = só japoneses

indef. = indefinido.

Fonte : Pesquisa em 1988

muitos sanseis parecem começar a ter relacionamento social mais "brasileiro" só depois de fazer o curso superior ou de começar a ter atividade profissional, principalmente aqueles que nasceram no interior como muitos sanseis desta pesquisa. Também deve ter influenciado a idade média de 23 a 24 anos no grupo sansei. Ou seja, para muitos nisseis que estão na plena atividade profissional, é bastante natural e comum ter contato direto e contínuo com os brasileiros. No entanto, os sanseis ainda universitários, ou estão no início da carreira, podem depender mais do vínculo familiar e do círculo nipônico.

Quanto à diferença entre os sexos, o sexo masculino parece ter relacionamento mais "brasileiro" do que o sexo feminino depois de ter alguma profissão. A inversão entre os sexos no grupo sansei deve provir do fato de o sexo feminino ter maior número de nascidas na região urbana.

NOTAS DE REFERENCIA

(1)WILLEMS,Emílio. A aculturação dos alemães no Brasil. São Paulo, Ed. Nacional, 1980. p.21.

(2)SHADEN,Egon. Aculturação de alemães e japoneses no Brasil. In: Revista de Antropologia. vol.4,n.1,jun. 1956. p.46.

(3)MAEYAMA,Takashi. O antepassado, o imperador e o imigrante: Religião e identificação de grupo dos japoneses no Brasil rural(1908-1950). In: Assimilação e integração dos japoneses no Brasil. São Paulo, Vozes, 1973. p.418.

RELIGIÃO

Nas publicações da comunidade japonesa, registram-se as seguintes religiões entre os japoneses em Curitiba com os respectivos anos de fundação(1):

Evangélica Hollyness	1952
Seicho-no-ie	1953
Messiânica	1955
Budismo	1962
Tenri	1966
PL	?

Segundo o trabalho de Nakamaki(2), encontram-se no Brasil trinta e cinco seitas de religiões japonesas, sendo quatorze do Budismo, dez do xintoísmo e outras onze de chamadas "religiões novas"(3). Naturalmente existem muitos católicos e protestantes entre os japoneses e seus descendentes. Inclusive foram mandados, do Japão para o Brasil, missionários católicos e protestantes. No questionário desta pesquisa, para facilitar a análise, foram colocados os nomes das religiões referidas mais frequentemente no dia-a-dia dos nipo-brasileiros em Curitiba. Nos questionários recolhidos, além dessas religiões

escritas no questionário, foram encontradas Tenri-kyo, Seimei-kyo e Reiyu-kai.

Conforme o censo da comunidade japonesa em 1958, 15 por cento dos isseis, 60 por cento dos nisseis e 70 por cento dos sanseis e yonseis eram católicos. Quase trinta anos depois, os resultados da atual pesquisa apresentam tendência bem parecida, ou seja, 15 por cento do grupo issei, 50 por cento do grupo nissei e 64 por cento do grupo sansei são católicos (quadro 26). Levando em consideração a religião dos pais no quadro 27, fica claro que muitos isseis converteram-se em católicos ou adotaram o catolicismo como sua religião oficial. No quadro 26 percebem-se outros resultados importantes.

1) A percentagem de budista decresce acentuadamente de 52 por cento no grupo issei para 18 por cento no grupo nissei, caindo a 7 por cento do grupo sansei. Provavelmente a mesma percentagem que diminuiu do budista passou para a do católico.

2) A percentagem de protestante é alta principalmente nos grupos issei e nissei. Talvez este fenômeno seja peculiar aos japoneses em Curitiba. Isso pode ser explicado pela presença dos missionários protestantes do Japão desde cedo. Como foi visto no início deste capítulo, antes de outras religiões, em 1952 veio do Japão o primeiro pastor e em 1962 já foi construída a sua igreja.

Quadro 26 : Religião

(%)

	catol.	protes.	budista	r.novas	outras	não tem	em branco	undefinido
I S S E I	M 20,6	M 9,5	M 52,4	M 12,7	M ---	M 7,9	M 3,2	M ---
	F 8,2	F 16,3	F 51,0	F 16,3	F ---	F 6,1	F 2,0	F ---
	T 15,2	T 12,5	T 51,8	T 14,3	T ---	T 7,1	T 2,7	T ---
N I S S E I	M 50,0	M 7,1	M 17,9	M 14,3	M ---	M 7,1	M 3,6	M 3,6
	F 50,0	F 13,3	F 18,3	F 18,3	F 1,7	F ---	F 1,7	F ---
	T 50,0	T 10,3	T 18,1	T 16,4	T 0,9	T 3,4	T 2,6	T 1,7
S A N S E I	M 67,3	M 9,6	M 3,8	M 9,6	M ---	M ---	M 1,9	M 7,7
	F 60,8	F 5,9	F 9,8	F 13,7	F ---	F 11,8	F 5,9	F ---
	T 64,1	T 7,8	T 6,8	T 11,7	T ---	T 5,8	T 3,9	T 3,9
T O T A L	M 44,4	M 8,8	M 26,3	M 12,3	M ---	M 5,3	M 2,9	M 3,5
	F 40,6	F 11,9	F 25,6	F 16,3	F 0,6	F 5,6	F 3,1	F ---
	T 42,6	T 10,3	T 26,0	T 14,2	T 0,3	T 5,4	T 3,0	T 1,8

catol. = católico

protes. = protestante

r.novas = religiões novas

Fonte : Pesquisa em 1988

Quadro 27 : Religião dos pais

(%)

	catol.	protes.	budista	r.novas	outras	não tem	em branco	indefinido
I S S E I	M 4,8	M 1,6	M 79,4	M 3,2	M ---	M ---	M 11,1	M ---
	F 2,0	F 6,1	F 73,5	F 8,1	F ---	F 2,0	F 10,2	F ---
	T 3,6	T 3,6	T 76,8	T 5,4	T ---	T 0,9	T 10,7	T ---
N I S S E I	M 17,9	M 7,1	M 48,2	M 17,8	M ---	M 5,4	M 7,1	M 1,8
	F 21,7	F 13,3	F 40,0	F 16,7	F ---	F ---	F 10,0	F 1,7
	T 19,8	T 10,3	T 44,0	T 17,2	T ---	T 2,6	T 8,6	T 1,7
S A N S E I	M 61,5	M 7,7	M 9,6	M 5,7	M 5,8	M 3,8	M 9,6	M ---
	F 51,0	F 3,9	F 21,6	F 11,8	F 2,0	F 3,9	F 13,7	F ---
	T 56,3	T 5,8	T 15,5	T 8,7	T 3,9	T 3,9	T 11,7	T ---

Fonte : Pesquisa em 1988

3)As religiões novas têm sua percentagem estável em torno de dez a quinze por cento em três gerações. Essas religiões devem ter atingido o número de adeptos que podiam conseguir dentro da comunidade japonesa. É bastante interessante que muitas dessas religiões novas já conquistaram numerosos adeptos brasileiros de descendência não japonesa. Tanto a Seicho-no-ie como a Messiânica, a maioria dos adeptos é composta de brasileiros de ascendência não-japonesa.

Entre as religiões novas verificadas, a Seicho-no-ie tem a maior número de adeptos entre os nipo-brasileiros que atinge em torno de 900 pessoas além de 1000 adeptos brasileiros.

A respeito do primeiro ponto, é preciso entender o que não aparece em número. Ou seja, como Maeyama elucida.

A conversão ao catolicismo não implica necessariamente que deixa de praticar todo e qualquer rito tradicional de culto aos antepassados. A conversão geralmente significa uma mera acomodação e nem sempre acompanhada pela interiorização da fé.(4)

Segundo ele, motivos típicos de conversão são;

- 1)Prevenir qualquer dificuldade possível para a ascensão social de seus filhos no futuro.
- 2)Responder à sugestão ou indicação dos professores de seus filhos nas escolas.
- 3)Atender aos vizinhos ou amigos brasileiros que se

voluntarizavam a ser padrinhos.
 4) Conseguir boas oportunidades e
 prestígio social através do
 compadrio.

Schaden refere-se a este fenômeno da mesma
 maneira.

O batismo de crianças encontra o
 seu maior incentivo no intuito
 de se eliminarem fatores de
 discriminação e a adesão ao
 cristianismo é um passo
 importante para a integração no
 meio nacional e ao mesmo tempo
 fator de ascensão na escala
 social. (5)

Esses motivos foram apontados também por muitos
 entrevistados como Akiyoshi Sakamori diz, "Se não
 fizer o batismo, não serve na sociedade brasileira."
 Todos alegaram que na escola era obrigatório ser
 católico. Como Wagley diz, "Ser brasileiro é ser
 católico". Essa identificação religiosa tem sido um
 fator significante para a identidade nacional. (6)

É importante saber que algumas pessoas
 mencionaram mais de duas religiões ao ser perguntado
 sua religião. São duas pessoas no grupo issei e quatro
 pessoas de cada no grupo nissei e no grupo sansei. As
 combinações das religiões dessas pessoas são as
 seguintes:

católico e seicho-no-ie	4 pessoas
católico e budista	3 pessoas
católico e reiyu-kai	1 pessoa

espírita e seicho-no-ie : 1 pessoa
 católico , budista
 e seicho-no-ie : 1 pessoa

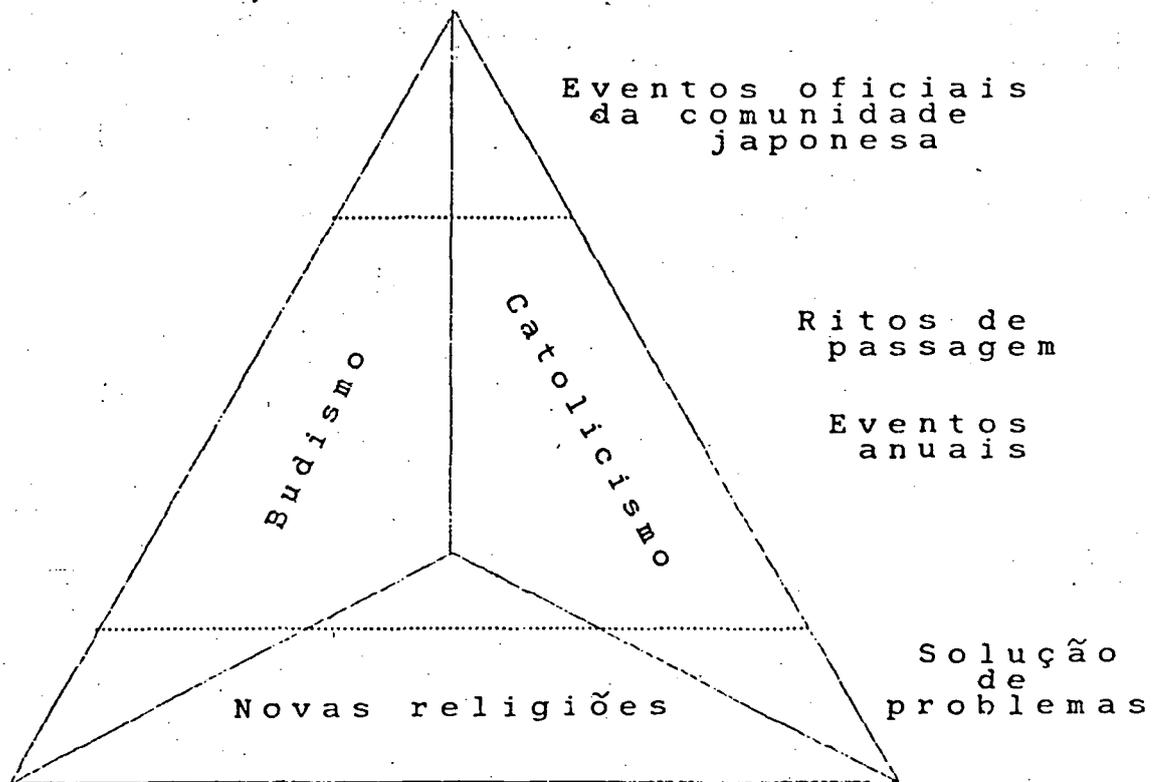
Este fenômeno pode ser explicado nos trabalhos de Maeyama e de Nakamaki. Maeyama explica que

A religião tradicional japonesa é essencialmente uma religião do *ie*(7) enquanto que o catolicismo, pelo contrário, é entre os japoneses no Brasil uma crença individual. As duas religiões são concebidas em dimensões diferentes, portanto, não são contraditórias.(8)

O trabalho de Nakamaki(9) esclarece mais ainda o pôrque. Segundo ele o sistema religioso da comunidade japonesa no Brasil pode ser explicado basicamente pela estrutura triangular como o gráfico 06 mostra.

Analisando em termos de funções como os eventos oficiais da comunidade japonesa, ritos de passagem, os eventos anuais e a solução de problemas, Nakamaki conclui que as atividades religiosas dos nipo-brasileiros são divididas por três elementos: o budismo, o catolicismo e as religiões novas. Sob aspecto de funções o budismo e o catolicismo dividem a área de religião oficial, e na área de ritos de passagem e eventos anuais as religiões novas ocupam seu espaço com outros dois, embora sua influência ainda seja menor. Por outro lado, na área de solução de problemas , as religiões novas têm sua maior força.

Gráfico 06 : Sistema religioso da
comunidade japonesa no Brasil



Fonte : NAKAMAKI, Hirochika. Nihon-shukyo
to nikkei-shukyo no kenkyu. Tokyo,
Tôsui-shobô, 1989. p.399.

Por outro lado, essa divisão de atividades religiosas da comunidade japonesa demonstra também o alto grau de generosidade religiosa no Brasil.

Neste aspecto seria interessante pesquisar também os brasileiros de ascendência não japonesa que são seguidores das religiões novas. Será que eles também diriam que são católicos ao mesmo tempo? E se é assim, quais são funções dessas religiões?

Wagley já tinha mencionado que era possível que os brasileiros sofridos de origem rural procurassem em alguma outra forma religiosa a consolação que o catolicismo tradicional não oferecia.(10) Certamente essa divisão reflete as características do catolicismo citadas acima como a identificação nacional e certo sentido de falta de solução dos problemas.

O catolicismo então é simplesmente concebido pelos japoneses em termos de identificação nacional? Nesse sentido seria interessante pesquisar não só o catolicismo e sua identificação nacional, mas também a relação entre as religiões e suas identificações de grupos. Segundo Maeyama, etnicidade e cultura, principais fatores determinantes da identificação de grupo, estão dando lugar cada vez mais à religião. Em outras palavras, enquanto que nacionalidade, língua e diferenças culturais têm diminuído, a identificação religiosa não somente é mantida como vem sendo enfatizada.(11)

Com as informações que obtivemos do questionário, é difícil fazer análise nesse sentido. No entanto, é possível verificar certas coisas. No quadro 28 foi feita a relação entre a religião e o relacionamento social. O que fica evidente nesse quadro são;

1) No grupo issei, tanto no sexo masculino como no sexo feminino, os budistas têm a forte tendência de ter relacionamento social mais com os japoneses. O issei do sexo masculino, quando é católico, tem relacionamento social mais com os brasileiros.

2) No grupo nissei, porém, sendo católico, não pode dizer que ele ou ela tem relacionamento social mais com os brasileiros, pois os católicos ocupam a maior percentagem em todos os tipos de relacionamento social. Ou seja, no grupo nissei é difícil verificar a ligação entre a religião e o relacionamento social.

No quadro 29 foi feita outra relação entre a religião e a opinião sobre o casamento interétnico. Foram verificados que;

1) No grupo issei o maior número de budistas, tanto o sexo masculino como o sexo feminino, "prefere nissei", e principalmente no sexo masculino esta tendência é forte sendo que muitos têm a opinião "contra". No sexo feminino, no entanto, ser budista não quer dizer que "prefere nissei" ou "contra". Muitas budistas também acham o casamento interétnico "natural". Ou seja, o fator "religião" na opinião sobre o casamento interétnico é fraco no sexo

Quadro 28 :
Religião e relacionamento social

		só B	B>J	B=J	J>B	só J	indefinido
I S S E I	M		cpo 611	bcnop 95421	bnpc 224321	b 1	3
	F		bcno 2111	bcnp 8221	bnpo 18642	p 1	1
N I S S E I	M	c 1	cnob 7431	cbnp ^o 195532	cpo 321		1
	F		cnbe 10411	cnbp 14752	cpbn 6622		1

b = budista c = católico e = espírita
n = novas religiões p = protestante
o = não tem

Fonte : Pesquisa em 1988

Quadro 29 : Religião e
opinião sobre casamento interétnico

		natural	nada contra	prefere nissei	contra	indefinido
I S S E I	M	cbnop 75421	bnc 5321	bpon 12432	bcno 9111	2
	F	bcpno 83333	bncpo 43111	bpn 931	p 1	6
N I S S E I	M	cnobp 125531	cno 611	cbpno 114311	np 11	1
	F	cne 1131	cnpbo 125211	cnbp 10544	p 1	2

b = budista c = católico e = espírita
n = novas religiões p = protestante
o = não tem

Fonte : Pesquisa em 1988

feminino. No sexo masculino, quando é budista, "prefere nissei" muito mais, e, por sua vez, quando é católico, acha "natural".

2) No grupo nissei não é possível notar esta ligação da religião com a opinião sobre o casamento interétnico.

As diferenças de religião muitas vezes são consideradas como obstáculo muito sério à miscigenação. Isto pode ser verificado, pelo menos a respeito dos isseis como foi visto nos quadros 28 e 29. Quanto aos nisseis, porém, a religião não exerce essa influência à primeira vista. Aqui é preciso lembrar a explanação de Maeyama e de Nakamaki. O catolicismo foi aceito pelos japoneses como uma identificação nacional e não foi acompanhado, muitas vezes, pela interiorização da fé. O catolicismo assume a função de religião oficial. Neste ponto seria interessante fazer um estudo comparativo com os alemães luteranos que estão também em confronto com a tradição católica do povo brasileiro.

NOTAS DE REFERÊNCIA

(1) NAGAYAMA, Takeo. Nikkei Colônia: revista memorial n.30, Londrina, Mainichi-kohô-shuppansha, 1983. p.15-6.

(2) NAKAMAKI, Hirochika. Nihon-shukyô to nikkei-shukyô no kenkyu. Tokyo, Tôsui-shobô, 1989.

(3) "religiões novas" ou "novas seitas" indicam as várias novas seitas religiosas surgidas do povo após a guerra e que não eram religiões tradicionais tais como o xintoísmo e o budismo.

(4)MAEYAMA, Takashi. Religião, parentesco e as classes médias dos japoneses no Brasil urbano. In: Assimilação e integração dos japoneses no Brasil. São Paulo, Vozes, 1973. p.250.

(5)SHADEN, Egon. Imigrantes alemães e japoneses: uma visão comparativa. In: SAITO, Hiroshi. A presença japonesa no Brasil. São Paulo, Ed. da U.S.P., 1980. p.143.

(6)MAEYAMA, p.242.

(7)"ie" significa em japonês "casa, lar, família e sistema familiar, etc."

(8)MAEYAMA, p.270.

(9)NAKAMAKI, p.399.

(10)WAGLEY, Charles. An introduction to Brazil. Tokyo, Ninomiya-shoten, 1971. p.217.

(11)MAEYAMA, p.240.

LÍNGUA E ESCOLA JAPONESAS

Quanto à língua, foram feitas três perguntas (perguntas 28, 29 e 30). Na pergunta 28 foi verificado o contato com a língua japonesa dos nisseis e sanseis.

Tanto no grupo nissei como no grupo sansei quase oitenta por cento deles tiveram a oportunidade de estudar a língua japonesa (quadro 30). No que se refere ao local de estudo, o quadro 31 mostra bem a mudança que está acontecendo. O grupo nissei estudou mais na escola da colônia do que no curso na cidade contrastando com o grupo sansei que a grande maioria estudou no curso na cidade. Esta diferença é resultado da vinda dos japoneses para a cidade e a urbanização que a sociedade brasileira como um todo tem sofrido.

Não foi possível fazer alguma comparação com o mesmo tipo dos dados porque não foram encontrados. Mas, o fato de cerca de trinta por cento do grupo sansei ter estudado na escola da colônia revela grande interesse pela língua dentro da colônia, seja por parte dos isseis e nisseis seja por parte dos sanseis.

Outro fato interessante é que o sexo feminino, tanto no grupo nissei como no grupo sansei, é mais caseiro no estudo da língua. Elas estudaram mais em

Quadro 30 : Oportunidade de estudar japonês (%)

	sim	não	em branco
N I S S E I	M 75,0	M 19,6	M 5,4
	F 80,0	F 18,3	F 1,7
	T 77,6	T 19,0	T 3,4
S A N S E I	M 75,0	M 25,0	M ---
	F 78,4	F 15,7	F 5,9
	T 76,7	T 20,4	T 2,9

Fonte : Pesquisa em 1988

Quadro 31 : Local onde estudou japonês

	em casa	colônia	curso	em branco
N I S S E I	M 14,3	M 40,5	M 47,6	M 7,1
	F 25,0	F 43,8	F 31,2	F 6,3
	T 20,0	T 42,2	T 38,9	T 6,7
S A N S E I	M 10,3	M 25,6	M 64,1	M 5,1
	F 15,0	F 32,5	F 57,5	F 5,0
	T 12,7	T 29,1	T 60,8	T 5,1

Fonte : Pesquisa em 1988 (%)

Obs) Sete nisseis e seis sanseis responderam que estudaram em dois locais. Portanto, a percentagem total não fica cem por cento.

casa e na colônia do que os homens. Isto indica que as filhas são mais ligadas ou apegadas às casas ou à colônia onde nasceram.

A respeito do tempo de estudo, também foram verificadas as diferenças entre o grupo nissei e o grupo sansei. Embora as respostas "três a cinco anos" e "seis a doze anos" sejam mais freqüentes no grupo nissei, no grupo sansei a resposta "um a dois anos" tem a maior percentagem (quadro 32). O que indica aqui é que muitos sanseis passaram a ter interesse pela língua japonesa recentemente depois de crescerem ou depois de entrar na universidade.

Então com que motivo os descendentes começaram a estudar japonês? No quadro 33 foi verificado que não há muita diferença entre os nisseis e sanseis. O que ficou evidente é que em ambos os grupos mais ou menos um terço deles estudaram japonês por imposição e quase a metade estudou a língua voluntariamente. Embora a metade dos descendentes japoneses estudasse a língua japonesa voluntariamente, a percentagem de trinta e poucos por cento que estudou por imposição é bastante alta. Isso mostra a maior preocupação e zelo por parte dos pais dos descendentes como já foi visto no capítulo de casamento interétnico. A resposta "objetivos especiais" em torno de sete por cento foram

Quadro 32 : Tempo de estudo de japonês

anos		1~2	3~5	6~12	13~	em branco
N I S S E I	M	23,8	28,6	33,3	---	14,3
	F	20,8	45,8	18,8	2,1	12,5
	T	22,2	37,8	25,6	1,1	13,3
S A N S E I	M	30,8	41,0	25,6	---	2,6
	F	50,0	27,5	17,5	2,5	2,5
	T	40,5	34,2	21,5	1,3	2,5

Fonte : Pesquisa em 1988 (%)

Quadro 33 : Motivo de estudar japonês

		volunt.	imposi.	ob.esp.	em branco
N I S S E I	M	50,0	M 35,7	M 4,8	M 11,9
	F	52,1	F 29,2	F 8,3	F 12,5
	T	51,1	T 32,2	T 6,7	T 12,2
S A N S E I	M	64,1	M 28,2	M 12,8	M 2,6
	F	52,5	F 42,5	F 2,5	F 5,0
	T	58,2	T 35,4	T 7,6	T 3,8

Fonte : Pesquisa em 1988 (%)

Obs) Dois nisseis responderam que tinham dois motivos. Portanto, a percentagem total não fica cem por cento.

expectativa de obter oportunidade para profissionalização e especialização no Japão.

No que diz respeito ao grau de compreensão da língua japonesa, foi feita a pergunta 29. No grupo nissei, exatamente cinquenta por cento dos nisseis responderam que conseguem dialogar mais ou menos e dezoito por cento das pessoas "deram a resposta de não ter dificuldade nos diálogos e ler livros e jornais(quadro 34). "Dialogar mais ou menos" pode não ser uma noção clara dependendo da interpretação de cada pessoa. Em outras palavras, este quadro indica simplesmente a auto-avaliação de próprios nisseis e sanseis.

Voltando ao grupo nissei, é importante saber que menos de vinte por cento dos nisseis ou "não entendem nada" ou "sabem só algumas palavras japonesas". Este contingente no grupo sansei se duplica enquanto a percentagem das pessoas que "conseguem dialogar mais ou menos" e "não têm dificuldade nos diálogos e lêem livros e jornais" diminui de sessenta e oito por cento para trinta e três por cento, menos da metade. Mesmo assim, vinte e três por cento dos sanseis "entendem o que outros falam". Estas últimas percentagens parecem um pouco altas. Pode ser que esses sanseis tenham tido contato intenso com a língua japonesa na colônia onde nasceram, ou seja, viveram mais no círculo nipônico.

Quanto ao estudo da língua japonesa para os filhos na pergunta 30, em todos os grupos a grande

Quadro 34 : Grau de compreensão
da língua japonesa

	não entende	algumas palavras	entende q. falam	dialogar	lê livros	em branco
N I S S E I T	M ---	16,1	7,1	58,9	14,3	3,6
	F 3,3	15,0	11,7	41,7	21,7	6,7
	T 1,7	15,5	9,5	50,0	18,1	5,2
S A N S E I T	M 11,5	36,5	17,3	26,9	7,7	---
	F 2,0	31,4	29,4	29,4	2,0	5,9
	T 6,8	34,0	23,3	28,2	4,9	2,9

Fonte : Pesquisa em 1988

(%)

Quadro 35 : Estudo de língua
japonesa para os filhos

	sim	não	em branco	indefinido
I S S E I T	M 93,7	M 1,6	M 4,8	M ---
	F 91,8	F 2,0	F 6,1	F ---
	T 92,9	T 1,8	T 5,4	T ---
N I S S E I T	M 92,9	M 1,8	M 5,4	M ---
	F 96,7	F ---	F 3,3	F ---
	T 94,8	T 0,9	T 4,3	T ---
S A N S E I T	M 92,3	M 1,9	M 1,9	M 3,8
	F 90,2	F 2,0	F 7,8	F ---
	T 91,3	T 1,9	T 4,9	T ---

Fonte : Pesquisa em 1988 (%)

maioria respondeu "sim" categoricamente (quadro 35). Esse desejo não muda de uma geração para a outra e nem apresenta diferença entre os sexos.

Somente os motivos que levaram as pessoas a desejar e estimular o estudo aos filhos diferem em cada geração.

Quando são comparadas três gerações, ficam claros os motivos de cada geração. (quadro 36) A maioria dos isseis "gostaria que herdassem traços da tradição e cultura japonesa" e que os filhos "conversassem em japonês com os pais ou os avós", embora a maioria dos nisseis e os sanseis acham que "seria vantajoso no futuro, na hora de arrumar emprego ou tentar uma bolsa de estudos".

O desejo de seus filhos conversarem em japonês com os pais é muito forte entre os isseis e isso é mais que natural. Muitos isseis, não podendo dominar a língua portuguesa, mal conseguem transmitir o que queriam dizer. A desconsolação em termos de dificuldade em comunicação foi e ainda é bastante comum para muitos isseis. Mas, como é de esperar, esta percentagem diminui gradativamente. Em compensação, a percentagem de empregos e bolsas de estudos cresce rapidamente chegando no grupo sansei sessenta e cinco por cento. Estas diferenças mostram que as gerações novas consideram o estudo da língua japonesa como um meio de ganhar a vida, mais no sentido prático enquanto os isseis pensam o mesmo como uma maneira de adquirir e manter a niponicidade, ou seja, algo da

Quadro 36 : Motivo de estudo de
língua japonesa para os filhos

	tradição cultura	emprego bolsa	conversa com pais	outras razões
I S S E I	M 67,8	M 23,7	M 52,5	M ---
	F 48,9	F 20,0	F 53,3	F ---
	T 59,6	T 22,1	T 52,9	T ---
N I S S E I	M 51,9	M 53,8	M 28,8	M 1,9
	F 46,6	F 58,6	F 36,2	F 3,4
	T 49,1	T 56,4	T 32,7	T 2,7
S A N S E I	M 60,4	M 62,5	M 31,3	M 10,4
	F 58,7	F 67,4	F 28,3	F 6,5
	T 59,6	T 64,9	T 29,8	T 8,5

Fonte : Pesquisa em 1988 (%)

Obs) Muitas pessoas marcaram mais de dois motivos. Portanto, a percentagem total não fica cem por cento.

tradição e cultura japonesa. É curioso nesse sentido que no grupo sansei voltou a crescer a percentagem de "tradição e cultura japonesa". Isso deve, em parte, à origem dos muitos sanseis que é do interior onde se encontram "colônias japonesas".

É bom lembrar aqui a frase de Smith; "The Brazilians build a town beginning with plaza and the church, but the Japanese start with the school". Isso não só representa a importância da escola dentro da comunidade, mas significa também que a escola japonesa servia como centro espiritual da comunidade.(1)

NOTAS DE REFERÊNCIA

(1)MAEYAMA, Takashi. O antepassado, o imperador e o imigrante: Religião e identificação de grupo dos japoneses no Brasil rural(1908-1950). In: Assimilação e integração dos japoneses no Brasil. São Paulo, Vozes, 1973. p.437.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CARACTERÍSTICAS DA COMUNIDADE JAPONESA EM CURITIBA

Comunidade japonesa em Curitiba

A comunidade japonesa em Curitiba é formada, com poucas exceções, por japoneses que já tinham vivido em outras regiões, como no litoral paranaense, no Estado de São Paulo e no norte do Paraná. A sua presença, apesar de ser antiga, permanece tímida até a Segunda Guerra Mundial, quando se deu o início do seu desenvolvimento. Depois de serem fundadas algumas colônias na década de 50, foi somente a partir da década de 60 que começou, de fato, a crescer a população nipônica com a vinda dos nisseis, que procuravam o curso superior na capital. Desta maneira, a comunidade japonesa em Curitiba é dividida em dois grupos. O primeiro grupo é daqueles que vieram procurar uma vida nova com toda a família, isto é, isseis e nisseis juntos. E o segundo, é daqueles em que primeiro vieram os filhos nisseis como estudantes e mais tarde seus pais isseis.

Participação antecipada dos nisseis

Como nunca existiram colônias grandes nem núcleos coloniais japoneses em Curitiba, o aumento substancial da população japonesa só começou a partir da vinda dos jovens nisseis, como foi dito anteriormente. A solidariedade desses nisseis que vinham de várias cidades do interior era mais forte do que a dos isseis já residentes em Curitiba, que viviam relativamente distanciados. O movimento da U.G.C. é um bom exemplo, e dentro da comunidade nipônica e ao mesmo tempo na sociedade brasileira cresceu rapidamente o status e o poder dos nisseis em contraste com os isseis, que já eram dependentes ou tinham menos prestígio social. Isso facilitou aos nisseis conquistarem seu espaço no Bunkyo mais cedo do que em outras regiões como, por exemplo, em São Paulo, onde somente neste ano(1991) ocorreu a eleição de um primeiro presidente nissei.

Educação - fator motivador de aculturação

O resultado de alguns aspectos analisados mostrou que foi a preocupação em propiciar educação superior aos filhos que acabou trazendo muitos isseis para a capital. Isso não só acelerou a integração dos nisseis, como também passou a influenciar o hábito dos próprios isseis que ficaram expostos a mudanças. Assim, desde a simples mudança de residência até a

alteração do relacionamento social, tudo teve sua origem na questão da educação dos filhos.

ANÁLISE COMPARATIVA POR GERAÇÃO.

A análise comparativa feita através do questionário pelo método de amostragem aleatória revelou que quanto mais nova a geração mais aculturada em certos aspectos, como "opinião sobre o casamento interétnico", "relacionamento social" e "religião". Três fatos destacam, no entanto, esses resultados.

O primeiro é que, embora o processo de aculturação seja mais acelerado quanto mais nova a geração, isso é verdade somente em termos genéricos. Em outras palavras, enquanto o descendente, nissei ou sansei, desta ou daquela geração, se ele tiver vivência rural, muitas vezes convivendo, na colônia, predominantemente com seus conterrâneos, ele receberá forte influência dos isseis e, portanto, estará inclinado a absorver e manter a tradição. Mas, aquele que vive há muito tempo na região urbana e cresce acostumado ao meio brasileiro, convivendo com os brasileiros, sofre muito menos esse tipo de influência. O sansei, que costuma ser considerado inteiramente brasileiro, se ele nasce no seio da colônia e continua vivendo na comunidade japonesa, pode ter uma mentalidade muito mais parecida com a do issei do que com a do nissei nascido na região urbana.

O importante é que hoje a divisão por geração está começando a perder sua integridade em cada grupo. Apesar de ainda se poder verificar diferenças nítidas entre as gerações como um todo, cresce cada vez mais a diferenciação dentro de cada grupo. Em outras palavras, vimos que existem diferenças consideráveis entre as diversas gerações (issei, nissei e sansei), mas ao mesmo tempo dentro de cada uma dessas gerações há diferenças que vêm se acentuando cada vez mais.

O segundo, é que para aqueles que nasceram no interior, como é o caso da grande maioria das pessoas pesquisadas, o contato mais intenso com a sociedade brasileira ocorre a partir do início do curso superior ou da atividade profissional.

O terceiro fato é que os nisseis casados, dos quais a grande maioria é nascida nas antigas colônias paulistas, antes da Segunda Guerra Mundial, são menos aculturados do que os isseis em alguns aspectos. Isso reflete a influência de seus pais, que pretendiam voltar para o Japão, e, portanto, eles têm uma mentalidade mais conservadora. Um desses fatos marcantes revelado na questão "opinião sobre o casamento interétnico" mostra a preferência da mulher nissei casada por nissei. Pela tradição japonesa as nisseis que são mais apegadas à família estão mais inclinadas a receber a influência da cultura de origem. Quanto aos nisseis de sexo masculino, esta influência é mais fraca, uma vez que os homens, em grande maioria, são encorajados a sair de casa e a

trabalhar fora, aceitando os valores da sociedade brasileira para subir no status social.

CASAIS INTERÉTNICOS

Nas entrevistas realizadas com seis casais interétnicos, foram verificadas algumas características interessantes. . .

A primeira é o forte laço da mãe com a filha casada e o contato mais frequente do casal com a mãe da esposa. Este fenômeno que comumente se diz no Brasil "A família da noiva ganha mais um filho" foi confirmado também nos casais interétnicos.

Se há diferenças entre os casais japoneses e brasileiros, uma delas seria a respeito do controle financeiro. Neste aspecto, a maioria segue o estilo brasileiro, ou seja, é o homem quem detém o controle financeiro. Houve um casal no qual a esposa nissei controlava a parte financeira da casa e o marido concordava que isto constituia característica nipônica. Pelo número raro de casos é de se julgar que esse costume japonês terá difícil sobrevivência.

Os comentários feitos pelos casais sobre as diferenças entre a família japonesa e a brasileira revelam uma perspectiva de qual aspecto poderia mudar nos casais interétnicos. Em primeiro lugar, a diferença de alimentação, que é o primeiro choque, não chega a ser problema. Embora os cônjuges brasileiros

estranhem a comida japonesa, no início, alguns acabam gostando e todos assumem uma posição eclética adotando ambos os tipos de comida, a japonesa e a brasileira. E dessa maneira que a alimentação nipônica vai sobreviver nos casais interétnicos. Em segundo lugar, seja qual for o aspecto da cultura, a influência da mãe é sempre maior que a do pai, como foi visto a respeito da educação. Em outras palavras, se algo da cultura japonesa sobreviver nos casais interétnicos, é muito mais provável que isso aconteça nos casais cujas esposas são descendentes de japoneses. Nesse sentido, "a continuidade da família", uma característica da família japonesa, comentada pelo marido nissei do casal "A", não sobreviverá nesse casal. Por outro lado, "o senso de gratidão e a parte espiritual da coisa" que a esposa nissei do casal "B" considera bastante nipônicos e quer mantê-los, terão maior chance de sobreviver nesse casal. Enfim, o ponto mais importante é o fato de que o homem é mais influenciado pela família da esposa do que a mulher pela família do marido.

RELIGIÃO

Com relação à religião, a mudança é rápida e nítida, na medida em que muda a geração. Vimos que a percentagem do catolicismo cresce do issei para o sansei, de 15 a 64 por cento, enquanto que a do budismo diminui de 52 a 7 por cento. Esta mudança,

contudo, representa somente o aspecto numérico e "ser católico" não significa a mesma coisa para diferentes gerações e sexos. No grupo issei do sexo masculino, "ser católico" é um parâmetro para medir se ele é aculturado também em outros aspectos, pois quando é católico, ele tem um relacionamento social mais "brasileiro" e tem opiniões menos conservadoras sobre o casamento interétnico. Ao contrário, se ele é budista, há tendência de ter um relacionamento social mais "japonês" e opiniões mais conservadoras sobre o casamento interétnico. No entanto, no grupo issei de sexo feminino não é possível confirmar esta relação e além disso as católicas são poucas. No grupo nissei, tanto do sexo masculino como do sexo feminino os católicos predominam, mas também é impossível verificar alguma ligação com outros aspectos. Ou seja, para os nisseis, muitas vezes, o catolicismo é aceito como religião oficial, mas significa mera acomodação.

LÍNGUA JAPONESA

Cerca de oitenta por cento dos nisseis e sanseis teve a oportunidade de estudar a língua japonesa. Os nisseis estudaram predominantemente nas escolas das colônias enquanto que os sanseis fizeram algum curso na cidade.

Há uma grande diferença entre os nisseis e os sanseis com relação ao grau de compreensão da língua japonesa. A percentagem dos sanseis que sabem dialogar

e ler livros reduz-se a menos da metade da percentagem dos nisseis. Embora haja grande interesse, em todas as gerações, de aprender e transmitir aos seus filhos a língua japonesa, a mudança em termos de compreensão da mesma é rápida.

Enfim, este trabalho foi apenas o primeiro passo para conhecer um pouco mais sobre o que está acontecendo com os imigrantes e como vai ser o futuro da "salada mista", tendo os japoneses de Curitiba como seu objeto.

O que foi levantado não é muito, mas foi possível especular bastante para dar pistas a futuros trabalhos mais detalhados. Alguns aspectos relacionados com as perguntas 12-16 foram explorados somente com os casais interênicos e outros, como aspectos econômicos, por exemplo, não foram incluídos neste trabalho por limitações do pesquisador e falta de materiais estatísticos. O que é necessário agora é atingir um número maior de entrevistados e analisar a correlação entre vários outros aspectos. Também seria interessante tentar o mesmo tipo de estudo com outros grupos étnicos.

ANEXOS

Questionário em português	183
Questionário em japonês	185
Relação das pessoas entrevistadas	187

OBS: Marque com X o quadrado da resposta que corresponde à sua realidade e responda as perguntas.

01. Qual é seu sexo? masculino feminino
02. Qual é sua nacionalidade?
japonesa
brasileira → nissei sansei yonsei naturalizado
03. Quantos anos você tem? ___ anos
04. Onde você nasceu?
Japão Paraná São Paulo outro estado outro país
Cite o nome da cidade _____
05. Se você nasceu no Japão, quando veio para o Brasil?
ano de 19__
06. Quanto tempo você mora em Curitiba? ___ anos
07. Qual é sua profissão? _____
08. Qual é ou era profissão de seu pai? _____
09. Quantos irmãos você tem (incluindo você)?
nº ___ : masculino ___ feminino ___
10. Qual é a ordem de seu nascimento? ___º filho(a)
11. Você fez ou faz algum curso na universidade?
sim → Qual foi ou é o curso? _____
não
12. Com quem você mora em sua casa?
marido esposa filhos (nº ___) pai mãe
sogro sogra outros _____
13. Onde moram seus pais?
Curitiba Paraná São Paulo outros estados
Japão outro país Cite o nome da cidade _____
14. Com que frequência você visita seus pais?
semanalmente mensalmente somente nas ocasiões especiais
uma ou duas vezes por ano
15. Onde moram seus sogros?
Curitiba Paraná São Paulo outros estados
Japão outro país Cite o nome da cidade _____
16. Com que frequência você visita seus sogros?
semanalmente mensalmente somente nas ocasiões especiais
uma ou duas vezes por ano
17. Na sua família (entre seus parentes) tem alguém casado com brasileiro(a) de descendência não japonesa?
sim → Quantos casamentos tem? ___ casamentos
↓
Nesses casamentos, como foi a aceitação da família?
favor contra condescendência
não
18. Qual é sua própria opinião sobre o casamento com brasileiro(a) de descendência não japonesa?
natural nada contra prefere nissei contra
Explique porquê _____

19.0 que acha de casamento arranjado(OMIAI KEKKON)?

bom ruim

Explique porquê _____

20. Você acha que a opinião dos pais e do irmão mais velho deve ser mais respeitada do que a dos outros?

sim não

21. Você acha que a responsabilidade pelos pais é principalmente do primogênito ou de todos igualmente?

primogênito todos igualmente

22. Quem mora com seus pais?

primogênito 2º filho 1ª filha 2ª filha caçula
outro(a) filho(a) moram sós

23. No seu relacionamento social, tem mais brasileiros ou mais japoneses?

mais brasileiros mais japoneses mais ou menos mesma percentagem só brasileiros só japoneses

24. Qual é sua religião?

católica protestante budista messiânica seicho-no-ie
soka-gakkai outra (Cite a religião _____) não tem

25. Você frequenta a igreja?

sim → semanalmente mensalmente de vez em quando
não

26. Qual é a religião de seus pais?

católica protestante budista messiânica seicho-no-ie
soka-gakkai outra (Cite a religião _____) não tem

27. Qual é a religião de seu cônjuge?

católica protestante budista messiânica seicho-no-ie
soka-gakkai outra (Cite a religião _____) não tem

28. Você teve oportunidade de estudar japonês?

sim → Onde você estudou?

em casa escola na colônia curso na cidade

Quanto tempo você estudou? ____ anos



Você estudava voluntariamente ou por imposição?

voluntariamente por imposição

com objetivo específico

(Cite o motivo _____)

não

29. Qual é seu grau de compreensão da língua japonesa?

*Não entendo nada *Sei só algumas palavras japonesas

*Entendo o que outros falam *Consigo dialogar mais ou menos

*Não tenho dificuldade nos diálogos e leio livros e jornais em japonês

30. Você quer que seus filhos aprendam a língua japonesa?

sim Por que? *Gostaria que herdassem traços da tradição e cultura japonesa.

*Seria vantajoso no futuro, na hora de arrumar emprego ou tentar uma bolsa de estudos.

*Gostaria que eles conversassem em japonês com os pais ou os avós.

*outras razões (Explique _____)

não Por que?

Explique _____

一世用アンケート : 次の質問に答えて、あてはまるところ(□)に×印をつけて下さい。また、とくに理由や意見があったら書き加えて下さい。

01. 性別 男 女
02. 国籍 日本 ブラジル
03. 年齢 _____才
04. 出世地 _____県 _____市
05. いつブラジルに生まれましたか。 19____年
06. クリチバに何年住んでいますか。 _____年
07. あなたの職業は何ですか(あるいは何でしたか)。 _____
08. あなたの父親の職業は何でしたか。 _____
09. 兄弟姉妹は何人いますか(亡くなった人、自分も含めて)。
 _____人 : 男 _____人 ; 女 _____人
10. あなたは兄弟あるいは姉妹のうち、上から何番目ですか。 _____男 , _____女
11. 大学で何か勉強しましたか。
 はい → どのコースを勉強しましたか。 _____
 いいえ
17. あなたの家族・親類のなかで、非日系のブラジル人と結婚している人がいますか。
 はい → 何人いますか。 _____人

その人たちの結婚の際、家族の反応はどうでしたか。

賛成 反対 黙認・譲歩

・ いいえ

18. 非日系のブラジル人との結婚について、あなた自身の意見はどうですか。

自然だと思う 反対はしない 反対である

二世の方が好ましい

理由を説明して下さい。 _____

19. お見合い結婚のことをどう思いますか。 よい よくない

理由を説明して下さい。 _____

20. 両親や長男の意見は、家族のほかの者の意見よりも尊重されるべきだと思いますか。

はい いいえ

21. 両親の面倒をみるのは主に長男の責任だと思いますか。それとも、子供たちみんなの同等の責任だと思いますか。

長男 子供たちみんな

22. あなたは子供のうちの誰といっしょに住んでいますか。

長男 二男 長女 二女

末男 末女 夫婦のみ

23. あなたの日頃のつきあいは、ブラジル人の方が多いですか。それとも日系人の方が多いですか。

ブラジル人の方が多い 日系人の方が多い だいたい同じ割合

ブラジル人のみ 日系人のみ

24. あなたの宗教は何ですか。

カトリック プロテスタント 仏教

世界救世教(メシアニカ) 生長の家 創価学会

無し その他 _____

25. 教会に行くことがありますか。

はい → 毎週 毎月 ときどき

いいえ

26. あなたの両親の宗教は何でしたか。

カトリック プロテスタント 仏教

世界救世教(メシアニカ) 生長の家 創価学会

無し その他 _____

27. あなたの配偶者(夫あるいは妻)の宗教は何ですか。

カトリック プロテスタント 仏教

世界救世教(メシアニカ) 生長の家 創価学会

無し その他 _____

30. あなたの子供や孫たちに日本語を学んでほしいと思いますか。

はい → *日本の伝統や文化を身につけてほしいから

*将来、仕事を見つたり奨学金をもらう時に有利だから

*子供たちに親や祖父母と日本語で話してほしいから

*その他 _____

いいえ 理由 _____

RELAÇÃO DAS PESSOAS ENTREVISTADAS

BELTRÃO, Teruko Iwakami

Issei. Chegou ao Brasil em 1931 e reside em Curitiba desde 1974. Participa ativamente nos eventos da comunidade japonesa e uma das maiores colaboradoras do Bunkyô.

ENDO, Keiichi

Issei. Nasceu em 1935 e chegou ao Brasil em 1960. Reside em Curitiba desde 1969. Dono de agent-service e contabilidade.

HAMASAKI, Satoru

Issei. Nasceu em 1910 e veio ao Brasil em 1926. Reside no bairro Uberaba em Curitiba desde 1938. Um dos fundadores da Associação japonesa de Uberaba.

HISHIDA, Shigeo

Issei. Chegou ao Brasil em 1934 e reside em Curitiba desde 1973. Trabalha na sociedade beneficente assistencial Curitiba. Daiguin do Bunkyô.

IIDA, Toshihide

Nissei. Nasceu em Assaí. Foi diretor de várias associações japonesas. Vice-presidente da Associação Fraternal Glória.

IWAYA, Sôichi

Issei. Chegou ao Brasil em 1934. Foi diretor da Associação Cultural Nipo-Brasileira de Assaí. Secretário geral da Sociedade Beneficente Assistencial Curitiba. Diretor da Associação Fraternal Glória.

KAWAY, Nilo

Nissei. Nasceu em Antonina. Advogado. Reside em Curitiba desde 1942.

KAWASE, Hisashi

Issei. Chegou ao Brasil em 1927 e desde 1931 reside em Curitiba.

MASAKI, Kinichiro

Issei. Nasceu em 1922 e chegou ao Brasil em 1936. Diretor do departamento de bem-estar do Bunkyo. Reside em Curitiba desde 1964.

MATSUO, Hiroshi

Issei. Chegou ao Brasil em 1928. Diretor do departamento de comunicação da Associação Fraternal Glória e trabalhou para a Revista "Colônia Nikkei" por muito tempo.

ODA, Kenji

Issei. Presidente do conselho do Bunkyo.

OKAMURA, Yoshio

Issei. Nasceu em 1929 e chegou ao Brasil em 1937 e reside em Curitiba desde 1954. Foi o sexto presidente do Bunkyo de 1980-84.

SAITO, Toshiaki

Nissei. Professor universitário.

SAKAMORI, Akiyoshi

Issei. Nasceu em 1908 chegou ao Brasil em 1930. Reside em Curitiba desde 1978 e tinha pensão para estudantes nisseis. Daiguiin do Bunkyo. Participou do censo da comunidade japonesa em 1985.

SASAKI, Masao

Issei. Reside em Curitiba desde 1978.

SATO, Celso

Nissei. Nasceu em Assaí. Reside em Curitiba desde 1971. Ex-sócio da U.G.C.

SUZUKI, Kazuko

Issei. Esposa do Celso SATO.

TERASAWA, Susumu

Issei. Chegou ao Brasil em 1928. Um dos pioneiros da colônia Alvorada.

WASHIDA, Hayao

Issei. Nasceu em 1902 e chegou ao Brasil em 1925 e desde então reside em Antônia e em Curitiba. Foi o primeiro presidente da Associação Unida dos japoneses de 1959-64.

YAMAWAKI, Jorge

Sansei. O oitavo (primeiro sansei) presidente do Bunkyo de 1986-88.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ANDRADE, João Correa de. A colônia Esperança; o japonês na frente de expansão paulista. Curitiba, 1975. Tese de mestrado da UFPR.
- 2 BUTSUGAN, Sumi. O casamento interétnico em Presidente Prudente. In: SAITO, Hiroshi. A presença japonesa no Brasil. São Paulo, Ed. da USP, 1980. p.101-112
- 3 CARDOSO, Ruth Correa Leite. O agricultor e o profissional liberal entre os japoneses no Brasil. In: Revista de Antropologia, 11 (1/2), jun.-dez. 1963. p.56-60.
- 4 _____. Organização familiar entre os japoneses de São Paulo. In: Revista do Museu Paulista. São Paulo, 14:277-82, 1963.
- 5 _____. O papel das associações juvenis na aculturação dos japoneses. In: Revista de Antropologia. VII (1/2):101-122, jun.-dez. 1959.
- 6 CENTRO DE ESTUDOS NIPO-BRASILEIROS. Pesquisa da população de descendentes de japoneses residentes no Brasil. São Paulo, junho de 1988.
- 7 _____. Pesquisa da população de descendentes de japoneses residentes no Brasil 1987-1988. São Paulo, outubro de 1990.
- 8 CORNELL, John B. Acculturation and Assimilation of Rural Japanese in Southern Brazil. VIII International Congress of Anthropological & Ethnological Sciences II. Science Council of Japan, Tokyo, 1969.
- 9 _____. The Japanese in Brazil: Economic Penetration and Cultural Integration. Southwest Conference on Asian Studies, Oklahoma City, 1976.
- 10 CRUZAMENTO da ethnia japonesa; hypothese de que o japonês não se cruza com outra ethnia. São Paulo, s.ed. 1934.
- 11 DIÁRIO NIPPAK. Sansei é maioria. Diário Nippak, São Paulo, 12 mai. 1989.
- 12 DIVISÃO DE DESENVOLVIMENTO PESSOAL NIPPON STEEL CORPORATION. Japão terra e povo. Tokyo, Gakuseisha, 1982.

- 13 FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1987.
- 14 HANDA, Tomoo. O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil. São Paulo, T.A. Queiroz: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.
- 15 INDICADOR profissional e comercial da colônia japonesa do Estado de São Paulo. São Paulo, Irmãos Girotti & comp. 1937.
- 16 KIKUMURA, Akemi & KITANO, Harry H.L. Interracial Marriage: A Picture of the Japanese Americans. In: Journal of Social Issues. Los Angeles, 29 (2): 67-81, 1973.
- 17 KITANO, Harry H.L. Japanese nos Estados Unidos. In: A presença japonesa no Brasil. São Paulo, Ed. da U.S.P., 1980.
- 18 LEONETTI, Donna L. & MORRIS, Laura N. Exogamy and change in the biosocial structure of a modern urban population. In: American Anthropologist. Washington, 84 (1), March, 1982.
- 19 LEVINE, Gene. N. & MONTERO, Darrel M. Socioeconomic mobility among three generations of Japanese Americans. In: Journal of Social Issues. Los Angeles, 29(2), 1973.
- 20 MAEYAMA, Takashi. O antepassado, o imperador e o imigrante: Religião e identificação de grupo dos japoneses no Brasil rural (1908-1950). In: Assimilação e integração dos japoneses no Brasil. São Paulo, Vozes, 1973.
- 21 _____. Culture and Value System in Brazil. In: Latin American Studies. The University of Tsukuba, n.6, 1983.
- 22 _____. O imigrante e a religião. Tese de mestrado da Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. São Paulo, 1967.
- 23 _____. Japanese Religions in Southern Brazil. In: Latin American Studies. The University of Tsukuba, n.6, 1983.
- 24 _____. Religião, parentesco e as classes médias dos japoneses no Brasil urbano. In: Assimilação e integração dos japoneses no Brasil. São Paulo, Vozes, 1973.

- 25 McCracken, Jane. Oral history - basic techniques, A Manitoba Museum of Man & Nature Publication, 1974.
- 26 MIYAO, Sussumu. Posicionamento social da população de origem japonesa. In: A presença japonesa no Brasil. São Paulo, Ed. da U.S.P., 1980.
- 27 NIKKEI CLUBE DE CURITIBA. Caderno comemorativo 40 aniversário do Nikkei Clube de Curitiba. Curitiba, 1986.
- 28 ONO, Morio & WAKISAKA, Katsunori. Cultura, migração e nissei. In: Assimilação e integração dos japoneses no Brasil. São Paulo. Vozes. 1973.
- 29 SAITO, Hiroshi. Assimilação e integração dos japoneses no Brasil. São Paulo, Vozes, 1973. 558p.
- 30 _____. A família do imigrante japonês para o Brasil. Sociologia. São Paulo, 22(1):12-28, mar.1960.
- 31 _____. org. A presença japonesa no Brasil. São Paulo, Ed. da U.S.P., 1980. 243p.
- 32 SAITO, Toshiaki. Brasileiros e japoneses; confronto de identidade. In: O nikkei e sua americanidade. São Paulo, Massao Ohno Editor, 1986.
- 33 SHADEN, Egon. Aculturação de alemães e japoneses no Brasil. In: Revista de Antropologia, São Paulo, 4 (1) :41-46, jun.1956.
- 34 _____. Imigrantes alemães e japoneses: uma visão comparativa. In: SAITO, Hiroshi. A Presença japonesa no Brasil. São Paulo, Ed. da U.S.P., 1980.
- 35 SMITH, Robert J. The Ethnic Japanese in Brazil. In: The Journal of Japanese Studies, Tokyo, 5 (1):53-70, winter 1979.
- 36 SOCIEDADE CULTURAL E BENEFICENTE NIPO-BRASILEIRA DE CURITIBA. Guia de endereços da colônia nipo-brasileira de Curitiba. Curitiba, 1985.
- 37 TINKER, John N. Intermarriage and ethnic boundaries. In: Journal of Social Issues. Fresno, 29 (2):49-66, 1973.
- 38 UNIÃO DOS GAKUSSEIS DE CURITIBA. Endereços e estatísticas da colônia japonesa de Curitiba e cidades próximas. Curitiba, junho/1956.
- 39 _____. A voz da união: edição histórica 40 anos 1949-1989. Curitiba, setembro/1989.

- 40 WILLEMS, Emílio. A aculturação dos alemães no Brasil.
São Paulo, Ed. Nacional, 1980.
- 41 . A estrutura da família brasileira. In:
Sociologia. São Paulo, XVI(4):327-340,
maio/1954.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS EM JAPONÊS

- 1 青柳郁太郎 (AOYAGI, Ikutaro). ブラジルに於ける日本人発展史 上巻
(História de desenvolvimento dos japoneses no Brasil vol. I). 東京 (Tokyo),
ブラジルに於ける日本人発展史刊行委員会 (Comissão de
publicação de História de desenvolvimento dos japoneses no
Brasil). 昭和16年12月20日 (1941).
- 2 伯刺西爾時報社 (BURAJIRU-JIHÔSHA). 伯刺西爾年鑑
(Anuario do "Noticias do Brazil").
São Paulo, 1933. ブラジル日本文化協会 (Sociedade
Brasileira de Cultura Japonesa).
ブラジル日本移民70年史 (História de 70 anos da
imigração japonesa no Brasil). São
Paulo, Editora Gráfica Topan-press
Ltda, 1980.
- 3 半田知雄 (HANDA, Tomoo). 移民の生活の歴史—ブラジル日系人の歩んだ道
(O imigrante japonês: história de sua
vida no Brasil). São Paulo,
サンパウロ人文科学研究所, 1970.
- 4 平野正雄 (HIRANO, Masao). パラナ日系職業住所案内 (Guia
informativo profissional nipo-
brasileiro). Londrina, ギア・オーロベルデ社,
1974.
- 5 池田重二 (IKEDA, Shigeji). ブラジル日本移民人国記 下巻
(Comemorativo do 50° aniversário da
imigração nipônica no Brasil vol. II).
東京 (Tokyo). 日伯文化出版社 (Nippak Bunka
Shuppansha) 昭和33年5月1日 (01/mai/1958).
- 6 _____ . ブラジルパラナ州邦人移植民発展史 (Album
comemorativo do 40° aniversário da
imigração nipônica ao Brasil; expansão
econômica e imigração nipônica do
Estado do Paraná). São Paulo, 1949.
- 7 _____ . 在伯邦人産業・文化躍進の六十年 邦人ブラジル進出六十年記念出版
(Expansão econômica e cultural da
colônia japonesa do Brasil período
1906-1966). São Paulo, 1968年3月.
- 8 伊丹金蔵 (ITAMI, Kinzô). 在伯同胞発展録. São Paulo.
昭和16年7月30日 (30/julho/1941)
- 9 国際移住研究会. 国際移住. 2号. 1961.

- 10 国際協力事業団 (Japan International Corporation Agency). 移住研究 n. 16 パラナ州南部における日本人移住の概況 (Situação dos imigrantes japoneses no sul do Estado do Paraná). 東京 (Tokyo), JICA, 1979年3月 (mar/1979)
- 11 香山六郎 (KOWYAMA, Rocio). 在伯日本移植民二十五周年記念鑑 (Anuário comemorativo do 25º aniversário da imigração nipponica ao Brasil). Bauru, 聖州新報 (Semanaário de São Paulo). 1933.
- 12 前山隆 (MAEYAMA, Takashi). 移民のベース・キャンプ - サンパウロ市における外国人の集団性について. In: コロニア (Colônia) n. 44, São Paulo, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, novembro/1964.
- 13 宮城松成 (MIYAGI, Matsunari). ブラジル日系紳士録 (Personalidades da colônia japonesa no Brasil). São Paulo, 日系出版社 (Editora Nikkei), 1965.
- 14 永山武夫 (NAGAYAMA, Takeo). 記録雑誌日系コロニア. ロンドリーナ, 毎日広報出版社, 第30号 1983年3月30日. 第32号 1985年5月15日. 第33号 1986年5月15日. 第35号 1988年6月30日.
- 15 中牧弘允 (NAKAMAKI, Hirochika). 日本宗教と日系宗教の研究 日本・アメリカ・ブラジル. 東京, 刀水書房, 1989年2月27日.
- 16 中村東民 (NAKAMURA, Tōmin). 南松嶺 (A colônia japonesa e seu progresso na região de Curitiba e sul do Paraná). 1967.
- 17 日本移民50年祭委員会編 (Comissão da comemoração de 50 anos da imigração japonesa). 物故先駆者列伝. São Paulo, 1958.
- 18 パウリスタ新聞社 (Paulista shimbun). コロニア30年の歩み. São Paulo, 1977.
- 19 _____. 在伯日本人先駆者伝. São Paulo, 1955.
- 20 斎藤広志 (SAITO, Hiroshi). ブラジルにおける日系人の同化について. In: 移住研究. n. 12, 東京, 国際協力事業団, 1976年3月.
- 21 _____. ブラジルの日本人. 東京, 丸善株式会社, 1960年3月.
- 22 _____. 日本移民がブラジル南部の農業開発に及ぼした影響に関する研究. 東京, 外務省大臣官房領事移住部, 1971年3月.
- 23 サンパウロ人文科学研究所. ブラジルにおける日系人口調査報告書 -1987-1988-. サンパウロ, 1990.

- 24 サンパウロ新聞社 (São Paulo shimbun). パラナの泰順. São Paulo, 1964年6月15日.
- 25 鶴木真 (TSURUKI, Makoto). 日系アメリカ人. 東京, 講談社, 1976.
- 26 牛窪義 (USHIKUBO, Jō). パイオニア. 下巻, São Paulo, 1955年5月.
- 27 _____. パラナ日系60年史. (Histórico do 60 aniversário da colônia japonesa do Paraná) 1972年1月.
- 28 _____. 祖人 水野竜. Londrina, パラナ新聞社, 1980.
- 29 WAGLEY, Charles. An introduction to Brazil. 山本正三訳, 東京, 二宮書店, 1971.
- 30 在クリチバ領事事務所. ブラジル連邦共和国 パラナ州便覧. 昭和55年(1980)1月.